

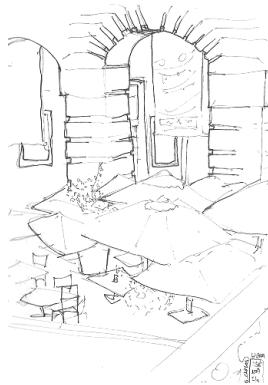


INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Universidade Técnica de Lisboa

O uso e apropriação de espaços exteriores de permanência (praças) em centros urbanos para suporte a eventos culturais — para uma metodologia de análise espaço-funcional.

Um caso de estudo: Largo de S. Carlos (Lisboa)

Maria Madalena Charters Oliveira Reis de Mariz



Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

ARQUITECTURA

Júri

Presidente: Prof. Doutor Eng. Pedro Manuel Gameiro Henriques

Orientadora: Prof.^a Doutora Arq.^a Teresa Frederica Tojal Valsassina Heitor

Co-orientadora: Mestre Arq.^a Ana Paula Filipe Tomé

Vogal: Prof.^a Doutora Eng.^a Maria do Rosário Sintra de Almeida Partidário

Setembro 2009

Resumo

Nesta dissertação exploram-se métodos de estudo das propriedades espaciais que viabilizam a realização de eventos culturais em espaço público urbano. A relevância do sector do turismo cultural na revitalização das cidades e, em particular, as estratégias utilizadas para a atracção de novos públicos através da realização de eventos culturais justificam a investigação realizada.

Como caso de estudo foi utilizado o Largo de S. Carlos em Lisboa. Elegeram-se para análise situações em que o Largo apresentava a sua vivência quotidiana e outras em que nele se realizaram eventos culturais, promovidos por diversas entidades.

A dissertação está organizada em três partes. Na primeira parte apresenta-se o estudo de caso, faz-se um breve historial da sua evolução urbana e refere-se a situação actual destacando a sua utilização como palco de eventos culturais. Na segunda parte apresenta-se a metodologia de análise espaço-funcional aplicada ao estudo de caso. Para a descrição do espaço recorreu-se ao modelo de análise sintáctica (Hillier e Hanson, 1984), e para as observações de uso do espaço utilizaram-se mapas comportamentais apoiados em tecnologia vídeo. Na terceira parte identificam-se os padrões de uso e de apropriação do largo de S. Carlos e caracterizam-se as suas condições espaço-funcionais concluindo sobre a sua aptidão para acolher eventos culturais.

Palavras-chave:

Largo de S. Carlos

Eventos culturais

Análise espaço-funcional

Usos e apropriações

Abstract

This dissertation aims at exploring methods to study the spatial properties that enable the performance of cultural events in urban public space. The importance of the sector of cultural tourism in the revitalization of cities and in particular the strategies used to attract new audiences through cultural events justifies the research.

The S. Carlos' square in Lisbon was used as a case study. The analysis was focus on the square daily use as well as on different situations covering cultural events.

The dissertation is divided into three parts. The first part presents the case study. It is a brief history of its urban development and refers to the current situation highlighting its use for cultural events. The second part presents the methodology of space-use analysis applied to the case study. The spatial description is based on the Space Syntax theory (Hillier and Hanson, 1984). Video technology and behavioural maps supported the observation of space use. The third part identifies the patterns of use and appropriation of S. Carlos' square and characters its spatial and functional condition concluding on its ability to host cultural events.

Keywords:

S. Carlos square

Cultural events

Space-use analysis

Use and appropriation

Agradecimentos

Gostava de deixar aqui expresso meu agradecimento por todo o apoio que recebi, e sem o qual teria sido difícil ou até mesmo impossível realizar esta dissertação.

Em primeiro lugar, agradeço às minhas orientadoras, professora Teresa Heitor e arquitecta Ana Tomé pelo seu apoio, entusiasmo, rigor, disponibilidade e prontidão na resposta a emails e mensagens em todas as situações. Agradeço toda a atenção sempre que foi preciso discutir temas, corrigir textos, aperfeiçoar metodologias, consultar bibliografia e acrescentar pormenores.

Agradeço também à arquitecta Sofia Velez por me ter facultado informação relativa à intervenção no Largo de S. Carlos no ano 2000, que dirigiu.

Neste momento, em que me aproximo da conclusão do Mestrado Integrado em arquitectura no Instituto Superior Técnico, gostava de agradecer a todos os docentes que contribuíram para a minha formação nas mais diversas áreas. Na fase final agradeço em especial à Carolina Martins por todo o apoio, companhia e ajuda durante a elaboração da dissertação.

Quero agradecer aos meus colegas e amigos, com quem partilhei estes cinco anos de estudo e trabalho no Instituto Superior Técnico, pelo companheirismo, amizade e grande espírito de entreajuda. Com cada um deles aprendi muito do ponto de vista académico e humano.

Faço um agradecimento especial ao Francisco Rodrigues, pela sua amizade, pelo empréstimo de um tripé e pela companhia em algumas das visitas ao Largo de S. Carlos.

Quero agradecer também à minha família, pais e avós pelo seu apoio incondicional e pela compreensão nos momentos em que o trabalho me isolou da sua companhia.

Agradeço ainda a todos os que não referi e que me ajudaram na elaboração desta dissertação diversas formas.

Índice

Resumo	ii
Abstract	iii
Agradecimentos	iv
Índice	v
Índice de figuras	vii
Índice de esquemas	xiii
Índice de tabelas.....	xiv
Introdução.....	I
1. Objectivos	1
2. Justificação.....	2
3. Metodologia.....	3
4. Estado da Arte	5
4.1 Estratégias de revitalização urbana adoptadas em centros históricos com incidência na componente cultural	5
4.2 História e Evolução do Largo de S. Carlos em Lisboa	9
4.3 Identificação e caracterização de eventos registados no Largo de S. Carlos	11
4.4 Metodologias de análise espaço-funcional aplicadas à descrição das condições espaciais e à caracterização de usos em espaços públicos exteriores	14
5. Organização do trabalho	19
I. Apresentação do caso de estudo: Largo de S. Carlos.....	20
1.1 Evolução do Largo de S. Carlos no espaço e no tempo.....	20
1.2 Concepção do Largo.....	21
1.3 Usos e apropriações.....	27
1.4 Caracterização actual da área do Largo de S. Carlos.....	31
II. Metodologia de análise espaço-funcional e estudo do Largo de S. Carlos	34
2.1 Reconhecimento do espaço a observar e planeamento do trabalho de campo.....	37
2.1.1 Registos Vídeo	38
2.1.2 Fichas de registo de observações	44
2.2 Aquisição de dados.....	46
2.3 Seleccção e tratamento de dados	63
2.3.1 Seleccção de dados	63

2.3.2 Tratamento de dados	63
2.3.2.1 Tratamento dos registos vídeo	64
2.3.2.2 Tratamento das fichas de observação	66
2.4 Produção de modelos Sintácticos	67
2.4.1 Mapa axial	68
2.4.2 Mapa convexo.....	69
2.4.3 Mapa Ψ	70
2.4.4 Grafos de visibilidade.....	70
2.4.5 Isovistas	74
2.5 Levantamento das Redes de Mobilidade e dos Usos.....	75
2.5.1 Mapa das Redes de Mobilidade	75
2.5.2 Mapa dos Usos	75
2.6 Análise dos grafos de visibilidade e usos observados.....	76
III. Análise espaço-funcional do Largo de S. Carlos	77
3.1 Localização do Largo de São Carlos no contexto da cidade de Lisboa.....	77
3.2 Análise das relações espaço-funcionais no Largo de S. Carlos.....	86
3.2.1 Situação de vivência quotidiana.....	86
3.2.2 Eventos culturais.....	101
3.2.2.1 “Voyage Imóvel”	101
3.2.2.2 Chiado na Moda	106
3.2.2.3 Festival ao Largo.....	111
3.3 Síntese: padrões de usos, apropriações, ocupação e circulação no Largo de S. Carlos	119
IV. Conclusões	121
Bibliografia.....	124
Anexos.....	127
Anexo A – Planta da intervenção urbana no Largo de S. Carlos em 2000 – Miguel Marques dos Santos, Sofia Velez	128
Anexo B – Registos de vídeo	130
Anexo C – Fichas de registo gráfico de observações	132
Anexo D – Levantamento de usos	147
Anexo E – Redes de Mobilidade - Mapas auxiliares	150

Índice de figuras

figura 1 Planta da cidade de Lisboa em 1650 - João Nunes Tinoco	22
figura 2 Planta da cidade de Lisboa em 1761 - Guilherme Joaquim Paes de Menezes e Helias Sebastião Poppe	22
figura 3 Plantas da cidade de Lisboa arruinada e segundo o novo alinhamento dos arquitectos Eugénio do Santos e Carlos Mardel	24
figura 4 Plantas parciais da cidade de Lisboa em 1856 – Filipe Folque.....	24
figura 5 Largo de S. Carlos.....	25
figura 6 Planta do Teatro de S. Carlos - Planta na Ordem Nobre, e Ellipse de sonoridade da sala, em 1882.....	25
figura 7 Fachada do Teatro de S. Carlos.....	25
figura 8 Sala de Espectáculos do Teatro de S. Carlos.....	26
figura 9 Descerramento da placa toponímica do antigo Largo do Directório, 1911 – Benoiel, Joshua	28
figura 10 Largo de S. Carlos, antes de 2000 Arquivo: Sofia Velez.....	28
figura 11 “Festival dos Oceanos”, 2009, Agosto.....	29
figura 12 Largo de São Carlos, antes de 1945 - Pozal, Fernando Martinez	29
figura 13 Grupo no largo de São Carlos, 1923 ou 1924 – Benoiel, Joshua.....	29
figura 14 Congressistas da união Republicana saindo do Teatro Nacional de S. Carlos, 1918, 22 de Abril - Benoiel, Joshua.....	30
figura 15 Projecto para o estabelecimento de marcos fontenários no Largo de S. Carlos, 1852, 14 de Outubro - Ferreira Leal, Malaquias.....	30
figura 16 Largo de S. Carlos, 2001 Arquivo: Sofia Velez.....	30
figura 17 Largo de S. Carlos, 2009, 22 de Abril	31
figura 18 Largo de S. Carlos, 2001 Arquivo: Sofia Velez.....	31
figura 19 Largo de S. Carlos, Corte transversal escala 1:300	32
figura 20 Largo de S. Carlos, Corte Longitudinal 1:300.....	32
figura 21 Largo de S. Carlos, Planta – escala 1:500	32
figura 22 Manuseamento do tripé.....	39

figura 23 Posicionamento do tripé.....	39
figura 24 Pontos de Vista	40
figura 25 Ponto de Vista A.....	40
figura 26 Ponto de Vista B	40
figura 27 “Ópera ao Largo”, 2008, 10 de Outubro.....	42
figura 28 “Postal de Natal cantado”, 2008, 19 de Dezembro.....	42
figura 29 “Foyer Aberto”, 2009,5 de Fevereiro.....	42
figura 30 ”Festival ao Largo, 2009, 27 de Junho	42
figura 31 primeiro estudo para a ficha de registo de observações.....	44
figura 32 segundo estudo para a ficha de registo de observações	44
figura 33 terceiro estudo para a ficha de registo de observações (modelo utilizado)	44
figura 34 Calendário – Aquisição de dados	45
figura 35 Largo de S. Carlos, pontos de recolha de imagens.....	46
figura 36 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, 2008, 10 de Outubro.....	46
figura 37 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo” Fotograma extraído do vídeo, 2008, 10 de Outubro	46
figura 38 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, 2008, 11 de Outubro.....	47
figura 39 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2008, 11 de Outubro.....	47
figura 40 Largo de S. Carlos, 2008, 16 de Outubro.....	47
figura 41 Largo de S. Carlos, fotogram extraído do vídeo, 2008, 16 de Outubro.....	47
figura 42 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2008, 21 de Outubro.....	48
figura 43 Largo de S. Carlos, 2008, 27 de Novembro	48
figura 44 Largo de S. Carlos, 2008, 21 de Outubro.....	48
figura 45 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo 2008, 27 de Novembro.....	48
figura 46 Largo de S. Carlos, Enquadramento adoptado a partir do ponto A	49
figura 47 Largo de S. Carlos, enquadramento adoptado a partir do ponto B.....	49
figura 48 Largo de S. Carlos, , fotogma extrído do vídeo, 2008, 19 de Dezembro	50

figura 49 Largo de S. Carlos, “Postal de Natal Cantado”, fotograma extraído do vídeo, 2008, 19 de Dezembro – obstruções visuais	50
figura 50 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2009, 11 de Janeiro,	51
figura 51 Largo de S. Carlos, 2009, 11 de Janeiro	51
figura 52 Largo de S. Carlos, “Foyer Aberto” (fim do evento), fotograma extraído do vídeo, 2009, 5 de Fevereiro	52
figura 53 Largo de S. Carlos, “Foyer Aberto”, 2009, 5 de Fevereiro	52
figura 54 Largo de S. Carlos, 2009, 27 de Fevereiro	53
figura 55 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2009, 27 de Março	53
figura 56 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 31 de Março	54
figura 57 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, 2009, 31 de Março	55
figura 58 Largo de S. Carlos, “Foyer Aberto”/”Voyage Imóvel”, Fotograma extraído do vídeo, 2009, 31 de Março...	55
figura 59 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril	56
figura 60 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 2 de Abril	56
figura 61 Largo de S. Carlos, “A (Pequena) Flauta Mágica”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 22 de Abril.....	57
figura 62 Rua Paiva de Andrade, “A (Pequena) Flauta Mágica”, 2009, 22 de Abril	57
figura 63 Largo de S. Carlos, 2009, 14 de Maio	58
figura 64 Largo de S. Carlos, “Chiado na Moda”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 15 de Maio	58
figura 65 Largo de S. Carlos, “Chiado na Moda, 2009, 15 de Maio”	59
figura 66 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 27 de Junho	59
figura 67 Largo de S. Carlos, 2009, 27 de Junho	60
figura 68 Largo de S. Carlos, 2009, 3 de Julho.....	60
figura 69 Largo de S. Carlos, 2009, 3 de Julho.....	60
figura 70 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 9 de Julho.....	61
figura 71 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, 2009, 9 de Julho.....	61
figura 72 Largo de S. Carlos, “Festival do Oceanos”, 2009, 12 de Agosto	61
figura 73 extracção de fotogramas utilizando a ferramenta “ <i>print screen</i> ”	63

figura 74 tratamento de dados – importação dos fotogramas	63
figura 75 tratamento de dados – sinalização dos utilizadores	63
figura 76 tratamento de dados – ocultação das <i>layers</i>	63
figura 77 tratamento de dados - Ficha de registo.....	65
figura 78 representação da axialidade, Heitor, T.....	68
figura 79 Representação – Mapa convexo, Heitor, T.....	68
figura 80 Largo de S. Carlos - Mapa convexo.....	68
figura 81 Representação – Mapa convexo e Mapa γ (grafo justificado), Heitor, T.	69
figura 82 grafo 1 – raiz a partir da Rua Paiva de Andrade.....	69
figura 83 Produção do grelha de divisão do espaço e grafo de visibilidade (conectividade) correspondente à acessibilidade visual no Largo de S. Carlos em situação quotidiana	71
figura 84 Oclusão, <i>Rx</i> - Benedikt.....	73
figura 85 Representação do Mapa das Redes de Mobilidade, apresentado com mais detalhe no capítulo 3.....	74
figura 86 Largo do Chiado – “Google Earth – Street View”	74
figura 87 Representação do Mapa de Usos, apresentado com mais detalhe no capítulo 3.....	74
figura 88 Mapa axial da cidade de Lisboa - Heitor e Pinelo, 2005.....	78
figura 89 Mapa axial da cidade de Lisboa - Heitor e Pinelo, 2005 – zona em estudo.....	79
figura 90 Mapa das Redes de Mobilidade nas zonas Baixa, Chiado e Bairro Alto, Lisboa.....	80
figura 91 Mapa de Usos de parte das zonas Chiado e Bairro Alto - Lisboa	81
figura 92 Mapa convexo – Largo de S. Carlos	82
figura 93 grafo 1 – raiz a partir da Rua Paiva de Andrade.....	82
figura 94 grafo 2 – raiz a partir da arcada do Teatro de S. Carlos.....	82
figura 95 grafo 3 – raiz a partir da Rua Serpa Pinto	82
figura 96 grafo justificado - Controlo.....	84
figura 97 grafo justificado – Integração.....	85
figura 98 Largo de S. Carlos – contiguidade física e visual	86

figura 99 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 10h	90
figura 100 isovista – Rua Paiva de Andrade.....	92
figura 101 isovista – Largo de S. - vértice sudoeste	92
figura 102 isovista – Arcada do Teatro de S. Carlos	92
figura 103 isovista – Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo.....	92
figura 104 Ocupação – síntese, 2009, 27 Março, 10h.....	93
figura 105 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 10h	93
figura 106 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 13h.....	94
figura 107 Rua Serpa Pinto – parte Norte.....	96
figura 108 isovista - Rua Serpa Pinto – centro	96
figura 109 isovista - Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo	96
figura 110 Ocupação – síntese, 2009, 27 Março, 13h.....	97
figura 111 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 13h	97
figura 112 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 20h.....	98
figura 113 isovista – Rua Paiva de Andrade – parte Sul	100
figura 114 isovista – Rua Paiva de Andrade - centro	100
figura 115 Ocupação – síntese, 2009, 27 Março, 20h.....	100
figura 116 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 20h	100
figura 117 Percorso característico, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril, 20h.....	102
figura 118 isovista – Rua Capelo	104
figura 119 isovista Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo	104
figura 120 isovista – Largo e S. Carlos – local de paragem do publico e dos actores	104
figura 121 isovista – Largo de S. Carlos – entre a esplanada e a arcada.....	104
figura 122 isovista - Largo de S. - vértice sudoeste.....	105
figura 123 Ocupação – síntese, “Voyage Imóvel” 2009, 2 de Abril, 20h.....	105
figura 124 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril, 20h.....	105

figura 125 Percursos característico, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h.....	108
figura 126 isovista Rua Serpa Pinto – público	110
figura 127 isovista – Largo de S. Carlos – público.....	110
figura 128 isovista Largo de S. Carlos - passarela.....	110
figura 129 Ocupação – síntese, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23 h	111
figura 130 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h.....	111
figura 131 Percursos característico, “Festival ao Largo”, 2009, Junho/Julho, 22h	114
figura 132 isovista – Rua Serpa Pinto – público.....	117
figura 133 isovista – Largo de S. Carlos – público.....	117
figura 134 isovista – Largo de S. Carlos - palco	117
figura 135 Ocupação – síntese, “Festival ao Largo” – Noite Branca 2009, 27 de Junho, 22h.....	118
figura 136 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Festival ao Largo” – Noite Branca, 2009, 27 de Junho, 22h....	118
figura 137 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Festival ao Largo” – Noite de Bailado, 2009, 27 de Junho, 22h	118
figura 138 Ocupação – síntese, “Festival ao Laro” - Noite de Bailado, 2009, 9 de Julho, 22h	118

Índice de esquemas

esquema 1 Pesquisa em Arquivo.....	3
esquema 2 Pesquisa <i>in loco</i>	4
esquema 3 Metodologia.....	36
esquema 4 Plano de Registo.....	38
esquema 5 Calendarização - Aquisição de dados	46
esquema 6 Produção de Mapas configuracionais – grafos de visibilidade.....	73
esquema 7 Dinâmica de transformação das cidades	81

Índice de tabelas

tabela 1 Hipóteses estudadas de pontos de vista e enquadramentos a captar	42
tabela 2 Aquisição de dados, “Postal de Natal Cantado”,2008, 19 de Dezembro e situação quotidiana, 2009, 11 de Janeiro.....	51
tabela 3 Aquisição de dados, “Foyer Aberto”, 2009, 5 de Fevereiro	53
tabela 4 Aquisição de dados, 2009, 27 de Março	55
tabela 5 Aquisição de dados, “Voyage Imóvel”, 2009, 31 de Março	56
tabela 6 Aquisição de dados, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril	57
tabela 7 Aquisição de dados, “A (Pequena) Flauta Mágica”, 2009, 22 de Abril.....	58
tabela 8 Aquisição de dados, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio	60
tabela 9 Aquisição de dados, “Festival ao Largo” (Noite Branca), 2009, 27 de Junho.....	61
tabela 10 Aquisição de dados, “Festival ao Largo” (Noite de Bailado), 2009, 9 de Julho.....	62
tabela 11 valores de integração máximo, mínimo e médio, relativos à globalidade da estrutura axial da cidade e à zona em estudo	79
tabela 12 Matriz de Adjacência	83
tabela 13 Matriz de conectividade	84
tabela 15 valores de Conectividade e Integração, situação quotidiana	Error! Bookmark not defined.
tabela 14 grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), situação quotidiana.....	88
tabela 16 Largo de S. Carlos Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 10h	90
tabela 17 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana	92
tabela 18 Largo de S. Carlos Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 13h	94
tabela 19 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana	96
tabela 20 Largo de S. Carlos, Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 20h	98
tabela 21 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana	100
tabela 22 Largo de S. Carlos, Usos observados, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril, 20h	102

tabela 23	quantificação do índices característicos das isovistas, “Voyage Imóvel”	104
tabela 24	grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), “Chiado na Moda”	106
tabela 25	valores de Conectividade e Integração, “Chiado na Moda”	107
tabela 26	Largo de S. Carlos, Usos observados, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h.....	108
tabela 27	quantificação do índices característicos das isovistas, “Chiado na Moda”	110
tabela 28	grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), “Festival ao Largo”	112
tabela 29	valores de Conectividade e Integração, “Festival ao Largo”	113
tabela 30	Largo de S. Carlos, Usos observados, “Festival ao Largo” – Noite Branca, 2009, 27 de Junho, 22h.....	114
tabela 31	Largo de S. Carlos, Usos observados, “Festival ao Largo” – Noite de Bailado, 2009, 9 de Julho, 22h.....	114

Introdução

O tema abordado nesta dissertação centra-se no uso e apropriação de espaços exteriores de permanência (praças) em centros urbanos para suporte a eventos culturais e no estudo das vivências que estes podem potenciar ou condicionar.

I. Objectivos

Em termos gerais, o objectivo desta dissertação é explorar métodos e técnicas que permitam analisar as implicações dos elementos morfológicos definidores dos espaços exteriores de permanência (praças) ao nível dos usos e das formas de apropriação exibidos. Com base nos procedimentos desenvolvidos pretende-se avaliar as condições funcionais destes espaços e a sua capacidade de suporte a eventos culturais (e.g. espectáculos, exposições). Pretende-se ainda compreender a eficácia destes procedimentos no cumprimento deste objectivo.

Para atingir os objectivos propostos constitui-se como caso de estudo o Largo de S. Carlos, procurando identificar as suas condições espaço-funcionais, compreender as suas condições de suporte a diferentes usos e em particular a forma como suporta eventos culturais. Será então possível compreender a adequação de determinadas configurações para definir espaços de circulação, estada, encontro e exposição e identificar as componentes arquitectónicas responsáveis pela capacidade do Largo de S. Carlos suportar os vários usos que lhe estão associados.

A investigação foi conduzida no sentido de responder a questões como:

- Qual a relação entre as condições morfológicas do Largo de S. Carlos e as vivências (quotidianas e pontuais) que o caracterizam?
- Quais são os elementos espaciais do Largo de S. Carlos que interferem (positiva e negativamente) na sua capacidade de suportar eventos pontuais (culturais)?
- São as condições espaciais que propiciam os usos que aqui se verificam ou a configuração espacial apenas é determinante na forma como os usos se distribuem e posicionam no espaço?
- Quais os “elementos-chave” que caracterizam este espaço e que podem vir a ser assumidos como ferramentas ao dispor do arquitecto para o projecto de espaços com intenções programáticas semelhantes?

2. Justificação

Verifica-se actualmente uma tendência crescente e generalizada para as cidades se assumirem como lugares orientados para as actividades do sector terciário, tais como o consumo, o turismo e o lazer recreativo (Zuckin, 1995). As estratégias de revitalização ensaiadas em todo o mundo, com particular incidência nos centros históricos, assentam na atracção de actividades e de públicos variados dando particular atenção à realização de actividades culturais.

A importância que a cultura tem vindo a assumir nas sociedades urbanas nas últimas décadas é visível na proliferação das actividades de criação e produção artística, da expansão das indústrias culturais, mas também na transformação das condições do consumo e da prática lúdica e cultural. Esse crescimento manifesta-se sobretudo na multiplicação de eventos culturais realizados em meio urbano (Lima dos Santos, 2003). Portugal não é excepção.

Com efeito, em Portugal é notório um esforço de criação de valores associados à cultura que contribuam para o desenvolvimento de novos conceitos de lazer capazes de dar resposta às actuais exigências neste campo. Estes investimentos destinam-se a conquistar, não só turistas, mas também actuais e potenciais habitantes. Assim, a promoção de eventos culturais em espaços públicos tornou-se uma prática corrente.

As estratégias utilizadas na revitalização da zona do Chiado em Lisboa reflectem estas preocupações. Traduzem a aposta em oferecer ao visitante um conjunto de ofertas culturais e de lazer e a possibilidade de apreender o espaço público de uma forma experiencial.

Assim, e como defende Pine and Gilmore (1999) em *The Experience Economy*, a actividade económica associada à cultura e ao lazer é essencial para o dinamismo e crescimento das cidades e a sua influência na apropriação do espaço público merece que lhe seja dedicada particular atenção.

Deste modo, justifica-se o estudo das condições oferecidas pelo Largo de S. Carlos para a realização de eventos de natureza cultural. A partir do conhecimento obtido procurou-se identificar as condições morfológicas que potenciaram este tipo de utilização e generalizar a outras situações. O Largo de S. Carlos foi escolhido por revelar a presença repetida de iniciativas de âmbito cultural, por ser um espaço com total disponibilidade de acesso e por a sua configuração espacial apresentar um desnível de cota que permitiu a recolha de dados a partir de pontos num plano superior ao do Largo.

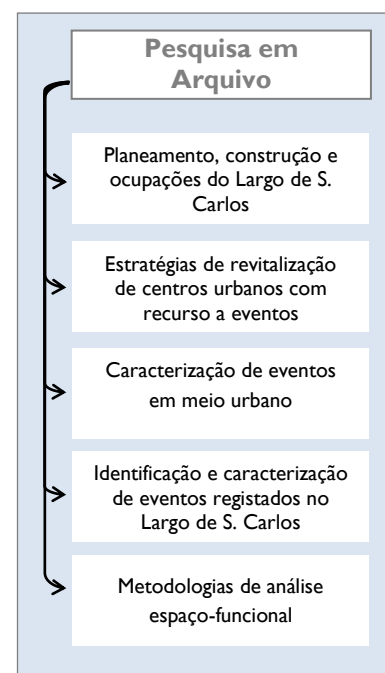
3. Metodologia

Como referido anteriormente, o tema em estudo trata do “Uso e apropriação de espaços exteriores de permanência (praças) em centros urbanos para suporte a eventos culturais”, sendo o Largo de S. Carlos em Lisboa o seu objecto de estudo. Elegeram-se como alvos de interesse para observação vários cenários distintos da vivência do espaço em questão. Entre estes contam-se a vivência quotidiana que é observada no Largo ao longo do ano e, por contraste, as vivências pontuais, com carácter excepcional e programado, que decorrem da utilização deste espaço público como cenário de acolhimento à realização de eventos culturais.

O registo das actividades, usos e apropriações do espaço urbano que se verificam no Largo de S. Carlos em Lisboa exigiu a definição de uma metodologia adequada ao trabalho de investigação em curso. O trabalho desenvolveu-se em dois campos distintos e complementares: pesquisa bibliográfica e *in loco* por registo de observações.

A pesquisa bibliográfica orientou-se para a consulta de fontes várias - obras publicadas, elementos cartográficos e iconográficos, entre outros - que permitissem informar e justificar o trabalho de campo, designadamente ao nível de:

- 1) Processo de planeamento, construção e ocupação do Largo de S. Carlos;
- 2) Estratégias de revitalização de centros urbanos com recurso a eventos;
- 3) Caracterização de eventos culturais em meio urbano;
- 4) Identificação e caracterização de eventos registados no largo de S. Carlos;
- 5) Metodologias de análise espaço-funcional (*space-use analysis*) que permitam descrever o espaço (análise morfológica), caracterizar os usos (observações) e relacionar as condições morfológicas (forma) com os usos observados.



esquema I Pesquisa em Arquivo

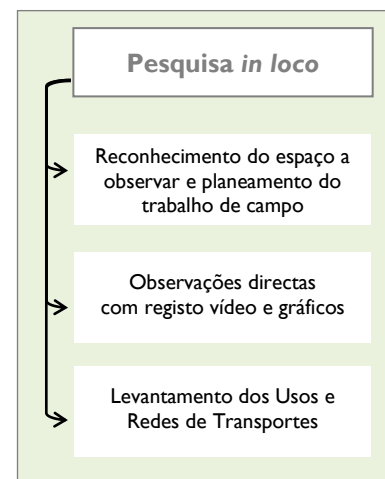
A pesquisa *in loco* incidiu sobre os usos e apropriações observados em diferentes períodos e situações no Largo de S. Carlos, com destaque para eventos públicos de âmbito cultural.

Foram considerados eventos relevantes para a abordagem do presente trabalho, os acontecimentos a decorrer no Largo de São Carlos entre Outubro e Julho, promovidos pelo Teatro Nacional de São Carlos, ou outras entidades, que se

destacassem como dinamizadores da actividade cultural (em áreas como a Música, o Teatro, a Ópera, a Moda ou outros campos artísticos) em meio urbano e fossem de acesso livre (com excepção dos eventos “Foyer Aberto” e “A (pequena) Flauta Mágica” os quais, embora tenham tido reflexo no largo, se realizaram no interior do Teatro).

A metodologia de observação permitiu estabelecer os processos de recolha de dados para informar a investigação das formas de ocupação e apropriação do espaço do Largo de São Carlos pelos seus utilizadores nas situações de ocorrência dos eventos descritos e de uso corrente do largo.

Os procedimentos de observação directa dos eventos recorreram à utilização de tecnologia vídeo para gravação de imagem em movimento. Complementarmente, procedeu-se ainda a um levantamento de usos da área urbana onde se insere o Largo (Chiado, Largo Camões, Bairro Alto, etc.) e das condições de acessibilidade da zona no que concerne à existência de redes de transportes públicos e disponibilidade de estacionamento automóvel. Esta abordagem visou compreender e suportar a maior ou menor existência de fluxos pedonais relativamente ao Largo em estudo para cada uma das situações observadas e analisadas.



esquema 2 Pesquisa *in loco*

4. Estado da Arte

A realização desta dissertação implicou uma revisão bibliográfica alargada a várias áreas temáticas, de modo a permitir:

1. Enquadrar o tema do trabalho e compreender as estratégias de revitalização urbana adoptadas em centros históricos com incidência na componente cultural;
2. Caracterizar o Largo de S. Carlos em termos da sua evolução, desenho urbano e eventos culturais actualmente realizados;
3. Definir uma metodologia de análise espaço-funcional para a descrição dos usos observados no Largo de S. Carlos.

4.1 Estratégias de revitalização urbana adoptadas em centros históricos com incidência na componente cultural

A pesquisa bibliográfica desenvolvida nesta área foi orientada para a compreensão das estratégias adoptadas em processos de revitalização urbana em centros históricos. Destacou-se o papel desempenhado neste processo pelo sector cultural. O trabalho desenvolvido por Lamas, Heitor e Brito Henriques (2004) para a DGOTDU em “Requalificação e Revitalização de Centros Históricos” forneceu uma leitura abrangente deste processo, permitindo enquadrar e justificar este estudo. Trata-se de uma abordagem integrada das principais questões com que estão actualmente confrontados os centros históricos portugueses (CH) — sejam estes integrados em grandes centros populacionais ou em cidades de média dimensão. Constitui um esforço de caracterização, necessariamente sintético, das dinâmicas recentes, em que os autores procuraram identificar os problemas-chave que as políticas urbanas devem enfrentar nas propostas de revitalização e requalificação dos CH em Portugal. Através da análise dos instrumentos de planeamento disponíveis e aplicados em Portugal e da caracterização das áreas neles identificadas como históricas ou a proteger por motivos culturais, foram investigados: 1) os aspectos relativos à aplicação do conceito de centro histórico no actual quadro de gestão do território e os critérios usados para a sua classificação nas figuras de planeamento existentes; 2) as opções estratégicas de requalificação e revitalização dos CH; 3) os factores de inovação relativos à metodologia e conceitos utilizados, às formas de elaboração e apresentação dos planos, e aos instrumentos aplicados na gestão e monitorização dos CH.

Destaque para os textos incluídos neste trabalho “Valorização cultural dos centros históricos” de Lima dos Santos (pp. 165-174) e “O turismo e revitalização dos centros históricos” de Cavaco e Brito Henriques (pp. 175-197). Lima dos Santos aborda as políticas de “valorização cultural dos Centros históricos” como estratégias integrantes da promoção e crescimento das actividades culturais em meio urbano. A autora defende que estas devem estar ao serviço do desenvolvimento económico sustentável das cidades. É destacado o papel dos centros urbanos na promoção de actividades culturais e na criação de sistemas em rede capazes de servir eficazmente as necessidades que apresentam. Neste âmbito, as redes com maior significado são: 1) a Rede de Leitura Pública; 2) a Rede Portuguesa de Museus e 3) as Redes de Recintos e Espectáculos. Estas redes disponibilizam num espectro diversificado de meios para a promoção cultural. A sua importância revela-se maior nas cidades de média dimensão longe de grandes centros urbanos como Lisboa ou Porto. A autora sublinha ainda a necessidade de atender às características locais das populações e das suas actividades económicas como forma de evitar a sua gentrificação e tornar os projectos de promoção cultural dos centros históricos factores de consolidação da identidade das populações que os acolhem. Cavaco e Brito Henriques abordam as estratégias do sector do turismo e as potencialidades que estas encerram na dinamização económica das cidades. Defendem que a grande diversidade e rotatividade de destinos procurados evidenciam o desejo de aquisição de novas experiências como objectivo do turismo. A satisfação destas necessidades é frequentemente essencial para as estratégias de atracção turística. O turismo urbano não é excepção. Os autores descrevem algumas destas estratégias e avaliam vantagens e desvantagens trazidas às cidades onde são postas em prática. Às apostas no sector do turismo estão frequentemente associados fenómenos de valorização da identidade local e das estruturas que apoiam a sua actividade, contribuindo para o melhoramento dos equipamentos urbanos, dos espaços públicos e das condições de mobilidade nas cidades. Desta abordagem resultam três recomendações deixadas pelos autores. A primeira é a necessidade de integrar os centros históricos na dinamização das actividades das cidades e usar o turismo como forma de evitar a sua segregação ou tendência para monofuncionalização dos mesmos. A segunda é que se evite a “sobre-turistificação” das cidades e dos seus centros históricos para além da sua capacidade de acolhimento de visitantes. A sobrelotação das suas estruturas constitui uma degradação da sua atractividade. A terceira e última recomendação refere-se ao cuidado em assegurar que não se criam “bolhas turísticas” isoladas, mas antes pólos de atracção articulados que ofereçam aos visitantes percursos urbanos que lhes permitam tomar um conhecimento da cidade de forma mais abrangente.

Em paralelo a este estudo, explorou-se a importância do turismo cultural na revitalização das cidades, bem como o tipo de ofertas culturais correntes e em emergência para atracção de novos públicos e promoção das cidades. Brito Henriques, E. (2006) “O centro Histórico de Dublin (Irlanda) e a experiência de reabilitação de Temple Bar”. Neste artigo, publicado na revista Finisterra, o autor regista as iniciativas tomadas por entidades públicas para a promoção deste bairro histórico e os factores que contribuíram para o sucesso da sua revitalização. O programa de desenvolvimento de Temple Bar foi levado a cabo pela TBP (Temple Bar Properties), uma empresa privada de capitais maioritariamente públicos. A estratégia de revitalização assentou na promoção da cultura, criação e reabilitação de habitação diversificada e dinamização do comércio. Importantes foram também o marketing associado a esta operação e as preocupações ambientais e de preservação do património na articulação com a presença de novos edifícios. Foram também destruídos alguns edifícios pontualmente para a redefinição dos arruamentos e criação de praças.

Lima dos Santos, M. L. (2005), em *As Políticas Culturais Urbanas*, sublinha a importância do papel das cidades na promoção de Actividades Culturais. A autora mostra como a expressão urbana das actividades culturais contribui para a dinâmica de competitividade-inovação-criatividade hoje patente nas estratégias de desenvolvimento dos países europeus. Destaca a importância do contributo de indústrias associadas à cultura e criatividade (cinema, audiovisual, edição de impressos, moda, design, publicidade, turismo, etc.) para o desenvolvimento económico e urbano. Defende a necessidade de uma visão de planeamento globalizante que possa construir uma rede de cidades que ofereçam valores culturais complementares e se assuma como uma forma de criar uma oferta vasta e competitiva. No que se refere à adopção de estratégias culturais para reabilitação das cidades a autora identifica vários problemas associados a este processo de rotura: espacial (centro/periferia), económica (produção/consumo) e cultural (efémero/permanente). Considera ser importante a capacidade das iniciativas tomadas para regenerar a áreas nas quais se incluem e o modo como se assumem enquanto forma de requalificação das populações com elas relacionadas. Estes investimentos devem traduzir-se em proveitos a curto, médio e longo prazo de forma sustentada. O caso da expo98 é tido como um dos exemplos mais bem sucedidos no que respeita à criação de emprego e oportunidades no campo das artes e turismo e na atracção de visitantes à cidade de Lisboa.

Pereiro, X. (2007) refere a importância do turismo cultural em espaço urbano. O autor considera que as cidades são pontos de atracção de turistas e a dinamização das actividades culturais tem assumido nos últimos anos uma importância crescente para a economia das cidades. Refere que as estratégias passam pela oferta de vários serviços que proporcionem ao visitante experimentar a vida da cidade. Considera

importante evitar a “monofuncionalização” das cidades, pois esta traduz-se normalmente na perda da identidade local.

Defendendo um ponto de vista semelhante, Chou e Andrade (s.d.) destacam a necessidade de articulação das estratégias de promoção económica através da componente cultural com as intervenções urbanas que as sustentam tendo em atenção a identidade dos locais onde se implementam. Os autores identificam os conflitos associados às políticas de reabilitação das cidades e alertam para a necessidade de relançarem a economia dos lugares em que se encontram com base na identidade local. Defendem que a adopção, sem adaptação à condição local, de modelos com sucesso já testados noutras cidades e contextos, eleva o risco das cidades intervencionadas se tornarem semelhantes umas às outras anulando a sua singularidade. Os autores referem ainda a importância que os usos e apropriações dos espaços têm na criação da identidade das cidades e da responsabilidade dos projectistas em dotar os espaços públicos da flexibilidade, capacidade de transformação e adaptação a novas vivências e evidenciam a importância da promoção de eventos para gerar movimento e induzir a apropriação dos espaços urbanos.

Ferreira, C. (2004) reflecte sobre as estratégias utilizadas na revitalização das cidades assentes na realização de grandes eventos, aos quais estão associados grandes investimentos infra-estruturais com uma longevidade superior à dos mesmos eventos. Em “grandes eventos e revitalização cultural das cidades” o autor analisa dois grandes eventos culturais realizados em Portugal: Expo 98 em Lisboa e o do Porto 2001. O autor destaca a importância destes eventos como pretexto e oportunidade para a regeneração urbana e territorial das zonas que afectam. A sua realização convoca a mobilização de diversos meios e entidades nacionais e internacionais que perante o carácter excepcional do acontecimento apresentam uma disponibilidade superior para o investimento na área da cultura. Estes investimentos, gozando também das avaliações das experiências anteriores, acabam por ter um grande retorno ao nível da cultura, mas também ao nível ambiental, social, turístico e urbanístico. A sua actividade, ainda que com outras características, mantém-se por vezes muito além do tempo restrito da realização do evento. Os dois eventos enunciados são estudados detalhadamente e são descritas algumas das suas características, falhas e virtudes. Estas operações estão normalmente associadas a grandes campanhas de marketing. Em nota final, o autor reafirma a sua importância para a promoção das cidades e apela à adopção de estratégias sustentáveis e articuladas com o contexto geral da cidade para que estas operações não tragam maiores danos que melhorias à sua coesão e desenvolvimento nas mais diversas áreas.

No que se refere ao tipo de ofertas culturais correntes e em emergência para atracção de novos públicos e promoção das cidades, destaca-se o trabalho de Pine e Guilmore (1999) *The Experience Economy*. (Harvard Business School Press; Boston, Mass) no qual os autores defendem que o sucesso destas iniciativas decorre mais uma vez de uma alteração no modelo económico que sustenta a cidade. Para os autores, o mercado está a passar da venda de serviços para a venda de 'momentos' inesquecíveis, baseada na oferta de 'experiências'. A cidade 'palco' substituiu a cidade de serviços do último quartel do séc. XX. A imagem ou aparência visual da cidade ganha relevo e o espaço público tende a transformar-se num 'mercado-palco' preparado para a fruição de acontecimentos associados fortemente com o lazer e o entretenimento. Este é, segundo os autores, o novo paradigma do século XXI reflectido na explosão de empresas de eventos. O berço desta 'economia da experiência' é o conceito que está por detrás da abertura da Disneylandia na Califórnia em 1955. Disney foi o pioneiro deste novo tipo de mercado ao criar um espaço de palco total para uma experiência pessoal inesquecível não só para crianças como para adultos, e que viria a ser designado como 'parque temático' designação distinta do conceito tradicional de 'parque de diversões'.

Destaque ainda para o trabalho de Boswijk, A., Thijssen, J.P.T. and Peelen, E. (2005), em *A New Perspective on the Experience Economy: Meaningful Experiences*, onde os autores abordam as “economias de promoção de experiências” e as questões relativas à potenciação do espaço público na criação de eventos que funcionem como experiências, i.e. momento inesquecíveis. Defendendo que o sucesso das iniciativas tomadas no âmbito da promoção da revitalização das cidades depende da forma como os seus programas são definidos e dos recursos que são utilizados pelos seus dinamizadores para alcançarem os seus públicos, os autores dão particular atenção à relação estabelecida com o público e apontam alguns caminhos para que esta relação se possa estabelecer com sucesso. Evidenciam a procura, por parte do público, de experiências que lhes tragam novas visões (de si próprios e do que os rodeia) e são propostas algumas estratégias para responder eficientemente a este tipo de solicitação. Defendem que a experiência proporcionada deve estar associada a um tema, causar uma boa impressão, eliminar factores que possam ser desagradáveis, ser concebida para ser recordada, envolver os sentidos e ser percebida como um todo coerente nos seus diversos aspectos.

4.2 História e Evolução do Largo de S. Carlos em Lisboa

Para poder tomar conhecimento do processo de concepção, construção e utilização que tem marcado a existência do Largo de S. Carlos em Lisboa tornou-se necessário recorrer a bibliografia e cartografia que o pudesse documentar. A bibliografia consultada integrou trabalhos considerados de referência sobre o

desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa e a construção e história do Teatro de S. Carlos.

Sobre o desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa, procurou-se informação que permitisse esclarecer a evolução das zonas do Chiado e da baixa Pombalina e do Largo de S. Carlos. Para o efeito, a pesquisa recaiu numa fase inicial nos trabalhos de: Romero Magalhães, J. , Garcia, J., Flores J. “Cartografia de Lisboa. Séculos XVII a XX” onde foi possível reconhecer a evolução da área urbana onde se localiza o Largo de São Carlos no Chiado e identificar as fontes cartográficas correspondentes. A pesquisa recorreu ainda ao Arquivo Municipal de Lisboa e ao Arquivo do Gabinete de Estudos Orlisiponenses.

No que se refere à construção do Largo de S. Carlos, destacam-se *O Livro de Lisboa* de Moita, I. (1994), *O “Dicionário da História de Lisboa”* de Sucena, E. e Santana, F. (1994) e o artigo de Henriques da Silva, R. (2004) “A Arquitectura da Baixa Pombalina: Cem anos de História” onde a autora discute a transformação que a construção do Teatro de S. Carlos introduziu na malha prevista pelo plano de reconstrução pombalino para aquela zona e o precedente de quebras das regras estabelecidas no mesmo plano que constituiu. Em Moita, I. (1990) “*D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*” foi também recolhida iconografia relativa à construção de um marco fontenário no Largo de S. Carlos associada ao processo de construção do Aqueduto das Águas Livres e dos pontos de abastecimento e distribuição de água nele contemplados. Brandão, P. ; Carrelo, M.; Águas, S. (2002) em *O Chão da Cidade, Guia de Avaliação do Espaço Público* referem as transformações decorrentes da intervenção que o Largo de S. Carlos sofreu no ano 2000 e evidenciam o seu contributo na criação de espaços urbanos de circulação pedonal e de permanência.

Destaque ainda para vários trabalhos publicados sobre a história do Teatro de S. Carlos: Fonseca Benevides, F. (1883) em *O Real Teatro de S. Carlos de Lisboa*, publica os factos que marcaram a construção e inauguração do mesmo bem como das companhias artísticas que marcaram a dinamização da vida cultural gerada em torno do Teatro durante os primeiros cem anos da sua existência. Moreau, M. (1999) *O Teatro de S. Carlos: dois séculos de história* e Cruz, M. I. (1992) *O Teatro Nacional de S. Carlos*, fazem uma abordagem histórica ao processo de concepção e construção do Teatro e dos espectáculos e artistas que trouxe a palco. Carvalho, Ayres (1979) em *Os três arquitectos da Ajuda. Do «Rocaille» ao Neoclássico*. Lisboa: Silvas – C. T. G. faz referência à obra do arquitecto José Costa e Silva projectista responsável pelo Teatro Nacional de S. Carlos,

4.3 Identificação e caracterização de eventos registados no Largo de S.

Carlos

O Largo de S. Carlos tem sido palco de eventos de acesso livre que têm frequentemente marcado a agenda cultural de Lisboa. Estas iniciativas têm contribuído largamente para atracção de públicos muito diversificados à zona do Chiado dinamizado esta zona histórica da cidade.

O site do Teatro Nacional de São Carlos apresenta uma breve referência aos eventos que se têm realizado em anos mais recentes no Largo que lhe é fronteiro. A realização deste tipo de eventos apenas se tornou viável depois da intervenção realizada Pela CML no ano 2000 que foi orientada no sentido de tornar o largo um espaço de permanência e lazer. Foi então eliminado o estacionamento automóvel que aí se instalara e criada uma esplanada. O Largo de S. Carlos tem servido de palco a eventos como a transmissão, em directo, de récitas de teatro (“Teatro ao Largo”) e óperas (“Ópera ao Largo”) e foi no passado ano 2008 palco da iniciativa “Postal de Natal Cantado”, promovida pela Câmara Municipal de Lisboa e à qual esteve também associada uma campanha de recolha de livros usados. Em 2009 o Largo foi eleito como palco de eventos como “Voyage Imóvel”, protagonizado pela escola de artes performativas do Chapitô, o “Chiado na Moda”, promovido pela junta de freguesia dos mártires e o “Festival a Largo”, programado pelo Organismo de Produção Artística, entre outros.

O evento “Ópera ao Largo” decorreu entre os dias 9 e 12 de Outubro e foi promovido pelo Teatro Nacional de S. Carlos e a RTP. O evento consistiu na projecção em directo de espectáculos de Ópera e dos seus “*making of*”. Foram colocadas no Largo cadeiras e montado, junto à arcada do Teatro, um grande ecrã para a projecção.

O evento “Postal de Natal Cantado” decorreu no Largo de S. Carlos entre os dias 17 e 20 de Dezembro de 2008 (todos os dias às 18h) e foi promovido pela Câmara Municipal de Lisboa. Esta é a segunda edição do evento. A primeira edição, em 2007, foi apresentada ao Público a partir da varanda do edifício da Câmara Municipal de Lisboa, na Praça do Município. A iniciativa lisboeta foi inspirada no “Cartão de Natal Humano” realizado em Curitiba, no Brasil, há 15 anos consecutivos.

“O Postal de Natal Cantado” trouxe em 2008 ao Largo de S. Carlos o “St. Dominic’s Gospel Choir”, que realizou a sua actuação a partir da varanda do Teatro Nacional de S. Carlos. O coro entoou músicas e cânticos de Natal que foram intercalados com a narração de um conto de Natal escrito por Margarida Rebelo Pinto. Esteve associada ao evento uma campanha de recolha de livros usados (de qualquer tipo: escolares, novelas, romances e outros), mas em bom

estado, que reverteu em favor de instituições de solidariedade social sem fins lucrativos. Os espectáculos, de acesso livre, tiveram a duração de 60 minutos. Durante o espectáculo assistiu-se a uma concentração significativa de público no Largo. Este evento contribuiu para a dinamização do Chiado como pólo cultural da cidade de Lisboa. O evento possibilitou aos habitantes e visitantes de Lisboa estabelecer uma nova relação com as tradicionais iluminações de Natal desta zona da cidade que a torna um pólo de atracção na época natalícia. Apoiaram a realização deste espectáculo a Câmara Municipal de Lisboa, a RTP, a Associação de Valorização do Chiado, o Teatro Nacional de S. Carlos e a Junta de Freguesia dos Mártires.

O evento “Voyage Imóvel” foi protagonizado pelos alunos do segundo ano da Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo do Chapitô. Este evento ocorreu nos dias 1 e 2 de Abril de 2009 e enquadrou-se no programa de aprendizagem da disciplina de português da mesma escola. O espectáculo foi inspirado na vida e obra do poeta Fernando Pessoa e foi concebido segundo a temática do Circo. Os alunos foram responsabilizados por várias tarefas que incluíram a construção das personagens e dos seus adereços de caracterização e a dinamização do espectáculo em sintonia com o imaginário temático definido. O espectáculo foi de natureza itinerante pela associação que se pode fazer entre a vida circense e as viagens feitas por Fernando Pessoa. Nesse sentido, o espectáculo contemplou um percurso entre a Rua do Carmo e o Teatro de S. Luiz com passagem pelo Largo de S. Carlos. Durante este percurso o público foi assimilado pelo espectáculo passando a fazer parte deste como participante. O movimento dos *performers* deteve-se por alguns minutos no Largo de S. Carlos para a contemplação de um personagem representando o poeta Fernando Pessoa, o qual, da varanda do quarto andar do edifício onde nasceu o poeta, deixou lentamente cair pedaços de papel com excertos dos seus poemas. A este momento e a partir da mesma varanda seguiu-se um *rappel* australiano protagonizado por dois outros personagens descendo a fachada do edifício até ao Largo. Em seguida os actores e o público dirigiram-se para o Teatro de S. Luiz subindo as escadas que dão acesso à Rua Paiva de Andrade.

A natureza itinerante do espectáculo e a sua passagem pela Rua do Carmo, Rua Garrett, Rua Andrieta, Largo S. Carlos, Largo do Picadeiro, escada de incêndio do Teatro S. Luiz e Jardim de Inverno proporcionaram ao espectador um percurso de deambulação em espaço urbano. A razão de ser deste percurso esteve ligada à construção de um imaginário global do evento. Durante o percurso o espectáculo assimilou os próprios espectadores como intervenientes do mesmo espectáculo. Estas são características que permitem inclui-lo no género de actividades culturais

caracterizadas pelos princípios que definem a ideia de *experience economy* referida anteriormente.

O evento contou com o apoio da Escola Profissional de Artes e Ofícios – Chapitô, do Ministério da Educação, do Ministério da Cultura, do Banco Santander, da Junta de Freguesia dos Mártires, e do Teatro Municipal S. Luiz, entre outros.

No âmbito da iniciativa “Chiado na Moda” decorreram nos dias 15 e 16 de Maio de 2009 desfiles de moda no Largo de S. Carlos. Esta iniciativa decorreu de 9 a 17 de Maio na zona do Chiado e contemplou a realização de espectáculos de música, dança, montras vivas, desfiles de moda, mercado da moda, workshops, conferências e exposições. As diferentes iniciativas tomaram lugar em diversos pontos do Chiado como a Praça Luís de Camões, o Largo do Carmo, a Basílica de Nossa Senhora dos Mártires, o Largo de S. Carlos, a Estação de Metro da Baixa-Chiado, a Calçada de S. Francisco, Largo da Academia de Belas Artes, o Largo do Chiado, a Galeria Fundação Sousa Pedro na Rua Serpa Pinto, a Rua Anchieta, o Teatro Municipal São Luiz, Auditório da FNAC nos Armazéns do Chiado ou o Auditório da Escola de Musica do Conservatório Nacional. Esta foi a segunda edição de um evento que pretende perpetuar-se como um dos acontecimentos que anualmente dinamizam a vida da zona do Chiado através da cultura. Os desfiles que ocorreram no Largo de S. Carlos foram de acesso livre e trouxeram, a uma *passerelle* aí montada para o efeito, modelos que mostraram as colecções de algumas das marcas de roupa com loja no Chiado e do *Atelier dos Storytailors* (criadores de moda).

O evento esteve a cargo da Junta de Freguesia dos Mártires com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e a Junta de Freguesia do Sacramento e contou com o apoio de diversas entidades como a RTP, a Rádio Renascença, o Teatro Nacional de São Carlos, a Companhia Nacional de Bailado, o Teatro Municipal S. Luiz, o Teatro da Trindade, a sociedade de advogados ABBC, a FNAC e o Metro de Lisboa, entre diversos outros.

O “Festival ao Largo” decorreu entre os dias 26 de Junho e 20 de Julho de 2009 e marcou o encerramento da temporada 2008/2009 do Teatro Nacional de S. Carlos. Às 22 horas de quase todas as noites do período referido subiram ao palco montado no Largo de S. Carlos para o efeito, músicos, actores ou bailarinos que constituíram uma oferta bastante diversificada no campo artístico. Os espectáculos foram todos de acesso livre. Cada noite teve associado a si um tema identificador do tipo de espectáculo que ofereceria, designadamente, “Noite Brancas” (música russa), “Noite Romântica”, “Noite Coral”, “Noite Napolitana”, “Noite Popular”, “Noite de Ópera Dido e Eneias”, “Carmina Burana”, “Noites de Bailado” e “Noites

de Teatro”. A iniciativa foi promovida pelo Organismo de Produção Artística (OPART), entidade que gere o Teatro Nacional de São Carlos, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Companhia Nacional de Bailado. Apoiaram também esta iniciativa o Teatro Nacional D. Maria II, a sociedade de advogados ABBC, a Câmara Municipal de Lisboa, a fundação EDP e o Turismo de Portugal, entre outros. A aposta na criação deste festival foi motivada pelo sucesso alcançado pelos eventos que trouxeram ao Largo de S. Carlos um grande ecrã onde foram projectados espectáculos de Ópera motivadores de uma grande afluência de público a este local. O festival procurou oferecer espectáculos em meio urbano promovendo o envolvimento de diversos corpos artísticos e renovando a oferta cultural aos habitantes e visitantes de Lisboa.

O “Festival dos Oceanos” decorreu em Lisboa, entre os dias 1 e 15 de Agosto de 2009 e ficou marcado por uma grande diversidade de iniciativas oferecidas ao público. Entre estas destaca-se para o âmbito desta dissertação, o “Piano Vertical” montado no Largo de S. Carlos e que proporcionou um espectáculo de música, imagem, poesia e humor num piano pendurado a 6 metros de altura.

Esta estratégia de promoção de iniciativas de carácter cultural contribui largamente para a afirmação do Chiado como pólo cultural da cidade e para a atracção turística baseada na oferta de actividades neste sector.

4.4 Metodologias de análise espaço-funcional aplicadas à descrição das condições espaciais e à caracterização de usos em espaços públicos exteriores

Como foi anteriormente referido esta dissertação integra-se no âmbito da análise espaço-funcional, tendo sido necessário estabelecer procedimentos metodológicos adequados à situação em estudo: os modos de apropriação exibidos no largo de S. Carlos. Para o efeito foi feita uma pesquisa relacionada com as formas de descrição de espaços exteriores de permanência (análise espacial) e de caracterização dos usos observados (análise funcional).

No que se refere à análise espacial aplicada a espaços de permanência (praças) destacaram-se os trabalhos de:

Brandão Alves, F. (2003) *Avaliação da qualidade do espaço público urbano* onde é abordada a condição espaço-funcional da praça urbana contemporânea. O autor relembra a importância simbólica que as praças assumem na sua relação com os edifícios que as circundam bem como do seu papel para a vivência do espaço público. A cidade europeia medieval e a sua vocação para a pedestrianização são tomadas como referência na adopção de estratégias de vivificação dos centros

urbanos. É também lançado o alerta para o facto de, por vezes, as intervenções que procuram o aumento do número de utilizadores serem “excessivamente” bem sucedidas e comprometerem a sua vivência.

Heitor, T. (2000) *A Vulnerabilidade Espacial em Chelas Uma Abordagem Sintáctica*, onde é proposta uma metodologia de análise espaço-funcional baseada no quadro teórico metodológico proposto pela Sintaxe Espacial (Hiller e Hanson, 1984) e no qual se associam os descritores propostos por Valente Pereira (1983) para a interpretação da estrutura morfológica e para a sistematização e caracterização dos seus elementos em termos das variáveis consideradas.

Heitor, T. (2007) em *Estudos Espaço-Funcionais* propõe uma visão integradora das fases de produção e uso do espaço construído, com ênfase para as questões relacionadas com a organização espacial das funções e com as suas implicações ao nível do uso do espaço. A autora defende que “trabalhar simultaneamente com a forma física e a forma social (usos) exige quer o suporte de um quadro teórico sobre esta relação que oriente a definição das variáveis de análise i.e., dos atributos relativos à organização social e física passíveis de interacção, quer uma metodologia que permita a descrição do espaço, a recolha e leitura dos comportamentos espaciais exibidos pelos utilizadores e a sua posterior co-relação, de modo a identificar as condicionantes impostas pelo espaço aos utilizadores e concluir sobre as suas capacidades funcionais”. Considera que “a investigação iniciada no final da década de 70, por Bill Hillier e Julienne Hanson, também designada por Sintaxe Espacial (Hillier e Hanson 1984) e posteriormente desenvolvida por outros investigadores (e.g. Peponis et al, 1997; Turner et al; 2001 Batty, 2001) foi decisiva no processo de identificação e compreensão dos atributos espaciais com mediação directa no uso do espaço”. Tal envolveu a construção de modelos conceptuais com capacidade para explorar e compreender as propriedades estruturantes do espaço e relacioná-los com variáveis relativas ao uso do espaço.

Neste sentido foi feita uma pesquisa complementar enfocada nas metodologias desenvolvidas no âmbito da Sintaxe Espacial, complementada pelo trabalho de Benedikt (1979).

A abordagem à sintaxe espacial baseia-se na aplicação do modelo de análise espacial desenvolvido por Bill Hillier e Jullien Hanson (Bartlett School, University Colledge London) e designado por *Sintaxe Espacial*.

Trata-se de um modelo de natureza descritiva que através do recurso a um sistema de representações esquemáticas e simbólicas, procura traduzir o modo como os espaços se organizam entre si e a partir dessa descrição explicar a lógica social que lhes está subentendida, quer ao nível da sua concepção quer dos seus modos de fruição e apropriação.

A descrição sintáctica fundamenta-se em três propriedades espaciais básicas que se definem do seguinte modo:

- *Contiguidade* de um espaço E (ou conectividade) é o número de espaços que lhe são directamente adjacentes (trata-se da permeabilidade directa de E);
- *Controlo* de um espaço E é a importância de E relativamente aos outros espaços do sistema enquanto ponto obrigatório de passagem;
- *Profundidade* de um espaço E é a distância de E a todos os outros espaços do sistema.

O modelo sintáctico baseia-se em representações bidimensionais. Como explica T. Heitor (*Metodologias de Análise Espacial*, 2001/2002), a simplificação da realidade que estes modelos implicam é justificada pelo facto de os mecanismos estruturantes essenciais da “lógica social do espaço” serem traduzíveis em duas dimensões. Fundamenta-se no pressuposto (Heitor 2001/2002) de que os sistemas espaciais se podem definir como um conjunto de objectos elementares denominados células – correspondentes a espaços de permanência e de circulação – que se organizam segundo propriedades de permeabilidade (anteriormente referidas). As células organizam-se de dois modos distintos: a) segundo uma organização unidimensional, a qual implica a definição de eixos de penetração física e visual – linhas axiais; b) segundo uma organização bidimensional, a qual implica a definição de espaços convexos e de polígonos de visibilidade. Um espaço convexo é aquele em que qualquer linha unindo dois pontos está inteiramente nele contida, o que significa que todos os seus pontos são directamente acessíveis e visíveis a partir de um seu ponto arbitrário. Um polígono de visibilidade corresponde ao campo visual alcançado a partir de um determinado ponto, também designado por *isovista*. Benedikt (1979) definiu isovista como o conjunto de todos os pontos num determinado universo que são visíveis a partir de um determinado ponto *x*, de observação, inserido nesse universo. Esta abordagem permite definir um espaço a partir do conjunto de superfícies que são visíveis deste ponto *x* nele contido. As isovistas constituem-se como polígonos de visibilidade que se desenvolvem a partir de um determinado ponto espacial, condicionados pelas barreiras físicas posicionadas no espaço relativamente a esse ponto.

Benedikt, M.L. (1979) em “To take hold of space: isovists and isovist fields” introduz o conceito de “isovista” como ferramenta de análise e descrição da percepção do espaço. Os métodos definidos procuram descrever e ajudar a compreender o espaço como indutor de comportamentos através da percepção visual do indivíduo. Para o fazer, o autor assume uma perspectiva de avaliação de percepção assente na percepção de ambientes em detrimento da percepção de objectos singularmente. Ficaram definidos os significados de “isovista” e alguns

parâmetros de medição, quantificação que a caracterizam para que as diferentes isovistas possam ser estudadas de forma comparativa. É apresentada uma metodologia de descrição do espaço que procura ajudar a compreender e avaliar alguns comportamentos que este pode gerar.

Ficou definido o “conjunto de suficiência” como o conjunto de superfícies necessárias para descrever totalmente um espaço através de “isovistas”. O espaço pode ter diferentes “conjuntos de suficiência”. O número de elementos do menor “conjunto de suficiência” (aquele que define o espaço com o menor número de “isovistas”) é designado por “número de suficiência”. Os percursos feitos para ligar os pontos de vista de todas as “isovistas” pertencentes a um “conjunto de suficiência” são chamados “percursos de suficiência”. O menor de todos esses os percursos possíveis para um determinado espaço é o “percurso mínimo de suficiência” ou “percurso mínimo”. Em seguida foram definidos alguns parâmetros para a descrição de “isovistas” isoladamente, tais como: a sua área, o seu perímetro de projecção em superfícies reais, entre outros. O autor destaca a importância da análise das “isovistas” individualmente, mas salienta que a sua utilidade deste tipo de estudos é maior se conseguir ser mais abrangente a nível espacial. Recorrendo à referência de outros estudos feitos neste campo, foi apresentado o conceito de “campo de isovistas” como o conjunto de todas as “isovistas” geradas por um percurso no espaço e foram apresentadas algumas formas da sua representação. O autor detém-se ainda na explicação da aplicação destes métodos de análise e da sua tradução no comportamento e percepção no espaço. O artigo termina com a análise de obras dos períodos arquitectónicos grego, clássico e moderno à luz dos métodos descritos e enunciando as diferenças entre estes identificadas no âmbito desta reflexão.

A organização convexa de um sistema traduz o grau de contenção e contiguidade dos espaços; a organização axial expressa as relações de acessibilidade existentes entre todos os espaços do sistema, possibilitando analisar este segundo uma *dimensão global*. A estrutura configuracional do sistema é consequência do modo como as células de um dado sistema espacial se articulam entre si. O modelo sintáctico recorre à teoria dos grafos, para representação, quantificação e interpretação das relações espaciais.

No que se refere à análise de usos destacaram-se os trabalhos de:

Whyte, W. (2001) em *The Social Life of Small Urban Spaces*, New York: Project for Public Spaces investiga as vivências de praças de Nova Iorque, através do registo dos modos de apropriação destes espaços pelos seus utilizadores visando a identificação de princípios de intervenção a adoptar na requalificação destes espaços. O estudo realizado incluía praças com distintos índices de utilização

(elevados e reduzidos) e procurava compreender quais os factores que podiam ter influência na eleição de determinados espaços para permanência e rejeição de outros. São destacados factores como a hora do dia, a estação do ano, o desenho do mobiliário, a capacidade de promover o encontro entre pessoas ou a realização de eventos como concertos, entre outros.

Heitor, T. (2009) em “A Avaliação da Condição Instrumental dos Objectos Arquitectónicos” aborda aspectos relativos ao levantamento e leitura de usos. A autora defende que tal requer a construção de uma metodologia que permita a sua posterior correlação com a respectiva condição espacial. Destaca para este efeito os métodos de observação empírica desenvolvidos a partir do final da década de 40, nas áreas da psicologia ambiental e da antropologia, para exploração quer de evidências físicas decorrentes de vivências, quer das formas como as pessoas estruturam e utilizam o espaço para interagir e comunicar.

Entre as principais técnicas de observação aplicadas identifica o *mapeamento comportamental* (Ittelson et al 1974; Sommer and Sommer, 1980). Esta técnica baseia-se em levantamentos de usos e na sistematização das informações recolhidas com recurso a técnicas de observação directa, registo e quantificação. Para além da observação visual, esta abordagem pode ser complementada por informação recolhida junto ao utilizador (Sanoff, 1991). A autora chama a atenção para a necessidade de tomar precauções na aplicação deste método devido à possibilidade de perda de objectividade e sistematização na recolha de informação directa bem como à utilização de meios de observação intrusivos, que poderão causar inibições nos utilizadores e provocar alterações nos comportamentos espaciais exibidos. Mostra ainda como tem sido desenvolvidos esforços para ultrapassar estas questões, através do recurso a técnicas de observação e registo automático.

Em Heitor et al (2007) analisaram-se as potencialidades da rede wifi enquanto sistema de detecção da mobilidade de utilizadores. Este trabalho decorreu no âmbito de uma investigação sobre ambientes de aprendizagem informal em contexto escolar, visando identificar quais as condições espaciais que influenciam o uso do espaço.

Na sequência deste estudo Heitor e Tomé, (2009) aprofundaram outros processos de aquisição de dados de mobilidade e co-presença em espaços sociais e de convívio com recurso à tecnologia vídeo. A aquisição de imagens vídeo foi efectuada sistematicamente a várias horas do dia e, em cada hora, foram produzidos registos a partir dos ângulos de enquadramento mais favoráveis para a captação de imagens. Os cliques produzidos tiveram, a duração média de 3 a 7 minutos. O tratamento dos cliques gravados foi efectuada a partir de um software de pós-processamento de imagens vídeo disponível no mercado – o After Effects – tendo como objectivo a produção de gráficos de movimento, i.e. representações

gráficas dos fluxos de movimento observados, permitindo identificar os padrões de mobilidade exibidos.

Tomé (2009) no âmbito do trabalho de doutoramento está a aperfeiçoar os processos automáticos de tratamento dos registos vídeo anteriormente utilizados. O recurso a um algoritmo de detecção e seguimento especificamente desenvolvido para o efeito, permitiu processar automaticamente essas imagens e obter mapas de ocupação e de fluxos inerentes às situações gravadas.

Em Rita (2008) foi ainda testada a aplicação deste método em meio urbano visando a observação, registo e análise da mobilidade pedonal. Exploraram-se as condições morfológicas responsáveis por criar impedimentos ou limitações à actividade pedonal na zona de Sete-Rios, recorrendo à produção, tratamento e análise de registos de imagem captados ao longo de percursos previamente identificados por residentes. O método aplicado permitiu avaliar a adequação de um percurso ao movimento pedonal e identificar situações críticas de circulação pedonal.

5. Organização do trabalho

A dissertação está organizada em três partes. Na primeira parte apresenta-se o estudo de caso, faz-se um breve historial da sua evolução urbana e refere-se a situação actual destacando a sua utilização com palco de eventos culturais. Na segunda parte apresenta-se a metodologia de análise espaço-funcional aplicada ao estudo de caso. Para a descrição do espaço recorreu-se ao modelo de análise sintáctica (Hillier e Hanson, 1984), e para as observações de uso do espaço utilizaram-se mapas comportamentais apoiados em tecnologia vídeo. Na terceira parte identificam-se os padrões de uso e de apropriação do largo de S. Carlos e caracterizam-se as suas condições espaço-funcionais concluindo sobre a sua aptidão para acolher eventos culturais.

I. Apresentação do caso de estudo: Largo de S. Carlos

I.1 Evolução do Largo de S. Carlos no espaço e no tempo

O Largo de S. Carlos estabelece uma estreita relação com o Teatro de S. Carlos desde a sua concepção. Esta relação é evidente em vários dos aspectos que contribuem para a sua identidade, nomeadamente ao nível da sua evolução histórica, composição urbana, funcionalidade, usos e apropriações. Serão por isso feitas diversas referências ao Teatro de S. Carlos, para que possam servir de suporte à descrição dos processos de transformação que afectaram o espaço público fronteiro.

O Teatro de S. Carlos tem sido sempre associado a manifestações culturais e artísticas e foi constituindo, a par de outros equipamentos, um pólo de dinamização da vida urbana da cidade em diversos períodos da sua existência.

Importa portanto, relativamente ao Largo de S. Carlos, retratar os aspectos que se mostraram decisivos para a sua concepção, os usos e apropriações do espaço que nele se têm verificado, as suas características espaciais e as transformações que sofreu.

1.2 Conceção do Largo

Pela leitura dos registos cartográficos de Lisboa elaborados por de João Nunes Tinoco em 1650 (figura 1), bem como os de Guilherme Joaquim Paes de Menezes e Helias Sebastião Poppe em 1761 (figura 2), verifica-se que a zona onde actualmente se situa o Largo de S. Carlos se encontrava contida na área delimitada pela muralha fernandina, perto das portas de Santa Catarina e do Duque de Bragança, e nas imediações do Palácio dos Duques de Bragança e do Convento de São Francisco.

Moreau (1999) em “O Teatro de S. Carlos, dois séculos de história” refere que “As notícias antigas que se conhecem do local onde se encontra o teatro referem-se à segunda metade do século XV e foram publicadas por Matos Sequeira, com base em documentos encontrados e publicados pelo Prof. Virgílio Correia, que foi director do Museu Machado de Castro, em Coimbra.

Na zona situada a ocidente do actual S. Carlos existia então um grande quintal, naturalmente com a sua horta de regadio, tombado na vertente de um outeiro limitado, na parte mais elevada, pela muralha fernandina. Ainda hoje se vê o que resta dessa encosta, no desnível existente entre a Rua António Maria Cardoso e o Largo de S. Carlos, passando pelo Largo do Picadeiro. (...) Junto a ele, no local onde é hoje o Largo de S. Carlos, e que era então significativamente mais elevado do que actualmente, situava-se a casa do pintor Nuno Gonçalves, autor ou, mais provavelmente, co-autor dos painéis de S. Vicente (...).”¹

¹ Moreau, M. (1999) *O Teatro de S. Carlos: dois séculos de história*, Lisboa: Hugin Editores. Vol. I pp. 15-16

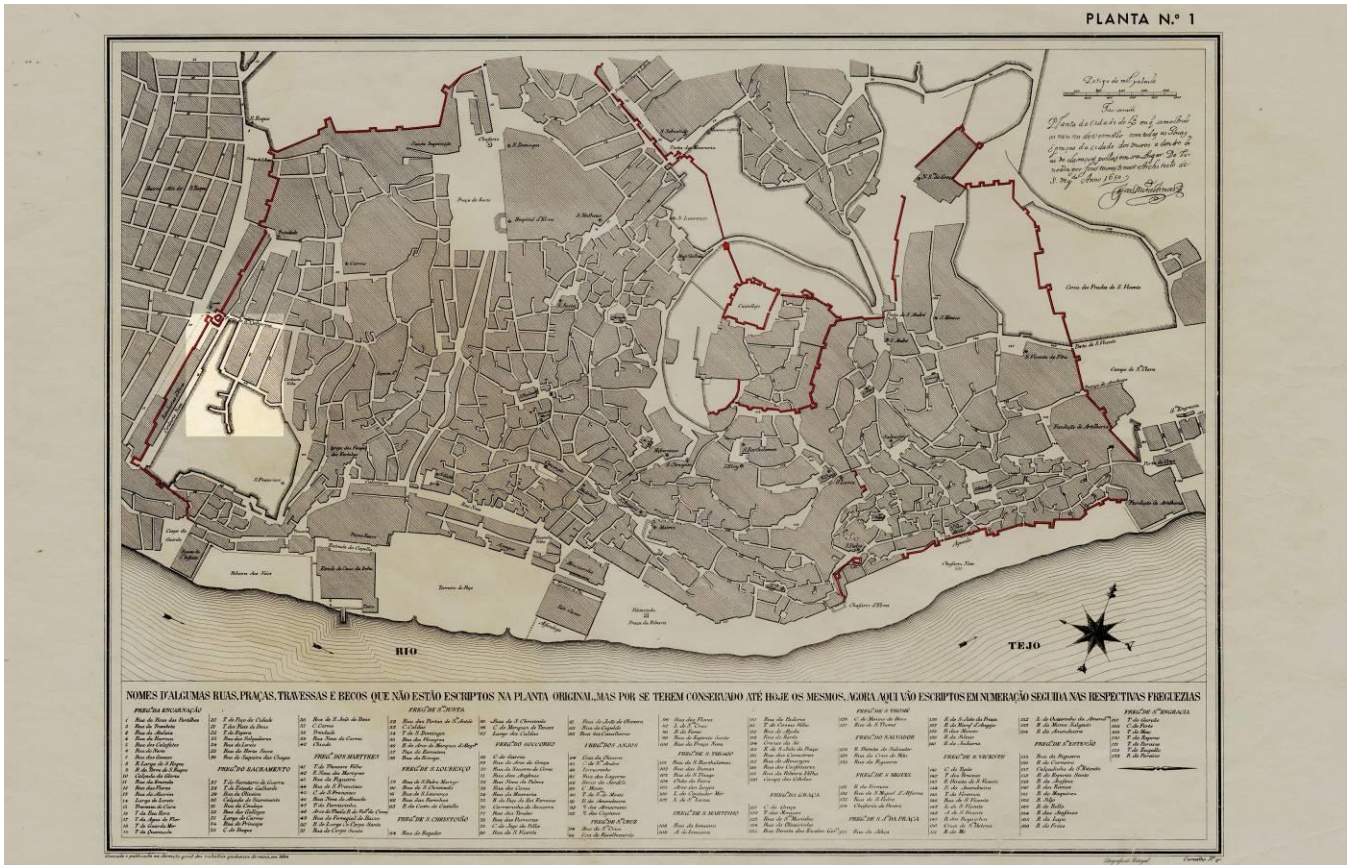


figura 1 Planta da cidade de Lisboa em 1650 - João Nunes Tinoco



figura 2 Planta da cidade de Lisboa em 1761 - Guilherme Joaquim Pais de Menezes e Helias Sebastião Poppe

O plano de reconstrução de Lisboa apresentado em 1758 pela equipa liderada por Eugénio dos Santos, estabeleceu as regras para a edificação da Baixa e da colina ocidental da cidade, até ao Bairro Alto. Nesta zona foi posteriormente construído o “Real Theatro de São Carlos”.

Nos registos cartográficos relativos ao plano de reconstrução de 1758 (figura 3) é possível observar que não estava prevista nem a construção da Ópera nem do Largo confinante com esta. O Largo surge integrado no projecto do Real Theatro de São Carlos, da responsabilidade do Arqt. Costa e Silva. Encontra-se limitado pelos arruamentos definidos no plano (as actuais Rua de Serpa Pinto e Rua Paiva de Andrade) e ocupa uma área que estava destinada a ser edificada.

Segundo Henriques da Silva (2004) “A sua implantação, na proximidade da bela Igreja dos Mártires, de Reinaldo Manuel, acabada de inaugurar, rompe, em largo propositado, a correnteza da Rua Nova dos Mártires (hoje Serpa Pinto) e articula-se dinamicamente com a Rua dos Duques de Bragança.

Este foi o primeiro acto de alteração da malha contínua da urbanística pombalina para o sítio mas, logo depois, o Quintela-Farrobo abriu também um pequeno largo, frente ao seu palácio da Rua do Alecrim, interrompendo a continuidade da Rua do Alecrim e fazendo-a comunicar com a Rua das Flores.”² (figura 4).

² Henriques da Silva, Raquel (2004) “A Arquitectura da Baixa Pombalina: Cem anos de História” in: Mascarenhas Mateus, João, *A Baixa Pombalina e a sua importância para o património mundial : jornadas*, Lisboa: Câmara Municipal, Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, p.52



figura 3 Plantas da cidade de Lisboa arruinada e segundo o novo alinhamento dos architectos Eugénio do Santos e Carlos Mardel



figura 4 Plantas parciais da cidade de Lisboa em 1856 – Filipe Folque

O Teatro de São Carlos começou a ser construído em Dezembro de 1792. A sua construção foi impulsionada por Diogo Inácio de Pina Manique, fundador da Casa Pia de Lisboa e então Intendente-Geral da Polícia. Anteriormente, o principal palco lírico lisboeta era a Ópera do Tejo, teatro régio projectado por Giovanni Carlo Bibiena, situado junto ao Paço da Ribeira e destruído pelo terramoto de 1755. Existiam também os Teatros do Salitre, do Bairro Alto e da Rua dos Condes e era neste último que com mais frequência se podia assistir a espectáculos de Ópera. Este teatro não estava, contudo, dotado das necessárias condições de conforto acústico, de visibilidade e de segurança (Benevides, F. 1883). Perante a ausência de um outro espaço que lhe pudesse equivaler após a reconstrução da cidade e o crescente interesse pela cultura da Burguesia em ascensão, Pina Manique sugere a edificação de um novo Teatro destinado aos espectáculos de Ópera³. A construção do novo edifício de espectáculos de Lisboa seria patrocinada por um grupo de negociantes abastados⁴ e, estando estes reembolsados, teria como finalidade subsidiar a Casa Pia de Lisboa, cujas dificuldades de subsistência não escapavam às preocupações do seu fundador.

O projecto do Teatro foi entregue a José Costa e Silva (1747-1819)⁵. Na sua concepção identificam-se algumas semelhanças com as plantas o *Teatro di San Carlo* em Nápoles e com o alçado do *Teatro Alla Scalla* em Milão. No interior, a decoração do vestíbulo de entrada e da sala de espectáculos ficou a cargo de Cirilo Wolkmar Machado e Manuel da Costa, respectivamente. No exterior foi dedicada maior atenção ao tratamento arquitectónico do alçado principal do edifício. As obras para construção do teatro implicaram o aterro do Largo do Picadeiro, a edificação do muro de suporte da Rua do Outeiro (actual Rua Paiva de Andrade) e a definição do Largo de São Carlos. “Confina o edifício do teatro pelo norte, para onde tem fachada principal, com o Largo de S. Carlos, pelo poente com o largo do Picadeiro, pelo nascente com a rua Nova dos Martyres, pelo sul com uma quinta e um prédio contíguo.”⁶

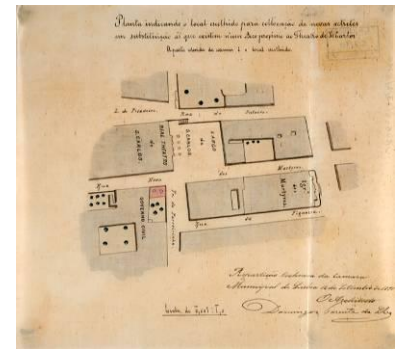


figura 5 Largo de S. Carlos

Arquivo Municipal/Arquivo Arco do Cego

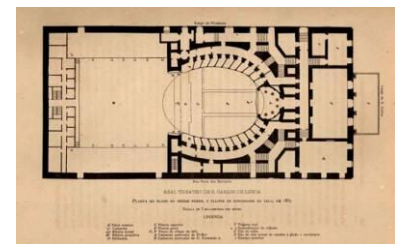


figura 6 Planta do Teatro de S. Carlos - Planta no plano da ordem nobre, e Ellipse de sonoridade da sala, em 1882

Benevides, F. (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, p.25



figura 7 Fachada do Teatro de S. Carlos

in Benevides, F. (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*, p.25

³ Esta iniciativa pretendia também comemorar o anúncio da gravidez de Dona Carlota Joaquina de Bourbon (esposa de D. João VI, já no momento príncipe regente em lugar de Sua mãe, Dona Maria I).

⁴ Joaquim Pedro Quintela, Anselmo José da Cruz Sobral, Jacinto Fernandes Bandeira, João Pereira Caldas, António Francisco Machado e António José Ferreira Solla. O primeiro cedeu o terreno pedindo em troca um camarote *in perpetuum*, para si e para os seus descendentes.

⁵ arquitecto de inspiração neo-clássica, que estudou em Bolonha e posteriormente à edificação do Teatro colaborou com Francisco Xavier Fabri (1761-1817) no projecto do Palácio Real da Ajuda

⁶ Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão pp. 22-23

Pessoa descreveu-o como “ (...) um Teatro de primeira classe, e aqui têm sido ouvidas as maiores celebridades vocais do mundo, como, por exemplo, Tamagno, Gayarre, Patti, Battistini, Bonci, Barrientos, Caruso, Tita Rufo, Regina Panccini, Francisco e António de Andrade, etc. Ele tem recebido maestros como Saint-Saens, Toscanini, Mascagni, Strauss, Liszt, Mancinelli, Leoncavallo, Victorino Guy, Tullio Serafin, etc. O próprio edifício é interessante, com uma varanda sobre a arcádia que constitui a entrada coberta do Teatro. O vestíbulo, cujo tecto chegou a ter pinturas de Cirilo Wolkmar Machado, está agora limitado ao estuque com armas, decorações e várias inscrições com as datas em que óperas célebres aqui foram ouvidas pela primeira vez, colunas de mármore, e ornamentos afins de grande efeito artístico.

A sala de espectáculos, de forma oval, é majestosíssima e bem concebida; a decoração, toda em dourados, é da autoria de Manuel da Costa; e as condições acústicas da sala são perfeitas. Há cinco ordens de camarotes, espaçosas varandas e uma ampla plateia muito confortável para 600 pessoas. Suspenso do centro do tecto, um enorme candelabro, de 10,9 metros de circunferência e levando 284 lâmpadas. No segundo andar há também um grande e nobre salão decorado.

O Teatro de São Carlos, que custou 166 contos (36 880 Libras) e foi construído ao gosto do teatro homónimo de Nápoles, que ardeu completamente em 13 de Fevereiro de 1816, é desde 1854 propriedade do Estado. É pena que ele esteja presentemente a ser utilizado por companhias de teatro e não de ópera.”⁷



figura 8 Sala de Espectáculos do Teatro de S. Carlos

TNSC-O teatro Nacional de São Carlos - Imagens do Teatro, Disponível em: <http://www.saocarlos.pt/> [18.01.2009]

⁷ Pessoa, F. (2007) Lisboa: O que o turista deve ver, Lisboa: Livros Horizonte p.67

1.3 Usos e apropriações

Os usos que caracterizam o Largo de São Carlos estão frequentemente relacionados com o Teatro, mas não exclusivamente. Ao longo da sua existência verificaram-se diferentes apropriações descritas em relatos de acontecimentos que ilustram a sua evolução no tempo.

Benevides (1883) refere que “O Theatro de S. Carlos é o principal elemento da vida exterior da cidade de Lisboa no inverno; é o primeiro foco da vida musical e artística na capital d’estes reinos; em relação aos outros paizes civilizados occupa no mundo lyrico um dos primeiros logares.”⁸ Este autor faz ainda referência a diversos acontecimentos relacionados com o Teatro e que se estenderam ao Largo de São Carlos tais como: “Contava a companhia lyrica de S. Carlos , n’esta epocha, duas brilhantes estrelas: Catalani e Crescenttini (...).

Foi n’este mesmo anno de 1801, que estas duas famosas celebridades abrilhantaram essa esplendidissima função (...) no Real Theatro de S. Carlos (...) para festejar a conclusão do tratado de Badajoz, de 6 de Junho de 1801, pelo qual se fizera paz entre Portugal, Hespanha e França.

Para a grande festa tinha sido o theatro ricamente adornado e iluminado por dentro e por fóra. No terraço sobre o largo de S. Carlos tocava uma banda de musica marcial. Todas as casas próximas se achavam iluminada. Pelas 7 horas chegaram à tribuna o real príncipe regente (...), sua mulher (...) e toda a família real.”⁹, “Apesar da guerra continuar entre constitucionaes e absolutistas (...) não esperou o governo pela conclusão das hostilidades para provocar a abertura do theatro de S. Carlos, que havia cinco annos que não tinha uma companhia lyrica italiana. (...)

Fizeram-se por esta occasião alguns reparos no theatro: foi pintado, e melhorada a illuminação. (...)

O dia da abertura do theatro de S. Carlos (...) foi de extraordinario esplendor ; uma enchente completa e grande enthusiasmo no publico. Houve quem , vendo a afluência ao theatro, se lembrou de especular comprando o resto dos bilhetes de plateia na casa. Um tal acontecimento foi considerado um escandalo; chegar um cidadão ao bilheteiro, dizerem-lhe que já não havia bilhetes e estarem contratadores, ali mesmo à vista, no largo de S. Carlos, a apregoarem-nos pelo

⁸ Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão p. V

⁹ Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão pp. 67-68

dobro e o triplo do preço!”¹⁰, “Em 3, 4, 5 e 6 de Fevereiro de 1883 houve bailes de mascarar; (...) Nas noites de bailes de máscaras havia no salão, no largo de S. Carlos, Picadeiro e rua nova dos Martyres, iluminação electrica com as machinas de Brush, que tinham funcionado na Exposição da arte ornamental de 1882 no palacio do museu das bellas artes ás Janellas Verdes.”¹¹, “A epocha de 1882 a 1883 foi muito animada, principalmente no fim, graças aos partidos que se formaram entre as damas Pasqua e De-Reszké. (...)”

Na festa da Pasqua a iluminação do theatro tinha sido augmentada com numerosos candelabros nos camarotes que produziam lindíssimo efeito; houve coroas de menos valor que na festa da De-Reszké, (...) no fim da recita a Pasqua foi acompanhada a casa, a pé, sobre numerosos *paletots* e casacos, por muitos admiradores, na pequena distancia que medeiava ente o theatro e a sua habitação na esquina do Largo de S. Carlos, sendo acclamada com intermináveis vivas.”¹²

Em 1913, após a instauração da República, o Largo adquiriu a designação de “Largo do Directório”.¹³ Esta medida visou assinalar a permanência no edifício do Largo do Partido Republicano Português nos anos que precederam a proclamação da República e, ainda algum tempo depois de 1910. Pela observação de registos iconográficos deste período, verifica-se que o largo assumiu uma condição de espaço de permanência sendo utilizado para actividades relacionadas com o Partido Republicano, até 1926. A partir de então foi mantendo a sua utilização como espaço de permanência embora com uma actividade reduzida, continuando a funcionar nos dias de espectáculo como espaço de suporte ao Teatro, facilitando a entrada e a saída dos espectadores e o seu acesso a veículos.

Em 1956¹⁴ foi retomada a designação original de Largo de S. Carlos. Nas décadas de 60 a 90 do séc. XX abdicou da sua condição de espaço de permanência e transformou-se num espaço de passagem, tendo sido também utilizado como zona de estacionamento do Governo Civil. Após o incêndio do Chiado em Agosto de 1988, o município de Lisboa iniciou um processo de requalificação que visou a

¹⁰ Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão p. 154-155

¹¹ Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão p. 397

¹² Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão p. 409

¹³ por deliberação camarária e edital respectivamente, de 4 de Setembro e 18 de Outubro de 1913. CM-LISBOA — Toponímia de Lisboa, disponível em: http://toponimia.cm-lisboa.pt/pls/htmldb/f?p=106:1:4273832420444316::NO::PI_TOP_ID:544:#ancora [15-05-2009]

¹⁴ por edital de 28 de Maio de 1956. CM-LISBOA — Toponímia de Lisboa, disponível em: http://toponimia.cm-lisboa.pt/pls/htmldb/f?p=106:1:4273832420444316::NO::PI_TOP_ID:544:#ancora [15-05-2009]



figura 9 Descerramento da placa toponímica do antigo Largo do Directório, 1911 – Benoiel, Joshua

Arquivo Municipal de Lisboa /Arquivo Fotográfico



figura 10 Largo de S. Carlos, antes de 2000
Arquivo: Sofia Velez

reposição das condições de permanência com o objectivo de potenciar a fixação de utilizadores.

Actualmente, além do uso do Largo como espaço de permanência, este tem sido palco de eventos variados quer directamente relacionados com as actividades do Teatro como a transmissão, em directo, de récitas de teatro (“Teatro ao Largo”) e óperas (“Ópera ao Largo”) quer no âmbito de outras iniciativas como o “Postal de Natal Cantado” promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, em 2008, à qual esteve também associada uma campanha de recolha de livros usados. No mês de Maio de 2009 foi eleito para a realização de concertos e desfiles de moda no âmbito da iniciativa “Chiado na moda”, em Junho e Julho do mesmo ano suportou a realização do “Festival ao Largo” e em Agosto do “Festival dos Oceanos”.

A observação de material iconográfico de diferentes épocas até à actualidade permite concluir que não se verificaram alterações radicais na configuração do largo. Este caracteriza-se por ter uma forma quadrangular aproximada com uma área de cerca de 1120 m², incluindo a área sob a arcada da entrada do Teatro. O largo está limitado por edifícios a norte e pelo Teatro a sul, encontra-se nivelado com a rua que o limita a Este — Rua de Serpa Pinto (anteriormente Rua Nova dos Mártires) — e apresenta um desnível em relação à rua que o limita a Oeste — Rua Paiva de Andrade (anteriormente Rua do Outeiro). O acesso ao Largo a partir desta rua é feito através de uma escadaria paralela à sua orientação e encontra-se com o Largo próximo do seu vértice sudoeste.

O pavimento do largo encontrava-se, pelo menos desde o início do século XX¹⁵, revestido do mesmo modo que as vias de circulação de veículos adjacentes, não se distinguindo destas. Os veículos poderiam, sem obstáculos, deslocar-se até à entrada do Teatro para recolher os seus passageiros. Este facto é retratado em “Do Chiado a Veneza” (Machado, J. 1867) no seguinte excerto: “Não cheguei a Milão infelizmente a tempo ainda de assistir a alguma recita, mas visitei o teatro acompanhado por um dos *cicerones* que estacionam debaixo da arcada destinada como a de S. Carlos de Lisboa a servir de abrigo às pessoas que se apeiam das carruagens. É um teatro enorme com seis ordens de camarotes e uma platéa extremamente espaçosa e comoda.”¹⁶ A descrição leva a crer que essa característica lhe poderia ser própria desde a sua concepção.

¹⁵ Imagens do Arquivo Municipal de Lisboa /Arquivo Fotográfico.

¹⁶ Machado, J. (1867) *Do Chiado a Veneza*, Lisboa: Imprensa de Sousa Neves p.40



figura 11 “Festival dos Oceanos”, 2009, Agosto

disponível em:
http://www.festivaldosocceanos.com/index.php?pag=noticias_saida&id=16
[25-09-2009]



figura 12 Largo de São Carlos, antes de 1945 - Pozal, Fernando Martinez

Arquivo Municipal de Lisboa /Arquivo Fotográfico



figura 13 Grupo no largo de São Carlos, 1923 ou 1924 – Benoliel, Joshua

Arquivo Municipal de Lisboa /Arquivo Fotográfico

Congressistas da União Republicana saindo do Teatro Nacional de São Carlos

Através da observação de iconografia, é também possível constatar que a arcada da entrada do Teatro tinha o seu acesso condicionado por um gradeamento e apresentava uma pala que avançava sobre o largo, possivelmente, com a função de servir de abrigo da chuva.

Igualmente em fotografias do início do século XX é possível observar a presença de árvores de pequeno porte nos limites Norte e Oeste do largo.

As iniciativas que se conhecem com projectos visando a alteração das características espaciais do largo são apenas duas: o projecto de um marco fontenário de 1852 e o projecto realizado no âmbito de um programa de requalificação de espaços públicos na Baixa e no Chiado.

O projecto de um marco fontenário para o Largo de S. Carlos, da autoria de Malaquias Ferreira Leal, data de 1852. O marco fontenário seria alimentado a partir da galeria do Loreto, que corresponde ao troço do aqueduto entre o jardim de São Pedro de Alcântara e as portas de Santa Catarina (actual Largo do Chiado). O aqueduto iniciou a sua construção em 1731 e o seu objectivo era o de abastecer de água sobretudo a parte ocidental da cidade. A sua edificação visou melhorar as condições de vida dos habitantes desta zona e, assim, fomentar o desenvolvimento urbano da mesma. O projecto do marco fontenário poderia atrair utilizadores ao largo e contribuir para a sua afirmação como espaço exterior público de permanência. Não existe, contudo, indicação de que tenha sido construído.



figura 14 Congressistas da União Republicana saindo do Teatro Nacional de S. Carlos, 1918, 22 de Abril - Benoliel, Joshua

Arquivo Municipal de Lisboa /Arquivo Fotográfico

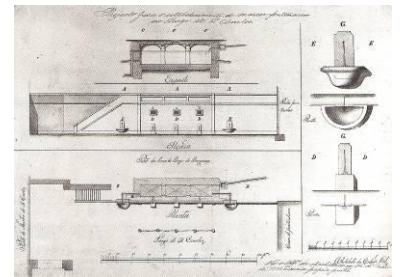


figura 15 Projecto para o estabelecimento de marcos fontenários no Largo de S. Carlos, 1852, 14 de Outubro - Ferreira Leal, Malaquias

1.4 Caracterização actual da área do Largo de S. Carlos

O Largo foi alvo de uma intervenção urbana no ano 2000. O seu objectivo, a par doutras intervenções contemporâneas, foi dotar este espaço das condições necessárias para reassumir um papel importante na vida cultural e social de Lisboa. A intervenção enquadrou-se no Plano de Pormenor de Reconstrução do Chiado e foi protagonizada pelo executivo camarário, tendo ficado a cargo dos arquitectos Miguel Marques dos Santos e Sofia Velez (anexo A). Esta operação contemplou a área do Largo de São Carlos, estendendo-se parcialmente à Rua Capelo, à Rua Paiva de Andrade e à Travessa dos Teatros.

As opções de projecto foram orientadas para a pedonalização do espaço urbano de modo a permitir a sua utilização como espaço de permanência.

À data do projecto, o Largo de São Carlos e a Travessa dos Teatros encontravam-se ocupados como lugares para estacionamento automóvel. A construção de infraestruturas urbanas de apoio à mobilidade urbana, designadamente a estação de metro Baixa-Chiado em 1998 e parques de estacionamento subterrâneos nas imediações (e.g.) do Largo Luís de Camões, sustentou a opção pela eliminação do cenário de estacionamento instalado.

Foram também introduzidos bancos e elementos arbóreos com o objectivo de dotar este espaço das condições necessárias à sua promoção como espaço de permanência, convívio, e para a realização de eventos associados ao Teatro adjacente. O redesenho do Largo veio também a revelar, de forma mais evidente, a galeria do Loreto, ligada ao Aqueduto das Águas Livres, que servia para o abastecimento de água desta zona da cidade. O seu acesso passou a ser protegido por uma porta com uma grade metálica que deixa a entrada para a galeria visível. A água passou a ser um elemento caracterizador deste espaço pela introdução de uma fonte aproximadamente no seu centro. A Travessa dos Teatros passou igualmente a ser um espaço para uso exclusivo de peões. Foram criados degraus e patamares de descanso para vencer a diferença de cotas que antes se vencia por uma rampa de declive acentuado.

Foi também intenção do projecto suprimir os lancis em parte da Rua Paiva de Andrade e substituir o pavimento na zona de circulação automóvel na mesma zona por cubo de vidro. Esta seria uma forma de evidenciar esta zona como uma zona de circulação pedonal (ainda que aí se processasse de forma sobreposta a outros meios de transporte). Contudo, este detalhe nunca se chegou a concretizar. O estacionamento na Rua Capelo, revestido a cubo de granito, foi reorganizado e passou a fazer-se em espinha.



figura 16 Largo de S. Carlos, 2001
Arquivo: Sofia Velez



figura 17 Largo de S. Carlos, 2009, 22 de
Abril



figura 18 Largo de S. Carlos, 2001
Arquivo: Sofia Velez

A intervenção, na sua globalidade, articulou-se de forma a criar um percurso urbano associado à cultura, potenciando, assim, as actividades de natureza cultural que constituem um forte pólo de atracção de populações a esta zona da cidade.

“O projecto teve como objectivos principais devolver os antigos espaços públicos à população e dotar esta zona histórica de um espaço aberto multiusos, onde poderão decorrer espectáculos, exposições, eventos e permitir que o teatro se abra para o exterior, aberto a iniciativas culturais livres, contribuindo para a desmistificação da Ópera como espectáculo de elite.”¹⁷

¹⁷ Brandão, P.; Carrelo, M.; Águas, S. (2002) *O Chão da Cidade, Guia de Avaliação do Espaço Público*, Lisboa: Centro Português de Design

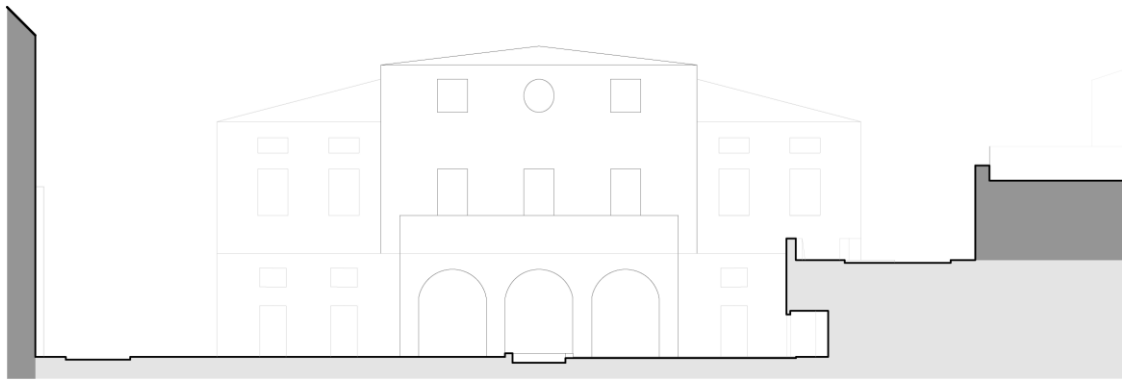


figura 19 Largo de S. Carlos, Corte transversal escala 1:300

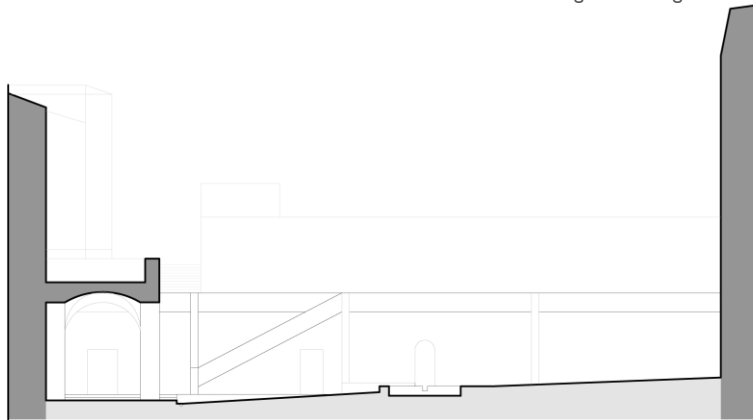


figura 20 Largo de S. Carlos, Corte Longitudinal 1:300

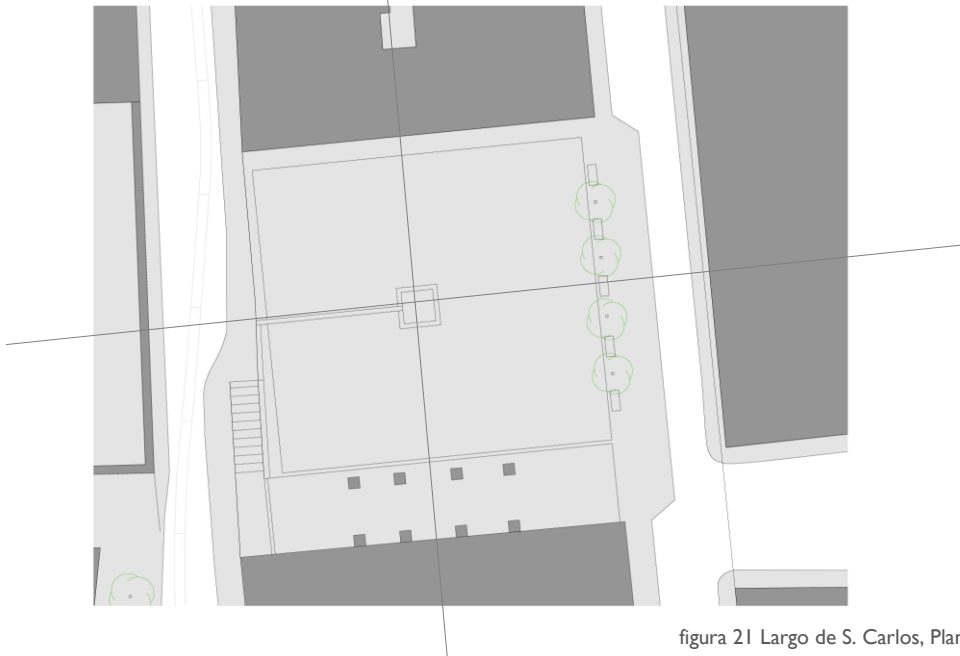


figura 21 Largo de S. Carlos, Planta – escala 1:500

II. Metodologia de análise espaço-funcional e estudo do Largo de S. Carlos

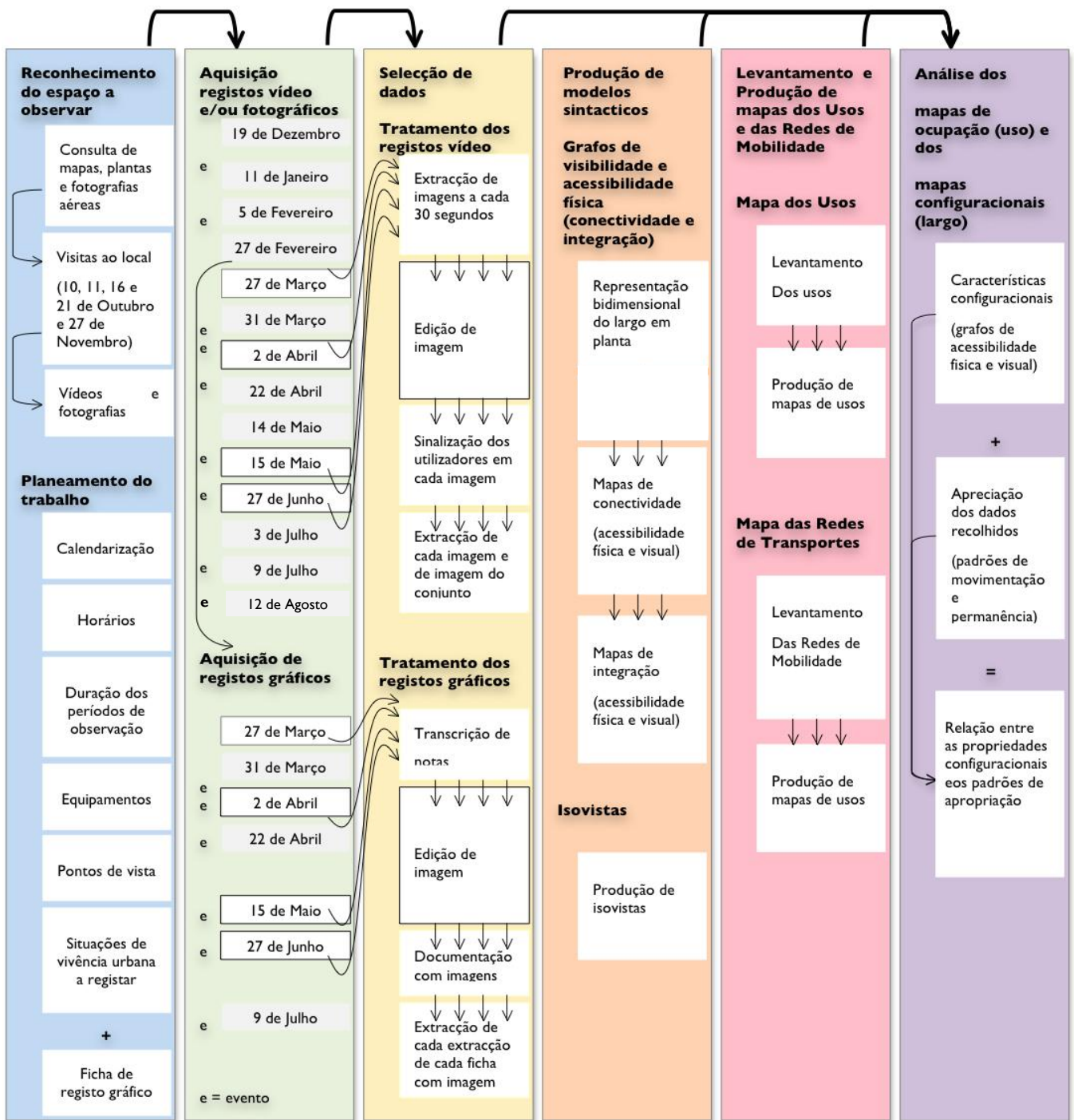
A metodologia desenvolvida nesta dissertação visou a construção de processos de observação, registo e análise de usos e apropriações, em praças urbanas, objectivos e operacionais. A objectividade baseia-se na procura de meios de observação e registo alternativos à presença de observadores em campo, mas cuja viabilidade não seja comprometida pelo custo e complexidade técnica desses meios. Nesse sentido, os procedimentos aplicados recorreram à utilização da tecnologia vídeo. Foram duas as razões para a utilização desta tecnologia: 1) porque é uma tecnologia adequada ao registo dos comportamentos espaciais; 2) porque, actualmente, é possível aceder a dispositivos de baixo custo, e com uma qualidade de imagem aceitável, equipados com essa tecnologia (telemóveis, câmaras fotográficas, câmaras de vídeo).

A metodologia de observação, registo e análise espaço-funcional desenvolvida foi aplicada a dois tipos de cenários de uso do Largo de S. Carlos: a) uso corrente e b) eventos. O primeiro tipo visou caracterizar a utilização quotidiana, rotineira, do Largo de S. Carlos. O segundo pretendeu caracterizar outros tipos de usos e apropriações espaciais da praça para além da sua vivência diária. Tal opção visou captar uma globalidade de usos e apropriações do Largo conducentes à sua caracterização espaço-funcional e, nesse sentido, constituir uma amostra suficientemente representativa, passível de validar os procedimentos aplicados. Nessa sequência foi eleito um cenário relativo ao primeiro tipo e três cenários relativos ao segundo.

A metodologia desenvolvida comportou seis fases essenciais:

1) Reconhecimento do espaço a observar, planeamento do trabalho de campo para familiarização com a área e as dinâmicas da sua actividade e preparação do trabalho de registo. Foram consultados mapas da zona de estudo, actuais e antigos, e feitas visitas ao local com recolha de dados. Esta aproximação ao objecto de estudo permitiu estabelecer a calendarização, horários, duração dos períodos de observação, equipamentos, pontos de vista e eleger as situações de vivência urbana a registar. O teste e aplicação sucessivos dos procedimentos definidos deram origem ao aperfeiçoamento da metodologia através da adição de uma ficha registo gráfico de dados seguindo alguns procedimentos previamente estabelecidos.

- 2) Aquisição de imagens, vídeo e elementos gráficos para documentar as vivências que caracterizam o Largo nas situações definidas anteriormente.
- 3) A selecção e tratamento de imagens vídeo visaram a eleição dos registos mais rigorosos quanto aos critérios orientadores de aquisição de dados para serem alvo de tratamento e, posteriormente, analisados de forma comparativa.
- 4) A produção dos mapas configuracionais permitiu a construção de registos relativos às propriedades espaciais do largo e sua quantificação
- 5) Levantamento de uso e redes de transporte existentes na área urbana onde se insere o Largo de S. Carlos
- 6) Análise dos mapas de ocupação (uso) e dos mapas configuracionais (Largo) conjugou a informação obtida nas duas fases anteriores como forma de identificar semelhanças e diferenças nos padrões de uso do largo, nas diferentes situações analisadas, e assim poder identificar as possíveis causas dos comportamentos espaciais observados.



esquema 3 Metodologia

2.1 Reconhecimento do espaço a observar e planeamento do trabalho de campo

Para proceder ao registo de dados de forma sistematizada tornou-se necessário otimizar as capacidades dos meios disponíveis no prazo previsto para a elaboração da dissertação. Procedeu-se ao planeamento e padronização dos procedimentos de registos a realizar de forma que estes apresentassem características semelhantes e fossem por isso comparáveis. A metodologia foi testada, e sucessivamente reajustada e redefinida, para responder mais eficazmente às exigências estabelecidas.

Efectuaram-se várias deslocações ao local, para recolha de elementos fotográficos e de vídeo e foram consultadas fotografias aéreas e as cartas E10, E11, F10 e F11 do levantamento aerofotogramétrico de 1998 da Câmara Municipal de Lisboa à escala 1:1000. A partir destes elementos e com base nas plantas do projecto de requalificação urbana do Largo de 2000, foi produzida uma planta que, incluindo as devidas actualizações decorrentes do mesmo projecto, representa a configuração actual deste Largo. As visitas efectuadas ao local durante este período de reconhecimento foram cinco e decorreram nos dias 10, 11, 16 e 21 de Outubro e 27 de Novembro de 2008.

2.1.1 Registos Vídeo

O estabelecimento da metodologia de observação implicou a realização de um plano de registos que determinasse a calendarização, os horários, a duração dos períodos de registo e observação, os equipamentos, os pontos de vista e as situações de vivência urbana a registar.



esquema 4 Plano de Registo

Na **calendarização** dos registos distinguiram-se duas situações: a de vivência dita quotidiana e as que correspondem à realização de eventos. Para a primeira, por corresponder à situação de vivência do Largo mais comum, não ficou inicialmente estabelecida uma data concreta. Para a segunda procedeu-se à pesquisa em sites na internet dos eventos enquadrados no cenário descrito. Foram consultados os sites da Câmara Municipal de Lisboa¹⁸, da Junta de Freguesia dos Mártires¹⁹ da Agenda Cultural de Lisboa²⁰, do Teatro Nacional de São Carlos²¹.

Os **horários** de registo para a situação quotidiana foram estabelecidos contemplando quatro momentos distintos do dia: manhã, meio do dia, tarde e noite. Consideraram-se estes horários por se prever que a cada momento do dia poderiam estar associadas vivências muito distintas e por todos os eventos ocorrerem num destes momentos no dia. Contudo, nem todos os eventos se realizaram à mesma hora exactamente. Os horários de registo para a situação de realização de eventos obedeceram aos horários em que estes decorreram. Mesmo assim, foi possível estabelecer comparações entre os usos e apropriações dos espaços e as transformações que se verificaram pela ocorrência de eventos.

Para a **duração dos períodos de registo e observação** determinou-se a realização de dois períodos de filmagem de 10 minutos em pontos distintos para cada momento do dia ou cada evento. Foi considerado este período por corresponder a um tempo que permite registar os atravessamentos de várias pessoas que possam induzir à definição de padrões de utilização sem se tornarem excessivamente extensos para analisar durante o período disponível para a elaboração da dissertação. Contudo, a natureza de cada evento, a sua duração, o número de visitantes que atraiu e as condições de iluminação que o caracterizaram

¹⁸ <http://www.cm-lisboa.pt/>

¹⁹ <http://www.jf-martires.pt/>

²⁰ <http://www.agendalx.pt/>

²¹ <http://www.saocarlos.pt/>

obrigou a uma extensão ou redução no tempo de filmagem bem como, nas situações que assim o determinaram, à eliminação de um dos pontos de vista de filmagem.

Entre os **equipamentos** testados seleccionou-se para utilização uma câmara fotográfica digital com sistema de gravação de vídeo incorporado da marca Fujifilm modelo A850, um tripé. Em alguns momentos foi utilizado também um telefone móvel com câmara fotográfica incorporada da marca nokia modelo 5310 Xpress Music para o registo de elementos fotográficos em simultâneo com a gravação vídeo a decorrer por meio do primeiro equipamento.

Na primeira visita os registos fotográficos foram feitos com uma câmara digital da marca Fujifilm modelo A850 e os registos de vídeo com a câmara incorporada num telefone móvel da marca Nokia modelo 6111. Na segunda visita, devido à reduzida definição das imagens de vídeo obtidas, o equipamento para a sua captação foi substituído pela câmara digital Olympus c-5000. Esta apresentava imagens com maior definição mas, ainda assim, reduzida para a informação que se pretendia extrair destes registos. Na visita seguinte foi testada a câmara de vídeo Sony handycam dcr-dvd105e. Esta apresentava a definição desejada, mas tinha uma distância focal superior à da câmara digital Fujifilm A850²² e exigia um processo mais moroso de transferência de dados para um computador. À quarta visita já era evidente que o equipamento a utilizar seria a câmara digital Fujifilm A850 quer para os registos de vídeo quer para os registos fotográficos. A câmara Fujifilm foi eleita por incorporar dois modos de registo (fotográfico e vídeo), ser de dimensões reduzidas (facilitando o manuseamento e transporte para o local e entre os diversos pontos de observação), possuir um sistema de transmissão de dados a outros dispositivos feita de forma rápida e simples (implicando apenas a ligação de um cabo de transmissão de dados) e ser, de todos os equipamentos testados, o que possuía menor distância focal.

A ausência de superfícies no local que pudessem servir como pontos de apoio para a captação dos registos de vídeo sem oscilações nos planos a alcançar determinou a necessidade do uso de um tripé. Para uniformizar as imagens a obter pela câmara digital foram identificados na calçada que reveste o passeio da Rua Paiva de Andrade pontos de referência para o posicionamento do tripé.



figura 22 Manuseamento do tripé

²² Este facto conduzia à obtenção de imagens com um menor raio de alcance por parte do primeiro equipamento relativamente ao segundo).

Contudo, devido aos diversos graus de liberdade deste equipamento e à dificuldade em referenciar, exactamente, o posicionamento do tripé, não foi possível reproduzir em todas as filmagens exactamente o mesmo enquadramento de imagens. Refira-se que esta dificuldade na fase de aquisição de imagens não se reflectiu, significativamente, nas posteriores fases de tratamento e análise dos dados.



figura 23 Posicionamento do tripé

Os **pontos de vista** a utilizar foram dois (figura 26). Ambos se estabeleceram na Rua Paiva de Andrade pela sua situação topográfica mais elevada em relação ao Largo de S. Carlos. O primeiro estabeleceu o seu posicionamento próximo do vértice sudoeste do largo, englobando no seu plano a totalidade do espaço sob a arcada do teatro e parte do largo e o segundo, próximo do vértice noroeste do largo, englobou a maior área possível do largo, contemplando pontos de coincidência, mas também de complementaridade relativamente ao outro ponto de vista de registo de observações. No ponto A câmara foi orientada de forma a captar o vértice Sudeste do Largo, parte das arcadas do Teatro e parte da Rua Serpa Pinto (figura 25). No ponto B a câmara foi orientada para captar toda a área que era possível ver sob as arcadas e o máximo de área possível do largo (figura 24).

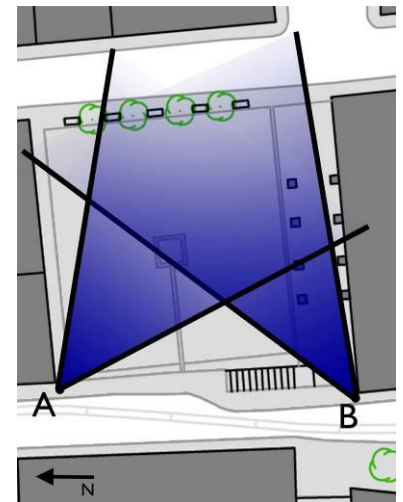


figura 24 Pontos de Vista



figura 25 Ponto de Vista A

Previamente, para o teste dos pontos de vista, foram realizados pequenos filmes e produzidas fotografias segundo localizações que pudessem mais eficazmente servir a intenção de englobar a maior área visual possível com o menor número de pontos de vista. A metodologia procurou registar os percursos e posicionamentos que caracterizavam a utilização do largo. Para este tipo de observação seria conveniente que os registos se realizassem de um ponto de vista elevado sobre o largo para eliminação do efeito perspéctico sobre o plano horizontal.



figura 26 Ponto de Vista B

Ponderou-se a hipótese de utilizar um dos edifícios nas imediações do largo como ponto de captação dos registos de imagem. Contudo, as dificuldades de acesso impostas pelas actividades económicas aí instaladas inviabilizaram a sua adopção no processo de registo de observações. Assim, optou-se pela utilização da Rua Paiva de Andrade, que apresenta um desnível relativamente ao Largo de S. Carlos, para posicionar o ponto de vista para captação de registos gráficos e de vídeo. A tabela I ilustra algumas hipóteses estudadas de os pontos de vista e enquadramentos a captar.

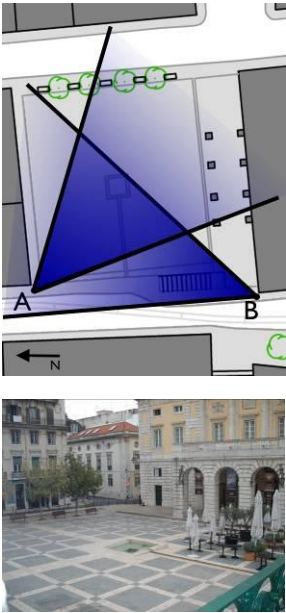
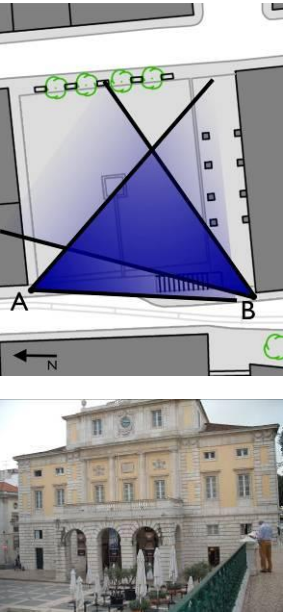
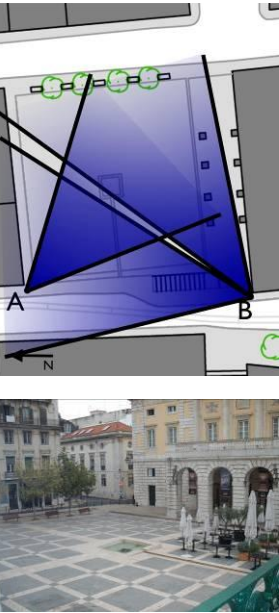



1ª Hipótese	2ª Hipótese	3ª Hipótese
 <p>Ponto A</p>	 <p>Ponto A</p>	 <p>Ponto A</p>
 <p>Ponto B</p>	 <p>Ponto B</p>	 <p>Ponto B</p>
<p>Vantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Bom enquadramento do largo -possibilidade de registar os acontecimentos na rua Rua Paiva de Andrade <p>Desvantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> -área das arcadas do teatro excluída 	<p>Vantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Bom enquadramento do largo -possibilidade de registar os acontecimentos na rua Rua Paiva de Andrade <p>Desvantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> -área das arcadas do teatro excluída 	<p>Vantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Bom enquadramento do largo -possibilidade de registar os acontecimentos na rua Rua Paiva de Andrade -área das arcadas do teatro incluída <p>Desvantagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> Demasiados pontos de vista

tabela I Hipóteses estudadas de pontos de vista e enquadramentos a captar

No conjunto das **situações de vivência urbana** registadas destacam-se, além da observação feita em Março da vivência quotidiana no Largo, as observações das vivências correspondentes à utilização do Largo para a realização de eventos culturais. As vivências urbanas observadas e registadas permitiram evidenciar as propriedades configuracionais do Largo e identificar o seu contributo para a ocorrência deste tipo de acontecimentos. Pretendeu-se acompanhar eventos ao longo dos diferentes períodos do ano. Foram observados os eventos: “Ópera ao Largo” (figura 27) em Outubro, que consistiu na projecção de Óperas num ecrã montado junto às arcadas na parte da frente ao Teatro Nacional de S. Carlos e virado para o Largo; “Postal de Natal Cantado” (figura 28) em Dezembro, que proporcionou um concerto de música “Godspell”, assinalando esta época festiva e com o coro a actuar na varanda do Teatro; “Foyer aberto” (figura 29) em Fevereiro e Março, que ofereceu concertos ao fim da tarde no *Foyer* do Teatro; “Voyage Imóvel” em Abril, que consistiu num “Exercício - Espectáculo” da escola de artes performativas do Chapitô e envolveu na passagem pelo Largo de S. Carlos um *rappel* à australiana na fachada do edifício onde nasceu Fernando Pessoa; “A (pequena) Flauta Mágica” em Abril, um concerto que decorreu no Teatro Nacional de S. Carlos, destinado a turmas escolares, que causou uma concentração significativa de crianças no Largo; “Chiado na moda” em Maio, que apresentou as colecções de algumas das marcas de lojas do Chiado servindo-se da fachada principal do Teatro como cenário para a passagem de modelos; o “Festival ao Largo” (figura 30), em Junho, que trouxe ao palco, montado no Largo para o evento, concertos de Música de diferentes géneros, bailados e peças de Ópera e Teatro; e o “Festival dos Oceanos” que proporcionou um espectáculo multimédia com um piano vertical pendurado a seis metros do chão. Os primeiros eventos Serviram para testar e reajustar os métodos e técnicas de registo.



figura 27 “Ópera ao Largo”, 2008, 10 de Outubro



figura 28 “Postal de Natal cantado”, 2008, 19 de Dezembro



figura 29 “Foyer Aberto”, 2009, 5 de Fevereiro



figura 30 “Festival ao Largo”, 2009, 27 de Junho

2.1.2 Fichas de registo de observações

Posteriormente à produção dos registos de 27 de Fevereiro e análise do conjunto de registos elaborados até à data foram constatadas limitações significativas dos registos vídeo relativamente à área do largo que era possível cobrir com o equipamento utilizado bem como quanto à natureza da informação adquirida. O ângulo de enquadramento da câmara não permitia cobrir a totalidade da área do Largo, excluindo, por isso, informação relativamente à evolução dos movimentos nas margens exteriores do enquadramento. Por outro lado, entendeu-se que o registo de informações de natureza mais circunstancial e impressiva poderia ser relevante para uma compreensão mais contextualizada do fenómeno observado (estado do tempo – frio, calor; comentários dos utentes; pormenores relativos à dinâmica dos eventos observados) e, nesse sentido, fundamentar melhor a posterior fase de análise. Iniciou-se, por isso, uma reflexão para a formulação de um outro método complementar de registo de dados. Optou-se pela criação de fichas de registo gráfico. A elaboração destas fichas aproveitou parte dos dados recolhidos durante o processo de reconhecimento da área em estudo e seguiu alguns dos princípios formulados para o registo de dados em formato de vídeo, tais como calendarização, horários, duração dos períodos de observação e registo, pontos de vista e situações de vivência urbana a registar. Para não inviabilizar o processo de obtenção de dados em formato vídeo já desenvolvido e testado, este incremento à metodologia foi feito respeitando as opções tomadas para o seu registo e aplicado, a partir desta data, de forma simultânea com a obtenção dos primeiros. Consequentemente, a calendarização, horários, duração dos períodos de observação e registo, pontos de vista e situações de vivência urbana alvo de registo gráfico decorreram, desde o momento da introdução deste novo método de registo, de forma exactamente coincidente com as que foram previstas para a recolha de elementos em formato de vídeo. As opções tomadas para a definição destas componentes encontram-se já descritas neste capítulo. Esta é a razão porque não serão detalhadas neste subcapítulo.

Foi necessário proceder à concepção gráfica da referida ficha. Foram executadas três hipóteses distintas para a ficha de registo gráfico de observações. As três foram previstas para formato A4 (atendendo a uma mais fácil manipulação em campo) e incluíram três componentes: uma barra para posterior inserção de fotografias referentes ao período de registo, uma representação planimétrica do largo, e ruas adjacentes, que pudesse servir de base ao desenho dos percursos efectuados pelos utilizadores do largo e um espaço para a redacção de anotações manuscritas complementares à informação registada visual e graficamente.

No primeiro estudo para a ficha de campo (figura 31), as componentes enunciadas organizaram-se numa base vertical com a barra para fotografias disposta horizontalmente com uma altura de quatro centímetros, a planta do largo e ruas envolventes ao centro com uma altura de 16 centímetros e a barra para notas com quatro centímetros.

No segundo estudo (figura 33), foi utilizada uma base horizontal com a inclusão de uma barra igualmente horizontal com quatro centímetros para fotografias e uma barra, ficando o restante espaço (treze centímetros e meio medidos em altura) destinado à planta do largo e ruas envolventes e ao espaço para notas (respectivamente com catorze e dez centímetros e meio medidos na horizontal).

O último estudo (figura 32) foi organizado numa base horizontal e contemplou uma barra vertical com cinco centímetros de comprimento, um espaço para apresentação da planta do largo e ruas envolventes com treze centímetros e meio e um espaço para notas com sete centímetros e meio. Esta foi eleita para ser utilizada como suporte ao registo de dados por apresentar uma área generosa, destinada à planta do largo e ruas envolventes, conjugada com uma área significativa para a redacção de notas complementares. Importa ainda referir que a representação planimétrica do Largo e ruas envolventes foi rodada 90° no sentido contrário ao horário a partir da sua orientação para norte para facilitar a leitura do largo durante os momentos de registo. Para que a leitura dos de outras representações iconográficas (isovistas, por exemplo) seja coerente com a das fichas de registo gráfico de observações, estas sofrerão o mesmo tipo de rotação (a única excepção é a representação do mapa axial). A ficha de registo de observações foi testada e validada na observação da vivência quotidiana no Largo de S. Carlos no dia 27 de Março de 2009.

Esta e as duas fases seguintes da metodologia serão sempre caracterizadas por esta dicotomia que se refere aos dois tipos de informação que foi recolhida através do trabalho *in loco*.



figura 31 primeiro estudo para a ficha de registo de observações

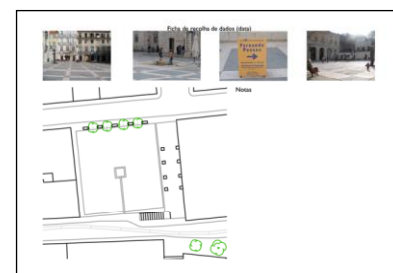


figura 33 segundo estudo para a ficha de registo de observações

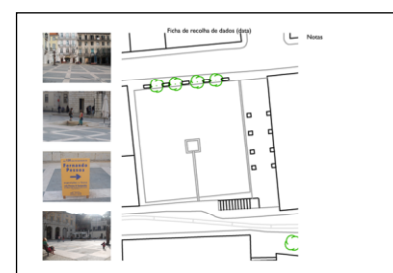
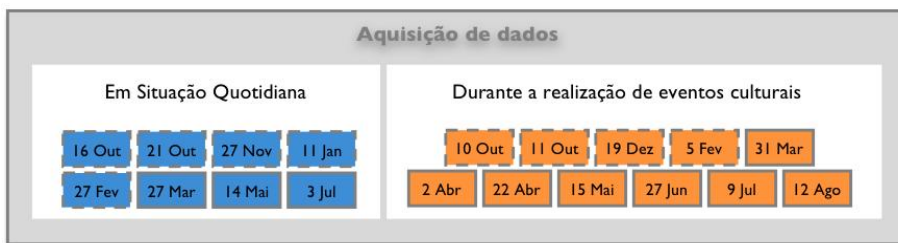


figura 32 terceiro estudo para a ficha de registo de observações (modelo utilizado)

2.2 Aquisição de dados

A fase de aquisição de imagens decorreu durante os meses de Outubro de 2008 a Agosto de 2009 implicando várias visitas ao local em estudo. Foram feitas visitas nos dias 10, 11, 16 e 21 de Outubro, 27 de Novembro, 19 de Dezembro, 11 de Janeiro, 5 e 27 de Fevereiro, 27 e 31 de Março, 2 e 22 de Abril, 14 e 15 de Maio, 27 de Junho, 3 e 9 de Julho e 12 de Agosto. Os registos vídeo obtidos em cada visita encontram-se documentados no anexo B.

Seguidamente, descreve-se, seguindo uma ordem cronológica, cada uma das visitas, bem como o seu contributo para o desenvolvimento do trabalho.



esquema 5 Calendarização - Aquisição de dados

Foram efectuadas observações em oito dias que demonstraram exclusivamente a situação de uso quotidiano, e observações em onze dias em que se realizaram eventos culturais (esquema 5). As observações experimentais decorreram de 10 de Outubro a 27 de Fevereiro. Visaram explorar pontos de captação das imagens, enquadramentos, e testar equipamentos e procedimentos. No seu decurso foram efectuados diversos tipos de registo. Os registos vídeo, fundamentais para os objectivos do trabalho, visaram documentar as dinâmicas de interacção inerentes a cada evento observado, constituindo dados essenciais; os registos fotográficos visaram adquirir informação complementar à documentação base (os vídeos) e descrição futura do evento; os registos gráficos visaram adquirir, por outros meios, informação equivalente, e/ou complementar, à obtida via vídeo. Este procedimento teve como objectivo analisar os resultados obtidos através dos dois tipos de registos e avaliar o acréscimo de informação, ou não, conseguido com o recurso à tecnologia vídeo por contraponto aos registos efectuados segundo os procedimentos habituais (que recorrem a observadores em campo). Visou, ainda, obter informações de natureza mais circunstancial e impressiva que permitissem reconstituir mais pormenorizadamente a ambiência dos eventos observados. As observações experimentais permitiram estabilizar os procedimentos de campo e planear a aquisição de imagens. No entanto, as observações pós fase experimental, de acordo com a natureza dos eventos, e a sua imprevisibilidade, implicaram a necessidade de ajustes pontuais à metodologia de aquisição de imagens inicialmente definida.

outubro 2008							novembro 2008						
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
29	30	1	2	3	4	5	27	28	29	30	31	1	2
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9
13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16
20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23
27	28	29	30	31	1	2	24	25	26	27	28	29	30
3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
dezembro 2008							janeiro 2009						
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
1	2	3	4	5	6	7	29	30	31	1	2	3	4
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18
22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25
29	30	31	1	2	3	4	26	27	28	29	30	31	1
5	6	7	8	9	10	11	2	3	4	5	6	7	8
fevereiro 2009							março 2009						
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
26	27	28	29	30	31	1	23	24	25	26	27	28	1
2	3	4	5	6	7	8	2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15	9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22	16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	1	23	24	25	26	27	28	29
2	3	4	5	6	7	8	30	31	1	2	3	4	5
abril 2009							maio 2009						
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
30	31	1	2	3	4	5	27	28	29	30	1	2	3
6	7	8	9	10	11	12	4	5	6	7	8	9	10
13	14	15	16	17	18	19	11	12	13	14	15	16	17
20	21	22	23	24	25	26	18	19	20	21	22	23	24
27	28	29	30	1	2	3	25	26	27	28	29	30	31
4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7
junho 2009							julho 2009						
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom	seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom
1	2	3	4	5	6	7	29	30	1	2	3	4	5
8	9	10	11	12	13	14	6	7	8	9	10	11	12
15	16	17	18	19	20	21	13	14	15	16	17	18	19
22	23	24	25	26	27	28	20	21	22	23	24	25	26
29	30	1	2	3	4	5	27	28	29	30	31	1	2
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9
agosto 2009													
seg	ter	qua	qui	sex	sáb	dom							
27	28	29	30	31	1	2							
3	4	5	6	7	8	9							
10	11	12	13	14	15	16							
17	18	19	20	21	22	23							
24	25	26	27	28	29	30							
31	1	2	3	4	5	6							

figura 34 Calendário – Aquisição de dados

10 de Outubro de 2008

No dia 10 de Outubro (Sexta-feira) a visita ao local decorreu ao fim da tarde (pelas 18 horas) durante a projecção do *making of Das Rheingold*. Este acontecimento enquadrou-se no programa do evento “Ópera ao Largo” promovido pelo Teatro Nacional de S. Carlos e que contemplou a montagem de um grande ecrã onde foram projectadas as Óperas *Siegfried*, *Die Walküre* e *Das Rheingold* e o *making of* desta última. O evento decorreu de 9 a 12 de Outubro. O espaço do Largo encontrava-se quase totalmente ocupado por cadeiras de plástico brancas que tinham a função de acomodar os espectadores do filme. No Largo, junto à escadaria de acesso à Rua Paiva de Andrade, estava disposta uma esplanada com mesas, cadeiras, guarda-sóis e alguns elementos de decoração. Não se verificou uma ocupação do largo muito significativa. Durante o período de observação verificou-se a passagem de algumas pessoas nas Ruas Paiva de Andrade e de Serpa Pinto. Outras detiveram-se por breves momentos a observar o evento que decorria no Largo de S. Carlos. Outras, ainda, permaneceram no Largo mais prolongadamente para assistir à projecção no grande ecrã. A sua concentração foi maior na zona de cadeiras mais próximo do mesmo. As imagens foram recolhidas próximo do vértice Noroeste do Largo (ponto A da figura 35).

A partir deste ponto a câmara foi apontada em diversas direcções. Os registos foram obtidos sem a utilização de um tripé como meio de suporte dos equipamentos. Testou-se a hipótese de usar a guarda ou os elementos de pedra que a sustentam para apoio dos equipamentos de registo. Os registos fotográficos foram obtidos com uma câmara digital da marca Fujifilm modelo A850 e os registos vídeos com recurso a uma câmara incorporada num telefone móvel da marca Nokia modelo 6111. Esta visita teve como objectivo fazer o reconhecimento do largo e testar os meios de registo.

11 de Outubro

No dia 11 de Outubro (Sábado) a aquisição de imagens foi feita durante a tarde (pelas 16 horas) durante a projecção de *Das Rheingold*. Acontecimento que se enquadrou no evento “Ópera ao Largo”, conforme já descrito. O espaço do Largo mantinha nele dispostos os mesmos elementos observados no dia anterior. Observou-se uma maior afluência de público ao evento. Os padrões de utilização

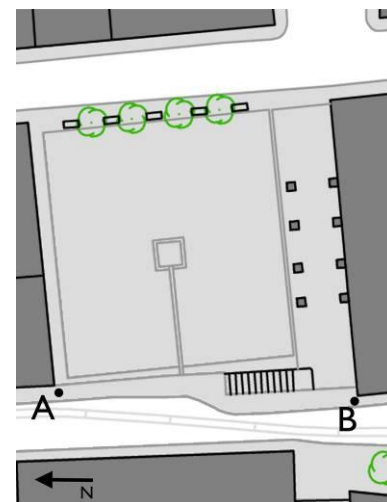


figura 35 Largo de S. Carlos, pontos de recolha de imagens



figura 36 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, 2008, 10 de Outubro

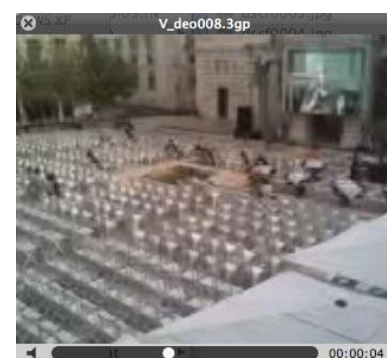


figura 37 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo” Fotograma extraído do vídeo, 2008, 10 de Outubro

observados foram semelhantes aos padrões observados no dia anterior, com exceção para a distribuição do público nas cadeiras, caracterizada por uma maior dispersão. As imagens foram obtidas a partir das zonas próximas dos vértices Sudoeste e Noroeste do Largo. (pontos B e A, respectivamente, assinalados na figura 35).

Os registos fotográficos, obtidos com recurso a uma câmara digital da marca Fujifilm modelo A850, foram captados a partir do ponto B e diferiram nos enquadramentos a captar. Os registos vídeo, obtidos com recurso a uma câmara digital Olympus c-5000, foram captados a partir dos pontos A e B e também diferiram nos enquadramentos a captar servindo de teste.

Esta visita permitiu complementar a informação adquirida na visita anterior e contribuiu para a aquisição de dados que serviram de base para a posterior definição da metodologia.

16 de Outubro

No dia 16 de Outubro (Quinta-feira) a aquisição de imagens foi feita durante o período da manhã (pelas 9 horas e 30 minutos). Como já tinha terminado o evento “Ópera ao Largo”, as cadeiras e o grande ecrã, presentes no fim-de-semana anterior, tinham sido removidos. Manteve-se a esplanada conforme a descrição do dia 10 de Outubro.

Os registos fotográficos foram obtidos com uma câmara digital da marca Fujifilm modelo A850 e com uma câmara de vídeo Sony handycam dcr-dvd105e. Foi seguida a estratégia anterior para o posicionamento dos equipamentos para captação de imagens. A partir dos dois pontos A e B, fixados anteriormente, foram feitos registos contemplando diferentes enquadramentos. Os registos vídeo foram efectuados seguindo os mesmos procedimentos que foram seguidos para os registos fotográficos. A utilização do largo como espaço de permanência foi reduzida. Destacou-se nas observações o papel da escada de ligação à Rua Paiva de Andrade e da arcada da entrada do Teatro como zonas de passagem e atravessamento. A esplanada do restaurante do Teatro, embora se encontrasse montada, não se apresentava disponível para utilização.



figura 38 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, 2008, 11 de Outubro



figura 39 Largo de S. Carlos, “Ópera ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2008, 11 de Outubro



figura 40 Largo de S. Carlos, 2008, 16 de Outubro



figura 41 Largo de S. Carlos, fotogram extraído do vídeo, 2008, 16 de Outubro

Esta visita contribuiu para melhorar os conhecimentos já adquiridos sobre o Largo. Permitiu também tomar contacto com a vivência associada ao seu quotidiano no período correspondente ao final da tarde.

21 de Outubro

No dia 21 de Outubro (Terça-feira) a aquisição de imagens foi feita ao fim da tarde (pelas 18 horas). Os elementos que se encontravam no largo apresentavam uma disposição muito semelhante à que se verificou na visita anterior.

Os registos fotográficos e vídeo foram feitos com uma câmara digital da marca Fujifilm modelo A850.

Os registos vídeo seguiram os mesmos procedimentos da visita anterior. Contudo desta vez foram utilizados para o efeito a câmara de vídeo Sony handycam dcr-dvd105e e câmara digital Fujifilm A850. A partir desta visita, a câmara digital Fuji foi eleita como o equipamento preferencial a utilizar para o processo de recolha de dados. Este equipamento foi eleito por incorporar dois modos de registo (fotográfico e vídeo), ser dimensões reduzidas (facilitando o manuseamento e transporte para o local e entre os diversos pontos de observação), possuir um sistema de transmissão de dados a outros dispositivos feita de forma rápida e simples (implicando apenas a ligação de um cabo de transmissão de dados) e ser de todos os equipamentos testados o que possuía menor distância focal. Nas descrições seguintes a propósito dos momentos de aquisição de dados não lhe será, por isso, feita referência.

A observação permitiu registar uma grande utilização do Largo e das ruas que lhe são adjacentes como zonas de passagem e sem momentos de permanência.

Esta visita permitiu melhorar os conhecimentos sobre o Largo e tomar contacto com a vivência que o caracteriza durante um período da manhã. A reflexão que lhe seguiu permitiu, como já foi referido, definir qual o equipamento a utilizar preferencialmente para o registo de observações.

27 de Novembro

No dia 27 de Novembro (Quinta-feira) a aquisição de dados foi feita à noite (pelas 23 horas). O largo apresentava os mesmos elementos identificados nas duas visitas anteriores (correspondentes ao dias 16 e 21 de Outubro). A iluminação artificial do Largo permitia manter a visibilidade suficiente para a locomoção nocturna e alguns focos de iluminação suplementar destacavam o teatro dos restantes edifícios.



figura 43 Largo de S. Carlos, 2008, 21 de Outubro

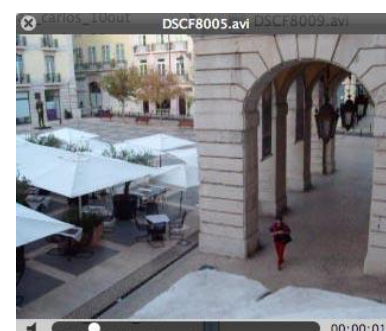


figura 42 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2008, 21 de Outubro



figura 44 Largo de S. Carlos, 2008, 27 de Novembro



figura 45 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo 2008, 27 de Novembro

Os registos fotográficos foram obtidos a partir dos pontos A e B já estabelecidos, mas também a partir de outros pontos do Largo e de ruas adjacentes. Os elementos vídeo seguiram os mesmos procedimentos da visita anterior .

Nesta visita foi comprovada a viabilidade de eventuais períodos de registo nocturnos.

As visitas permitiram reflectir sobre os dados adquiridos e os meios e procedimentos utilizados e, nessa sequência, apurar quais os métodos mais eficazes para os objectivos da investigação. Ficaram então estabelecidos os pontos de tomadas de vistas, os enquadramentos, os equipamentos a utilizar e os momentos e duração dos períodos de registo.

Os pontos de observação, A e B, ficaram definidos conforme a figura 35 assinala.

Os enquadramentos previstos foram dois, um de cada ponto. A partir do ponto A o enquadramento seleccionado abrangia os dois arcos da varanda do Teatro, mais distantes do ponto de observação e a maior área possível do largo (figura 46). A partir do ponto B o enquadramento pretendido foi o que abrangia a totalidade do espaço sob a arcada da entrada do Teatro e contemplava a maior área possível do espaço do largo (figura 47).

Ficou definitivamente estabelecido que o equipamento de registo a utilizar seria a câmara digital da marca Fujifilm modelo A850, apoiada num tripé, e que seriam feitos registos de manhã, à tarde e à noite. Consideraram-se estes horários por se prever que a cada momento do dia poderiam estar associadas vivências muito distintas e porque todos os eventos realizados ocorreram num destes momentos no dia. Os horários de registo para a situação de realização de eventos obedeceram aos horários em que estes decorreram. Foi assim possível estabelecer comparações entre os usos e apropriações dos espaços e as transformações que se verificaram pela ocorrência de eventos. Em cada um destes períodos seriam feitas duas recolhas em formato vídeo, uma de cada um dos pontos definidos e cada uma com a duração de 10 minutos com um intervalo de 5 minutos entre elas para transporte e reposicionamento do equipamento entre os dois pontos. Foi considerado este período por corresponder a um intervalo que, dado o débito de utilizadores observado no largo, permite registar os atravessamentos de várias pessoas sem inviabilizar a definição de padrões de utilização, na fase de tratamento das imagens. Contudo, a natureza de cada evento, a sua duração, o número de visitantes que atraiu e as condições de iluminação que o caracterizaram obrigou a uma extensão ou redução no tempo de filmagem bem como, nas situações que assim o determinaram, à eliminação de um dos pontos de vista de filmagem.



figura 46 Largo de S. Carlos, Enquadramento adoptado a partir do ponto A



figura 47 Largo de S. Carlos, enquadramento adoptado a partir do ponto B

19 de Dezembro

No dia 19 de Dezembro (Sexta-feira) a aquisição de imagens foi feita em três momentos distintos: durante a manhã (pelas 10 horas), durante a hora de almoço (pelas 13 horas) e à noite (pelas 18 horas), conforme se encontra indicado na tabela 2. Os pontos de registo foram os mesmos já referidos.

Nos três períodos a esplanada do Teatro encontrava-se montada bem como diversos equipamentos de som para apoiar o evento “Postal de Natal cantado”. O evento decorreu de 17 a 20 de Dezembro com exposições todos os dias pelas 18h e foi registado em vídeo durante o fim da tarde do dia 19. Durante o evento esteve montado um pequeno palco sobre a fonte no centro do largo e um coro entoou cânticos na varanda do Teatro. O narrador, que conduziu o espectáculo, leu Contos de Natal de uma das janelas do teatro. Junto à arcada do Teatro, no lado oposto ao do restaurante, encontrava-se uma estante para depósito de livros usados. Esta campanha de recolha de livros usados estava também associada a este evento promovido pela Câmara Municipal de Lisboa.

Os equipamentos de som obstruíram significativamente a visão sobre o largo (figura 49). À noite, devido à grande afluência de público a este evento, o correspondente registo a partir do ponto A não foi feito com o tripé assente no solo mas, antes, encostado à parede do edifício que limita o Largo a norte. Tentou-se que o enquadramento fosse o mais semelhante possível ao planeado. Os períodos de registo foram efectuados conforme se encontra explicitado na seguinte tabela.



figura 48 Largo de S. Carlos, , fotogrma extraído do vídeo, 2008, 19 de Dezembro

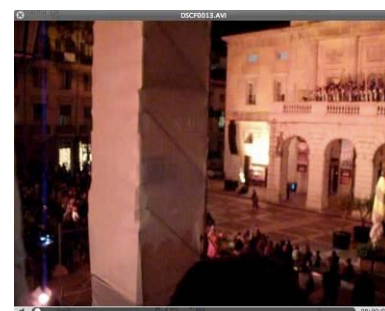


figura 49 Largo de S. Carlos, “Postal de Natal Cantado”, fotografia extraída do vídeo, 2008, 19 de Dezembro – obstruções visuais

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
09:45 - 09:55	B	dia
10:00 - 10:10	A	
12:45 - 12:55	B	dia
13:00 - 13:10	A	
	(início do espectáculo)	
18:00 - 18:10	B	noite
18:20 - 18:30 ²³	A	

tabela 2 Aquisição de dados, “Postal de Natal Cantado”, 2008, 19 de Dezembro e situação quotidiana, 2009, 11 de Janeiro

²³ problema de manuseamento do equipamento que atrasou ligeiramente o início do período de registo

Após a captação de imagens dos pontos estabelecidos, foram feitos outros registos, de duração inferior, a partir de outros pontos. A falta de baterias para o funcionamento da câmara digital não permitiu que se fizessem mais que três registos suplementares. Esta ocorrência motivou a contemplação de suprimentos adequados de baterias nos eventos seguintes.

Neste dia foram recolhidos apenas registos vídeo.

Esta visita pretendia ser a primeira das visitas de recolha de dados para tratamento no âmbito da investigação em curso. As condições de iluminação de fraca intensidade e a obstrução visual causada pelos equipamentos sonoros levaram a que este registo não fosse alvo de tratamento e de análise directa segundo os procedimentos da metodologia estabelecida. Mostrou-se útil para documentar a realização deste evento e permitiu ganhar alguma experiência na aplicação dos procedimentos definidos.

11 de Janeiro

No dia 11 de Janeiro (Domingo) a aquisição de imagens foi feita durante os mesmos três períodos que caracterizam o dia 19 de Dezembro (conforme indicado na tabela anterior, a tabela 2, mas sem a ocorrência de problemas de manuseamento do equipamento). Os registos vídeo foram obtidos dos mesmos pontos já referidos. Neste dia, o Largo apresentava-se na sua situação quotidiana. Estavam apenas dispostos no largo os equipamentos da esplanada do restaurante do Teatro. Contudo, este não se encontrou aberto em nenhum dos momentos do dia observados. Este dia caracterizou-se por temperaturas reduzidas (temperatura mínima: 5°C) e por uma fraca utilização do Largo em qualquer um dos três períodos observados.

Foram também feitos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo e das ruas adjacentes.

Esta visita seguiu rigorosamente os procedimentos estabelecidos para o registo de imagens e o sucesso no seu cumprimento ajudou a sedimentar a metodologia até então estabelecida. Os dados recolhidos neste dia acabaram por não ser adoptados nas fases de tratamento e análise devido à posterior adição de um outro modo de registo nas aquisições de dados feitas a partir do dia 27 de Março. Esta opção será explicada com mais detalhe ainda neste capítulo.

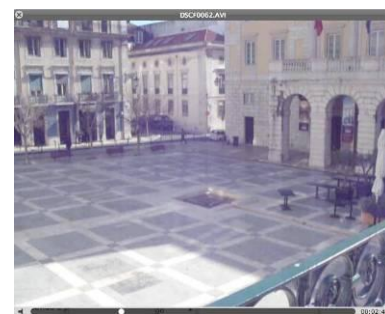


figura 50 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2009, 11 de Janeiro,



figura 51 Largo de S. Carlos, 2009, 11 de Janeiro

5 de Fevereiro

No dia 5 de Fevereiro (Quinta-feira) a aquisição de imagens foi feita à noite (pelas 19 horas). Neste dia realizou-se um dos vários concertos do evento “Foyer Aberto” que decorreu entre os meses de Dezembro e Junho e proporcionou concertos de entrada livre no *Foyer* do Teatro. Os registos foram obtidos durante e imediatamente após o concerto. Foram recolhidos registos vídeo (conforme a tabela 3, a partir dos pontos A e B estabelecidos (figura 35) mas, também, de um ponto central do varandim da Rua Paiva de Andrade e do topo do Largo.

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
18:45 - 18:55	B	noite
18:56 - 19:01	A	noite
19:07 - 19:08	Varandim	noite
19:12 - 19:22	Topo da praça (fim do espectáculo)	noite
19:26 - 19:31	Topo da praça	noite
19:33 - 19:38	B	noite

tabela 3 Aquisição de dados, “Foyer Aberto”, 2009, 5 de Fevereiro

O largo apresentava-se com os elementos que caracterizam a sua vivência quotidiana. As portadas da entrada do Teatro encontravam-se abertas, revelando o acontecimento no *Foyer*. Neste dia houve ocorrência de precipitação, facto que dificultou a recolha de dados, uma vez que obrigou à improvisação de um saco de plástico como capa protectora dos equipamentos. Foram feitos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo e das ruas adjacentes.

Neste dia não foi seguido o plano de registos estabelecido, mas apenas foram registadas observações relativas ao período em que decorreu o concerto. Nos dias posteriores a esta visita, em que decorreram eventos, os registos efectuados passaram a contemplar apenas o período do dia durante o qual decorreu o evento. O registo de observações que contemplava a aquisição de dados durante vários períodos do mesmo dia passou a aplicar-se apenas aos dias em que o largo se caracterizou pela sua situação de vivência quotidiana. Esta opção foi tomada para tornar possível o registo e tratamento do maior número de dados que retratassem as vivências na situação de ocorrência de eventos dentro dos constrangimentos de tempo e meios disponíveis.



figura 52 Largo de S. Carlos, “Foyer Aberto” (fim do evento), fotograma extraído do vídeo, 2009, 5 de Fevereiro



figura 53 Largo de S. Carlos, “Foyer Aberto”, 2009, 5 de Fevereiro

27 de Fevereiro

No dia 27 de Fevereiro (Sexta-feira) a aquisição de imagens foi feita durante a tarde (pelas 16 horas). O largo apresentava-se na sua situação quotidiana com a disposição da esplanada do restaurante do Teatro no local habitual (zona do Sudoeste do Largo). Neste dia não foram recolhidos registos vídeo.

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo.

A reflexão feita sobre os elementos recolhidos até a esta data ditou a adição de um outro processo de registo mais abrangente que os pudesse complementar. Foram constatadas limitações significativas dos registos vídeo relativamente à área do largo que era possível cobrir, anteriormente já referidas e explicadas. Como já foi descrito anteriormente, este complemento concretizou-se numa ficha de registo gráfico de observações.

A elaboração destas fichas aproveitou parte dos dados recolhidos durante o processo de reconhecimento da área em estudo e seguiu alguns dos princípios formulados para o registo de dados em formato de vídeo. Para não inviabilizar o processo de obtenção de dados em formato vídeo, este incremento à metodologia foi feito respeitando as opções tomadas para o seu registo e aplicado, a partir desta data, de forma simultânea com a obtenção dos primeiros. Consequentemente, a calendarização, horários, duração dos períodos de observação e registo, pontos de vista e situações de vivência urbana alvo de registo gráfico decorreram, desde o momento da introdução deste novo método de registo, de forma exactamente coincidente com as que foram previstas para a recolha de elementos em formato de vídeo.

27 de Março

No dia 27 de Março (Sexta-feira) a aquisição de imagens foi feita em quatro períodos distintos: manhã (pelas 10 horas), período de almoço (pelas 13 horas), fim de tarde (pelas 18 horas) e início de noite (pelas 20 horas). Foi acrescentado um período de registo às 20 horas por nesta época do ano, ao contrário do que tinha acontecido nos dias de registo durante o inverno, o período das 18 horas ser ainda caracterizado pela iluminação da luz solar. No Largo encontravam-se apenas os elementos que formam a esplanada do restaurante do Teatro, seguindo uma disposição semelhante ao verificado noutras situações (como os dias 16 e 21 de Outubro). Esta disposição da esplanada é característica da sua situação de vivência quotidiana. Os registos vídeo foram obtidos a partir dos mesmos dois pontos A e B já estabelecidos anteriormente, segundo o horário apresentado na tabela 4 obedecendo aos enquadramentos definidos após o dia 27 de Novembro (figura 35).



figura 54 Largo de S. Carlos, 2009, 27 de Fevereiro



figura 55 Largo de S. Carlos, fotograma extraído do vídeo, 2009, 27 de Março

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
09:45 - 09:55	B	
10:00 - 10:10 ²⁴	A	dia
12:45 - 12:55	B	
13:00 - 13:10	A	dia
18:00 - 18:10	B	
18:20 - 18:30	A	dia
19:45 - 19:55	B	
20:00 - 20:10	A	noite

tabela 4 Aquisição de dados, 2009, 27 de Março

Durante cada período de gravação vídeo, foram registados graficamente os movimentos dos utilizadores do Largo e das ruas adjacentes, nas fichas concebidas para o efeito e utilizadas, nesta ocasião, pela primeira vez.

Esta visita permitiu confirmar a aplicabilidade da ficha para o registo gráfico de observações. O sucesso desta permitiu que os dados obtidos por esta via fossem utilizados para tratamento e análise. As limitações deste método prenderam-se apenas com as dificuldades que um único observador, num só ponto de vista, tem em registar a simultaneidade de movimentos de todos os utilizadores presentes no largo. Por isso, os dados registados não representam todos os percursos de todos os indivíduos que utilizaram o Largo durante os períodos de registo, mas permitem comunicar os comportamentos espaciais dominantes ao nível da movimentação pedonal no Largo de S. Carlos e parte das ruas adjacentes.

31 de Março

No dia 31 de Março (Terça-feira) a aquisição de imagens foi feita ao fim da tarde (pelas 18 horas) e início da noite (pelas 20 horas). Neste dia decorreu mais um dos concertos no âmbito do evento “Foyer Aberto” e decorreu, também, o ensaio geral do “Exercício espectáculo” (que decorreu nos dias 1 e 2 de Abril) protagonizado pelos alunos do segundo ano na escola de artes performativas do Chapitô e foi intitulado “Voyage Imóvel”. O primeiro, com já foi enunciado, decorreu no Foyer do

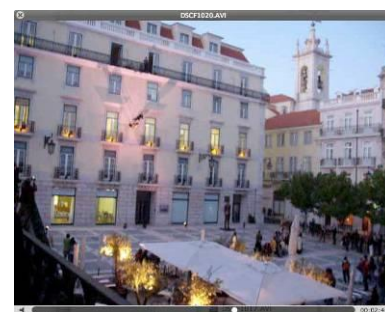


figura 56 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 31 de Março

²⁴ Ocorreu um problema de manuseamento do equipamento que atrasou ligeiramente o início do período de registo.

Teatro. O segundo, consistiu numa actividade itinerante passando por vários pontos do Chiado até chegar ao Teatro S. Luiz e, na passagem pelo Largo de S. Carlos, brindou os espectadores com um *rappel* à australiana na fachada do edifício em frente ao Teatro Nacional de S. Carlos. O Largo apresentava os elementos da esplanada do restaurante do Teatro, que o ocupavam com a sua disposição dita quotidiana. Foram apenas colocados de novo, para o exercício do Chapitô, dois holofotes no solo apontados à fachada do edifício onde se realizou o *rappel* (figura 56). Os registos gráficos e vídeo foram feitos a partir dos pontos A e B estabelecidos anteriormente e conforme indicado na seguinte tabela 5.



figura 57 Largo de S. Carlos, "Voyage Imóvel", 2009, 31 de Março

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
	(início do concerto)	
17:42 - 17:52	B	
18:00 - 18:10	A	dia
	(fim do concerto)	
19:40 - 19:44	B	
19:45 - 19:50	A	dia
	(início do espectáculo)	
20:10 - 20:14	B ²⁵	dia
20:16 - 20:20	A	dia
20:21 - 20:22	A ²⁶	noite
	(fim do espectáculo)	
20:21 - 20:22	outro	noite

tabela 5 Aquisição de dados, "Voyage Imóvel", 2009, 31 de Março

O facto destes dois eventos ocorrerem quase simultaneamente, e do segundo constituir um evento itinerante, sem uma estrutura de palco materializada em elementos distintos dos já existentes no Largo, não permitiu prever a localização que público e actores viriam a assumir durante o espectáculo. Tal facto provocou algumas dúvidas quanto aos planos de enquadramento e duração dos períodos de filmagem. Esta experiência permitiu que a visita seguinte fosse mais bem sucedida quanto à aplicação dos processos de registo em conformidade com o plano estabelecido.



figura 58 Largo de S. Carlos, "Foyer Aberto"/"Voyage Imóvel", Fotograma extraído do vídeo, 2009, 31 de Março

²⁵ Ocorreu um desvio no plano alvo de filmagem.

²⁶ Ocorreu um desvio no plano alvo de filmagem.

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo. Neste dia foi também utilizado um telefone móvel com câmara fotográfica incorporada da marca nokia modelo 5310 Xpress Music para proceder ao registo de elementos fotográficos em simultâneo com a recolha de alguns dos registo vídeo.

2 de Abril

No dia 2 de Abril (Quinta-feira) a aquisição de imagens foi feita ao fim da tarde (pelas 20 horas). Neste dia decorreu o “Exercício Espectáculo”, protagonizado pelos alunos do segundo ano na escola de artes performativas do Chapitô e foi intitulado “Voyage Imóvel”. O largo apresentava os elementos da esplanada do restaurante do Teatro com a disposição observada nas anteriores situações de vivência quotidiana (concentrados no quadrante Sudoeste do espaço do largo). Foi feito um registo vídeo com a duração de 15 minutos em simultâneo com o preenchimento de uma ficha de registo gráfico. A alteração à duração dos períodos de filmagem e a adopção de apenas um ponto de vista (ponto A), não respeitando a metodologia definida anteriormente, deveu-se apenas às características do espectáculo e à disposição que caracterizou o seu público.



figura 59 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
20:00 - 20:15	(início do espectáculo) B	dia

tabela 6 Aquisição de dados, “Voyage Imóvel”, 2009, 2 de Abril

Os registos vídeo foram feitos a partir do ponto A, anteriormente estabelecido, e com o enquadramento definido após o dia 27 de Novembro para este ponto. As experiências e familiarização com o espectáculo, obtidas na visita anterior, permitiram conhecer a ordem da actuação e adequar convenientemente os métodos de registo às suas características.

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo. Neste dia foi também utilizado um telefone móvel com câmara fotográfica incorporada da marca nokia, modelo 5310 Xpress Music, para proceder ao registo de elementos fotográficos em simultâneo com a recolha de alguns dos registos vídeo.



figura 60 Largo de S. Carlos, “Voyage Imóvel”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 2 de Abril

22 de Abril

No dia 22 de Abril (Quarta-feira) a aquisição de imagens foi feita durante a tarde (pelas 15 horas). Neste dia decorreu um dos concertos do evento “A (Pequena) Flauta Mágica” que tinha como alvo o público juvenil e teve lugar no Teatro Nacional de S. Carlos. O Largo apresentava os elementos que caracterizam a sua vivência dita quotidiana (nomeadamente, no que se refere à esplanada do restaurante do Teatro). O largo apresentava uma grande concentração de jovens e crianças que aguardavam a hora do espectáculo (15 horas). Os registos vídeo e, simultaneamente, os registos gráficos foram obtidos a partir dos pontos A e B, com os enquadramentos já estabelecidos, e obedecendo os períodos indicados na tabela 7.



figura 61 Largo de S. Carlos, “A (Pequena) Flauta Mágica”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 22 de Abril

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
14:25 - 14:35	B	
14:40 - 14:50 ²⁷	A	dia
14:55 - 15:10 ²⁸	B	dia

tabela 7 Aquisição de dados, “A (Pequena) Flauta Mágica”, 2009, 22 de Abril

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo.

Esta visita permitiu ganhar mais alguma experiência na aplicação dos métodos de registo. O material apresentou-se válido para tratamento e análise, mas pelo facto de o evento não se realizar no espaço do Largo foi excluído destas fases.



figura 62 Rua Paiva de Andrade, “A (Pequena) Flauta Mágica”, 2009, 22 de Abril

14 de Maio

No dia 14 de Maio (Quinta-feira), a aquisição de imagens foi feita à noite (pelas 21 horas). Estes registos realizaram-se durante a semana em que decorreu o evento “Chiado na Moda”. Esta iniciativa promoveu a realização de várias iniciativas na área

²⁷ problema de manuseamento do equipamento que atrasou ligeiramente o início do período de registo

²⁸ problema de manuseamento do equipamento que atrasou ligeiramente o início do período de registo

do Chiado no campo de moda. Entre estas, contam-se dois desfiles de moda apresentados ao público nos dias 15 e 16 de Maio. Neste dia, o largo apresentava uma passarela e respectivos equipamentos de iluminação montados na zona em frente à arcada da entrada do Teatro. O conjunto desenvolvia-se em “U” até à fonte no centro do largo. A esplanada do Teatro encontrava-se deslocada da área habitual e encontrava-se disposta de forma longitudinal, acompanhando o muro que separa a Rua Paiva de Andrade do Largo de S. Carlos. Encontravam-se depositadas no largo várias cadeiras de plástico, empilhadas na zona próximo da fonte, do lado oposto à passarela. Na fachada do edifício, em frente ao Teatro, estava pendurada uma facha assinalando o evento e a sua calendarização. Foram recolhidos registos vídeo de curta duração (cerca de 1 minuto e 40 segundos) a partir dos mesmos pontos A e B, já referidos, e seguindo os enquadramentos já definidos. Um outro enquadramento foi explorado, a partir do ponto A, que consistiu na rotação da câmara para a direita até que todo o palco ficasse abrangido. Esta alternativa não foi adoptada na visita do dia seguinte, para que as imagens apresentassem o máximo de coincidência ao nível dos planos de enquadramento nos diferentes dias de registo.

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo. Neste dia não foram feitos registos gráficos.

15 de Maio

No dia 15 de Maio (Sexta-feira) as imagens foram recolhidas à noite (entre as 21 horas e as 23 horas e 30 minutos - tabela 8). A recolha de imagens decorreu antes e durante a realização do desfile das colecções de algumas das marcas com lojas no Chiado, realizado no âmbito do evento “Chiado na Moda”. No largo encontrava-se montada uma passarela e respectivos equipamentos de iluminação em frente à arcada do teatro e em forma de “U”. No lado aberto do “U”, encontrava-se um pequeno palco utilizado pelos músicos de um concerto, decorrido imediatamente antes do desfile e, posteriormente, pelos dj’s do desfile de moda. A esplanada do Teatro apresentava a disposição observada na visita anterior. Em redor da passarela encontravam-se dispostas várias cadeiras de plástico brancas. No topo Norte do Largo encontravam-se uma mesa, de controlo das condições sonoras e de iluminação do Largo, e um pequeno bar, no extremo Nordeste. Encontrava-se, também, algum público nas varandas de um escritório de advogados instalado no edifício em frente ao Teatro Nacional de S. Carlos. Foram recolhidos três registos vídeo e durante o período de gravação de cada um foi preenchida uma ficha de registos gráficos. As imagens foram todas recolhidas a partir do ponto A. O primeiro período de registo foi feito à hora prevista para o início do concerto



figura 63 Largo de S. Carlos, 2009, 14 de Maio

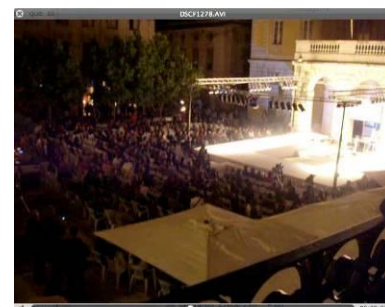


figura 64 Largo de S. Carlos, “Chiado na Moda”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 15 de Maio

(pelas 21 horas e 30 minutos); o segundo período de registo foi feito à hora de início efectivo do concerto (pelas 22 horas e 30 minutos); o terceiro registo foi feito à hora de início do desfile (pelas 23 horas). Os dois primeiros períodos tiveram a duração de cerca de 10 minutos e o último de aproximadamente 15 minutos.

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
21:25 - 21:35	(início previsto do concerto) A	noite
22:30 - 22:40	(início do concerto) A	noite
23:00 - 23:15	(início do desfile) A	noite

tabela 8 Aquisição de dados, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo. Neste dia foi, também, utilizado um telefone móvel com câmara fotográfica incorporada, da marca Nokia modelo 5310 Xpress Music, para proceder ao registo de elementos fotográficos em simultâneo com a recolha de alguns dos registo vídeo.



figura 65 Largo de S. Carlos, “Chiado na Moda, 2009, 15 de Maio”

27 de Junho

No dia 27 de Junho (Sábado) a aquisição de imagens foi feita à noite (pelas 22 horas - tabela 9). Neste dia realizou-se, no Largo de S. Carlos, um dos espectáculos enquadrados no âmbito do evento “Festival ao Largo”, decorrido entre 26 de Junho e 19 de Julho, e que contemplou espectáculos de música, ópera, dança e teatro. Esta noite, apelidada pela organização de “Noite Branca”, trouxe ao Largo de S. Carlos música russa. A disposição dos elementos que se encontravam no largo apresentava, neste dia, um padrão semelhante ao que se verificou para o evento “Chiado na Moda”. A esplanada do Teatro encontrava-se disposta ao longo do muro que separa o Largo da Rua Paiva de Andrade. No lugar da passarela encontrava-se agora um palco com uma “cortina”, rígida e transparente, a separar os músicos do público. Havia, igualmente, cadeiras de plástico brancas a ocupar quase a totalidade do Largo, com a função de acomodar os espectadores, e uma mesa de controlo das condições sonoras e de iluminação ao centro do topo Norte.



figura 66 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 27 de Junho

Na fachada do edifício, em frente ao Teatro Nacional de S. Carlos, encontrava-se exposta uma faixa de promoção do evento. A elevada afluência de público dificultou o posicionamento dos equipamentos de registo vídeo conforme fora definido. Próximo do ponto A (figura 35) foi possível estabilizar a câmara digital apoiando o seu tripé de suporte nos elementos de pedra do cunhal do edifício em frente ao Teatro Nacional de S. Carlos. Tentando captar um enquadramento semelhante ao definido após dia 27 de Novembro, foi feito um registo vídeo a partir deste ponto em simultâneo com o preenchimento de uma ficha de registo gráfico. O período de registo foi de cerca de 15 minutos e foi efectuado no início do concerto.

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
22:00 – 22:15	(início do espectáculo) A	noite

tabela 9 Aquisição de dados, “Festival ao Largo” (Noite Branca), 2009, 27 de Junho

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo e das ruas adjacentes.

3 de Julho

No dia 3 de Julho (Sexta-feira) a aquisição de imagens foi feita ao fim da tarde (pelas 20 horas e 30 minutos). Neste dia viria mais tarde a decorrer o ensaio de “Carmina Burana” que subiu ao palco nos dias 4 e 5 de Julho. O largo apresentava exactamente a mesma disposição que o caracterizava na visita anterior.

Neste dia foram recolhidos exclusivamente registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo.

Foi possível tomar conhecimento da disposição dos elementos no Largo sem a presença de tantos utilizadores e em condições de iluminação diurnas. As imagens recolhidas neste dia ajudaram à identificação dos elementos presentes no Largo nos dias em que os registos, por terem sido feitos à noite, não apresentavam condições de iluminação tão favoráveis.



figura 67 Largo de S. Carlos, 2009, 27 de Junho



figura 68 Largo de S. Carlos, 2009, 3 de Julho

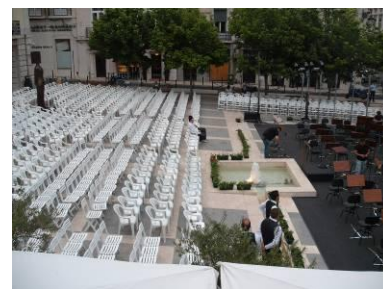


figura 69 Largo de S. Carlos, 2009, 3 de Julho

9 de Julho

No dia 9 de Julho (Quinta-feira) a aquisição de imagens foi feita à noite (pelas 22 horas - tabela 10). Esta foi uma “Noite de Bailado” com a participação da Companhia Nacional de Bailado. A disposição dos elementos que ocupavam o largo era muito semelhante à encontrada nas duas visitas anteriores. As diferenças residiam apenas na inexistência da “cortina” que separava o público do palco, na alteração da configuração do palco e no impedimento de atravessar a arcada do Teatro durante o espectáculo, devido a uma fita entre elas colocada para esse efeito. Foram feitos registos vídeo a partir de um ponto aproximado ao ponto A estabelecido anteriormente (figura 35). A grande afluência de público a este evento não permitiu que se posicionasse o tripé no local que estava previsto mas, antes, num ponto mais próximo do varandim da Rua Paiva de Andrade, sobre o Largo. Este registo teve a duração de 15 minutos e foi feito em simultâneo com o preenchimento de uma ficha de registo gráfico.

Período de registo	Ponto de registo	Momento do dia
22:00 – 22:15	(início do espectáculo) A	noite

tabela 10 Aquisição de dados, “Festival ao Largo” (Noite de Bailado), 2009, 9 de Julho

Foram recolhidos registos fotográficos a partir de vários pontos do Largo e das ruas adjacentes.

12 de Agosto

No dia 12 de Agosto (quarta-feira) foram adquiridas imagens à noite (pelas 22 horas). Nesta noite ocorreu no Largo de S. Carlos um recital de piano incluído na programação do evento “Festival dos Oceanos”, que decorreu em Lisboa entre os dias 1 e 15 de Agosto. O espectáculo teve a particularidade de apresentar o pianista a 6 metros de altura do solo e o piano na vertical servindo de tela de projecção de imagens relacionadas com a actuação do pianista. O piano foi colocado na zona do Largo mais próxima do entroncamento da Rua Capelo com a Rua Serpa Pinto Os espectadores ocuparam a quase totalidade da área do Largo e sentaram-se no chão para assistir ao espectáculo. A intensidade da iluminação do Largo foi reduzida como forma de canalizar a atenção do público para o piano. A zona sob as árvores do Largo, por estas oferecerem obstrução visual, apresentou menos ocupação que a zona central do Largo. Neste dia foram apenas recolhido registos fotográficos.



figura 70 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, fotograma extraído do vídeo, 2009, 9 de Julho



figura 71 Largo de S. Carlos, “Festival ao Largo”, 2009, 9 de Julho



figura 72 Largo de S. Carlos, “Festival dos Oceanos”, 2009, 12 de Agosto

2.3 Seleção e tratamento de dados

Nesta fase da metodologia foram seleccionados e tratados os registos aptos para serem alvo de estudo comparado. O principal critério para a selecção dos dados foi a existência coincidente tanto de registos vídeo como de registos gráficos. Foram, por esta razão, excluídos da fase de tratamento todos os registos efectuados anteriormente ao dia 27 de Fevereiro (incluído) e os registos dos dias 14 de Maio e 3 de Julho. Os registos do dia 22 de Abril foram excluídos por retratarem um evento que, embora apresentasse com ele uma significativa relação, não ocorreu no Largo. Os registos de dia 31 de Março foram excluídos por esta mesma razão relativamente a alguns dos seus registos (os que correspondem ao evento “Foyer aberto”) e, também por existirem registos relativos a uma situação ocorrida dois dias depois (os que correspondem ao evento “Voyage Imóvel”).

2.3.1 Seleção de dados

Foram seleccionados para tratamento parte dos registos gráficos e vídeo dos dias 27 de Março e dos dias 2 de Abril, 15 de Maio, 27 de Junho e 9 de Julho. Estes registos foram seleccionados por apresentarem características coincidentes ao nível dos equipamentos de recolha de dados e tipos de registos recolhidos, dos pontos e enquadramentos para a captação dos mesmos e por retratarem situações diversas de vivência, uso e apropriação do espaço público em estudo.

Os restantes elementos, embora não sejam tratados para análise posterior, constituem registos válidos para documentar alguns dos usos, apropriações e acontecimentos que tomaram lugar no Largo de S. Carlos, no período de tempo em que foi estudado no âmbito desta dissertação. Encontram-se por isso no anexo C.

2.3.2 Tratamento de dados

O tratamento de dados processou-se sobre os registos seleccionados para o efeito. Após a sua transferência para um computador, foram alvo de tratamento dois tipos de registos: os registos vídeo e as fichas de registo gráfico. Para o seu tratamento, foi utilizado o programa de edição de imagem Photoshop CS3 da Adobe. As fichas de registo gráfico de observações foram tratadas com recurso ao mesmo programa.

2.3.2.1 Tratamento dos registos vídeo

O tratamento dos registos vídeo iniciou-se com a extracção de fotogramas a cada 30 segundos do vídeo através da ferramenta “*print screen*”, disponível no sistema operativo Mac OS X, versão 10.5.7 (figura 73). A escolha de uma frequência de 30 segundos para a extracção dos fotogramas ficou a dever-se ao facto de a velocidade de locomoção humana permitir que os utilizadores façam deslocações entre cada fotograma claramente identificáveis para a situação quotidiana e para as diversas situações de ocorrência de eventos.

As imagens foram guardadas numa pasta do computador em formato *png* (portable network graphic). No programa Photoshop CS3, foi criado um ficheiro dentro do qual foram, por sua vez, criadas pastas numeradas. Em cada pasta foi introduzido, sequencialmente, um fotograma considerando a correspondência entre o número da pasta e a sua ordem de extracção do vídeo (figura 74).

Com base nestas imagens, e após a criação de uma nova *layer*²⁹, foram desenhados os elementos delimitadores do espaço como os edifícios, os bancos, as mesas e as árvores, entre outros (figura 75). Devido ao uso de um tripé na fase de aquisição das imagens, foi possível obter apenas um plano de fundo como base e sobre este identificar as movimentações dos utilizadores do Largo de S. Carlos.

Seguidamente, foi observada cada imagem individualmente. As restantes pastas dentro do ficheiro foram “ocultadas” permanecendo visível apenas a que continha o desenho base do Largo. Dentro de cada pasta, foram criadas duas *layers*: uma para registar pessoas visíveis no fotograma em tratamento; e outra para pessoas momentaneamente ocultas por algum obstáculo, no mesmo fotograma, mas cuja observação contínua dos filmes permitia localizar a sua presença. No primeiro caso, os utilizadores do Largo foram assinalados com a cor azul escura e, no segundo caso, com a cor azul clara (figura 76).

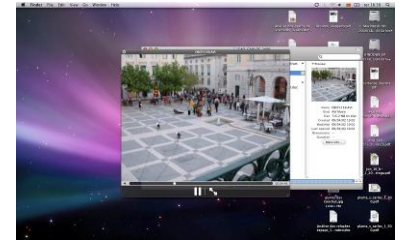


figura 73 extracção de fotogramas utilizando a ferramenta “*print screen*”

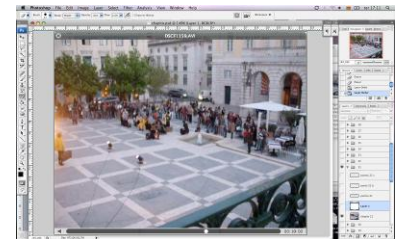


figura 74 tratamento de dados – importação dos fotogramas

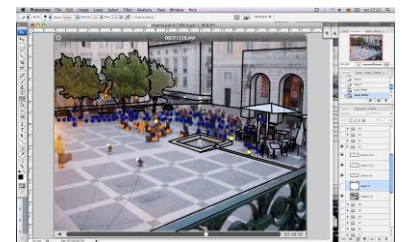


figura 75 tratamento de dados – sinalização dos utilizadores

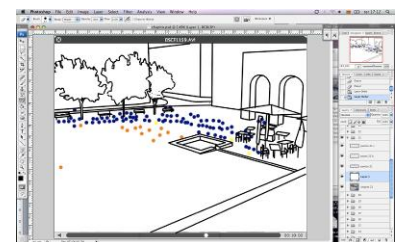


figura 76 tratamento de dados – ocultação das *layers*

²⁹ Na área do design gráfico e edição de imagem, o termo encontra-se generalizado e universalmente difundido. Por essa razão, optou-se por utilizar o termo original e não a sua tradução em português (camada).

A maioria dos eventos observados registou elevadas concentrações de público, distribuídas no espaço segundo aglomerados mais ou menos densos, nos quais não era possível, normalmente, discriminar indivíduos. Tal facto, agravado pelo ponto de tomada de vistas utilizado (muito próximo da cota do solo) e, também, pela baixa resolução das imagens, condicionou as opções de tratamento. Assim, sempre que possível, as pessoas foram assinaladas, individualmente, com um ponto de cor azul escura. Nos casos em que se verificou uma elevada concentração de utilizadores, os pontos não assinalam indivíduos mas, antes, evidenciam a sua concentração. A impossibilidade de marcar individualmente todos os utilizadores deve-se à adopção de um tamanho dos pontos de sinalização que pudesse ser facilmente identificado graficamente. Devido a esse facto e ao enquadramento perspectivado dos registos obtidos, os utilizadores que se encontram mais distantes da câmara ocupam menos espaço que os pontos que os assinalam. Quando se verificou uma elevada concentração de indivíduos privilegiou-se assinalar a sua densidade de concentração em lugar da sua identificação individual.

Paralelamente, foi observado o vídeo correspondente aos fotogramas em tratamento. Este procedimento permitiu confirmar não só a presença das pessoas visíveis como, também, detectar a existência de pessoas escondidas por obstáculos visuais. Entre os obstáculos contam-se mobiliário urbano, os pilares da arcada do Teatro Nacional de S. Carlos e os elementos da esplanada do seu restaurante.

No caso dos eventos em que o público permaneceu no mesmo lugar durante todo o período de registo, ou com movimentações muito pouco significativas, de um reduzido número de indivíduos em relação à totalidade, foi seguido um procedimento ligeiramente diferente. Todos os passos se mantiveram iguais até ao momento da sinalização dos utilizadores do largo. Então, assinalou-se todo o público e outros indivíduos que permaneceram no mesmo lugar durante toda a duração do período de registo. Estes passaram a fazer parte do plano de base, tal como as linhas que assinalaram a delimitação física do espaço. Posteriormente assinalaram-se sobre cada fotograma os indivíduos que protagonizam movimentações no espaço expressivas. A realização destes eventos introduziu alterações nas condições de iluminação do Largo. Estas alterações foram feitas para conferir maior visibilidade aos acontecimentos a decorrer nos seus palcos em detrimento da actividade do público. Este factor criou a necessidade de fazer este ligeiro ajuste ao modo de tratamento dos dados recolhidos nestas condições.

Finalmente, a imagem base foi “ocultada” e os resultados – os padrões de distribuição espacial – tornaram-se mais óbvios devido à redução e simplificação da

informação contida nas imagens. Estes procedimentos foram repetidos para cada uma das imagens extraídas de cada vídeo sob tratamento. Cada padrão de distribuição espacial foi gravado numa imagem em formato *jpeg*³⁰. A sobreposição de todos os padrões de distribuição espacial obtidos para um evento permitiu obter uma imagem de síntese correspondente ao somatório dos pontos (ou zonas) de ocupação assinalados que foi usada como referência para a sinalização dos mesmos pontos outra imagem representando o plano horizontal do Largo. Ambas contribuíram para a identificação dos locais com maior ocupação. Estas imagens foram também gravadas em formato *jpeg*.

Tais procedimentos visaram adquirir percepções globais do conjunto das dinâmicas de interacção grupo-grupo e grupo-largo, presentes em cada evento, através da detecção de massas, ou grupos de utilizadores, e observação do sentido evolutivo da sua distribuição espacial no tempo. Um seguimento individual e mais descritivo da trajectória espacial de cada utilizador não poderia ser assegurado pelos meios utilizados. Exigiria meios técnicos mais sofisticados, sendo de difícil obtenção, em qualquer circunstância, dado o número e concentração de utilizadores. Neste sentido, os resultados obtidos foram consequência da natureza dos eventos e da exploração das potencialidades dos meios disponíveis para a sua observação, registo e análise.

2.3.2.2 Tratamento das fichas de observação

O tratamento das fichas de observação iniciou-se com a transcrição das anotações sumárias redigidas *in loco* para um formato tipográfico. As anotações de campo foram estruturadas segundo frases chave que permitissem comunicar com clareza as percepções do observador sobre o evento. Todas as fichas alvo de tratamento foram inseridas num novo ficheiro no programa “Photoshop CS3” e distribuídas por pastas. Para cada ficha, foram apagadas as notas manuscritas. Dentro de cada pasta, foram incluídas as *layers* com o texto correspondente e adicionadas fotografias que retratassem a situação de vivência urbana observada durante o período de registo correspondente. Os procedimentos foram seguidos para todas as fichas de registo gráfico. A informação contida em cada pasta foi gravada em formato *jpeg*. Os procedimentos visaram obter registos gráficos que permitissem, em contraponto aos registos vídeo, descrever os eventos observados e as suas

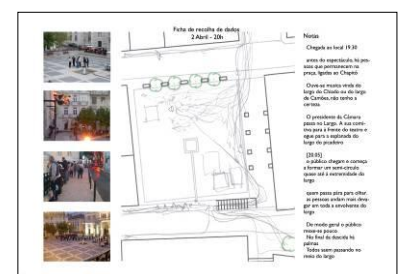


figura 77 tratamento de dados - Ficha de registo

³⁰ Joint Photographic Experts Group

2.4 Produção de modelos Sintácticos

A análise das propriedades configuracionais da estrutura espacial do Largo de S. Carlos comportou a montante a produção de modelos sintácticos, do respectivo Largo, que permitissem fundamentar o entendimento da permeabilidade do espaço e, assim, concorrer para a compreensão dos padrões de navegação e interacção dos seus utilizadores. Nesta sequência, utilizaram-se vários tipos de representações sintácticas, nomeadamente:

1. Mapa axial;
2. Mapa convexo;
3. Mapas gama (ou grafos justificados), que permitiram analisar a dimensão convexa do sistema (permeabilidade local);
4. Grafos de visibilidade, que permitiram analisar as condições de acessibilidade física e visual do Largo em função de distintas cotas de posicionamento de um utilizador no sub-sistema;
5. Isovistas definidas a partir de pontos específicos estratégicos segundo um utilizador-espectador e um actor, para cada evento observado.

2.4.1 Mapa axial

O Mapa axial representa as relações de acessibilidade física e visual, presentes no sistema espacial. É definido como o menor conjunto de linhas axiais de menor comprimento.

O mapa axial permitiu contextualizar o sub-sistema urbano constituído pelo Largo de S. Carlos no sistema espacial mais vasto da cidade. Visou compreender as relações axiais de permeabilidade responsáveis pelo afluxo de utilizadores ao Largo. Os restantes modelos sintácticos focaram-se no sub-sistema espacial do largo, e ruas imediatamente adjacentes, visando a análise da permeabilidade segundo uma dimensão local. Neste sentido, a descrição convexa do largo, apoiada nos respectivos mapas e grafos justificados, permitiu identificar a apetência do sub-sistema para a promoção de fluxos internos de utilizadores. Os grafos de visibilidade foram particularmente importantes para a compreensão da distribuição das relações de conectividade no largo e suas variantes inerentes ao layout de cada evento. Dada a relevância da acessibilidade visual para a compreensão dos modos de apropriação do largo observados e registados, as isovistas permitiram analisar, para cada evento, as relações de co-visibilidade público-plateia. Os modelos explanados permitiram correlacionar a estrutura espacial, a mobilidade dos utilizadores e o uso através da análise de padrões de co-visibilidade e de co-acessibilidade.

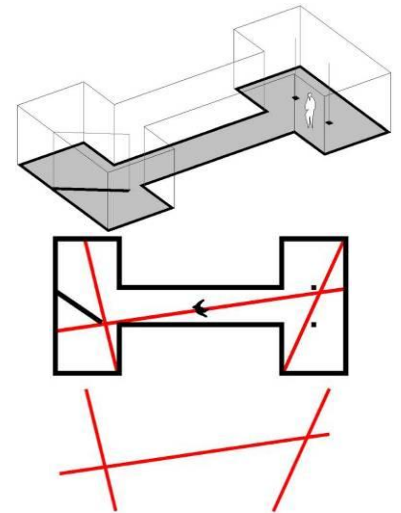


figura 78 representação da axialidade, Heitor, T (s.d.).

2.4.2 Mapa convexo

O Mapa convexo representa as relações de contenção espacial e de contiguidade espacial. É definido como o menor conjunto de espaços convexos de maior área.

O largo foi dividido em espaços convexos obedecendo à definição matemática do conceito (um espaço para o qual quaisquer dois pontos nele inscritos são unidos por um segmento de recta nele contido).

Foram identificados onze espaços convexos que foram coloridos com quatro cores e legendas distintas para assinalar a sua identidade. Os espaços amarelos correspondem aos espaços de circulação das ruas (Paiva de Andrade e Serpa Pinto), o espaço cor-de-laranja às escadas, os verdes às zonas de circulação sob e na proximidade da arcada do teatro e a azul estão assinalados os espaços convexos do largo resultantes da descontinuidade espacial na mobilidade do largo provocada pela fonte central e escalonadas segundo a sua proximidade relativamente ao Teatro (L4 – zona mais próxima; L2 e L3 – zonas intermédias; L1 – zona mais distante). A partir desta representação foram elaborados os mapas gama (grafos justificados).



figura 79 Representação – Mapa convexo, Heitor, T (s.d.).

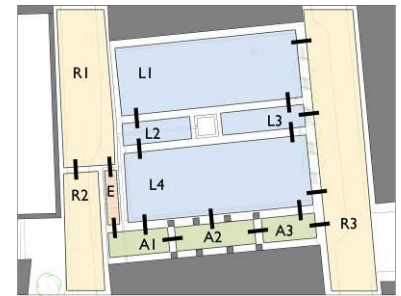


figura 80 Largo de S. Carlos - Mapa convexo

2.4.3 Mapa γ

O Mapa γ representa através de um grafo a fragmentação do espaço em unidades convexas. Os vértices correspondem aos espaços convexos e as arestas (linhas) às relações de contiguidade.

No caso presente foi utilizado o grafo justificado, desenhado a partir de uma raiz (entrada no sistema espacial). A partir da raiz do grafo vão-se definindo vários níveis de penetração no espaço: os espaços de E directamente acessíveis do exterior constituem o nível 1; os espaços imediatamente acessíveis a partir destes constituem o nível 2 e assim sucessivamente. A hierarquização dos nós dos grafos foi definida pelo nível de profundidade de acesso a cada um destes a partir da origem de cada grafo. Esta representação não considera relações de visibilidade.

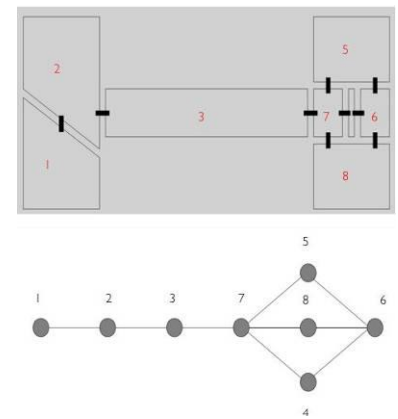


figura 81 Representação – Mapa convexo e Mapa γ (grafo justificado), Heitor, T (s.d.).

2.4.4 Grafos de visibilidade

Os Grafos de visibilidade (Turner et al. 2001). Os grafos de visibilidade resultam da congregação das teorias subjacentes à Sintaxe Espacial (Hillier e Hanson, 1984) e às teorias desenvolvidas no âmbito da pesquisa sobre os campos poligonais das isovistas (Benedikt 1979). Benedikt definiu isovista como a área total que pode ser vista a partir de uma localização pontual no espaço. As isovistas constituem-se como polígonos de visibilidade que se desenvolvem a partir de um determinado ponto espacial, condicionados pelas barreiras físicas posicionadas no espaço relativamente a esse ponto. As isovistas representam o campo visual que é possível capturar a partir dessa localização.

Benedikt estabeleceu a correspondência, mais ou menos directa, entre os polígonos visuais (isovistas) e os padrões de mobilidade dos utilizadores num dado contexto espacial. Normalmente, o espaço que pode ser percorrido visualmente, corresponde a espaço passível de ser percorrido fisicamente. Hillier e Hanson demonstraram a relação existente entre os eixos de acessibilidade física e visual de um espaço (sintetizados esquematicamente nos mapas axiais) e os padrões de mobilidade dos utilizadores nesse espaço. Nessa sequência, a Análise dos Grafos de Visibilidade (AGV³¹) fornece, entre outras, uma medida sintáctica – a integração³² visual – que combinam ambas as teorias e permite avaliar como as isovistas estão integradas num dado sistema espacial (Turner 2004).

³¹ VGA - *Visibility Graph Analysis* na versão original.

³² Distância média, num sistema, de um espaço relativamente a todos os outros espaços, mede a permeabilidade do sistema espacial a uma escala global

Segundo esta abordagem, o espaço é dividido numa grelha de pontos e o grafo de visibilidade é obtido unindo cada ponto a todos os outros que este consegue “ver”. A integração visual de um ponto, na malha global de pontos, é calculada com base no número de pontos intermédios necessários para ir de um ponto a outro no sistema. Para além da integração, outras medidas (conectividade visual, por exemplo) podem ser deduzidas do grafo de visibilidade. O objectivo da AGV será o de permitir, num sistema edificado, relacionar visualmente todas as localizações espaciais, passíveis de ocupação, entre si segundo uma malha espacial contínua.

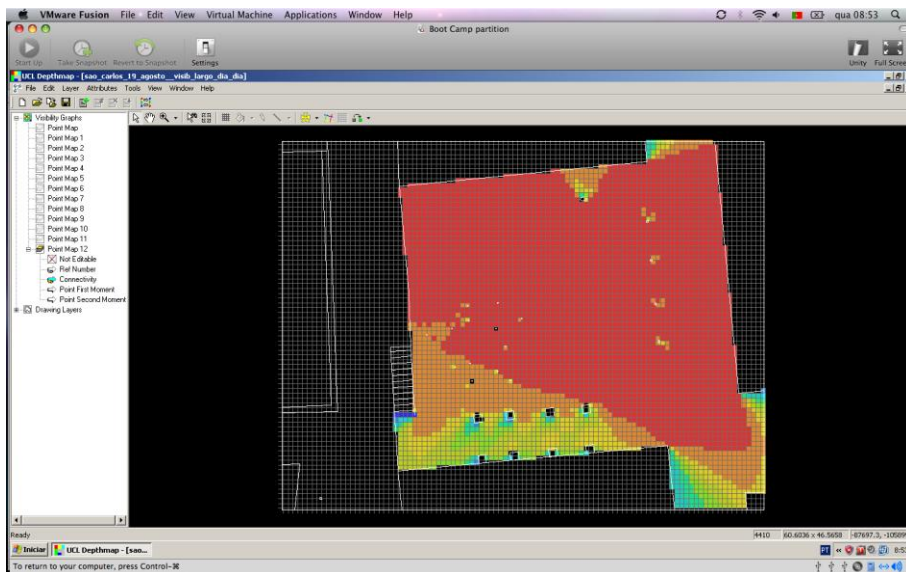


figura 83 Produção do grelha de divisão do espaço e grafo de visibilidade (conectividade) correspondente à acessibilidade visual no Largo de S. Carlos em situação quotidiana

Os grafos de visibilidade foram gerados com base na representação bidimensional do Largo de São Carlos e suas ruas adjacentes (em planta) obtida na fase de reconhecimento do local de estudo. A esta representação em formato de desenho “autocad³³” foram acrescentados, distribuídos por diversas *layers*, os elementos amovíveis que condicionaram a acessibilidade física e visibilidade do Largo e suas ruas adjacentes (mesas, canteiros com pequenos arbustos, holofotes). Os desenhos foram transferidos para formato “dxf” (Drawing Exchange Format) e, com estas características, importados para programa “Depth Map³⁴”.

³³ Aplicação informática de desenho assistido por computador.

³⁴ Programa informático desenvolvido por Alasdair Turner para a geração de isovistas e análise de gráfico de visibilidade à escala do espaço urbano ou do edifício. Programa informático desenvolvido por Alasdair Turner (University College London) o qual consiste numa ferramenta de descrição espacial do ambiente construído. Incorpora o trabalho pioneiro de Benedict sobre isovistas (1979) e outros modelos de descrição espacial desenvolvidos por investigadores da Sintaxe Espacial. O programa permite a produção de grafos de visibilidade de objectos arquitectónicos ou urbanos. Basicamente, o espaço sob análise é fragmentado segundo uma grelha de pontos, de dimensão definível, cujas ligações se estabelecem através do critério de quantos pontos podem “ser vistos” a partir de cada ponto da grelha. As ligações da malha permitem calcular medidas espaciais do sistema em estudo e explorar padrões de co-visibilidade e co-acessibilidade.

A reflexão sobre o material recolhido e disponível para tratamento ditou a eleição de três situações distintas para serem alvo de produção dos grafos³⁵ de acessibilidade física e visual e posterior análise. As situações escolhidas foram: a configuração quotidiana do Largo, a configuração adoptada pelo evento “Chiado na moda” e a configuração adoptada pelo evento “Festival ao largo”.

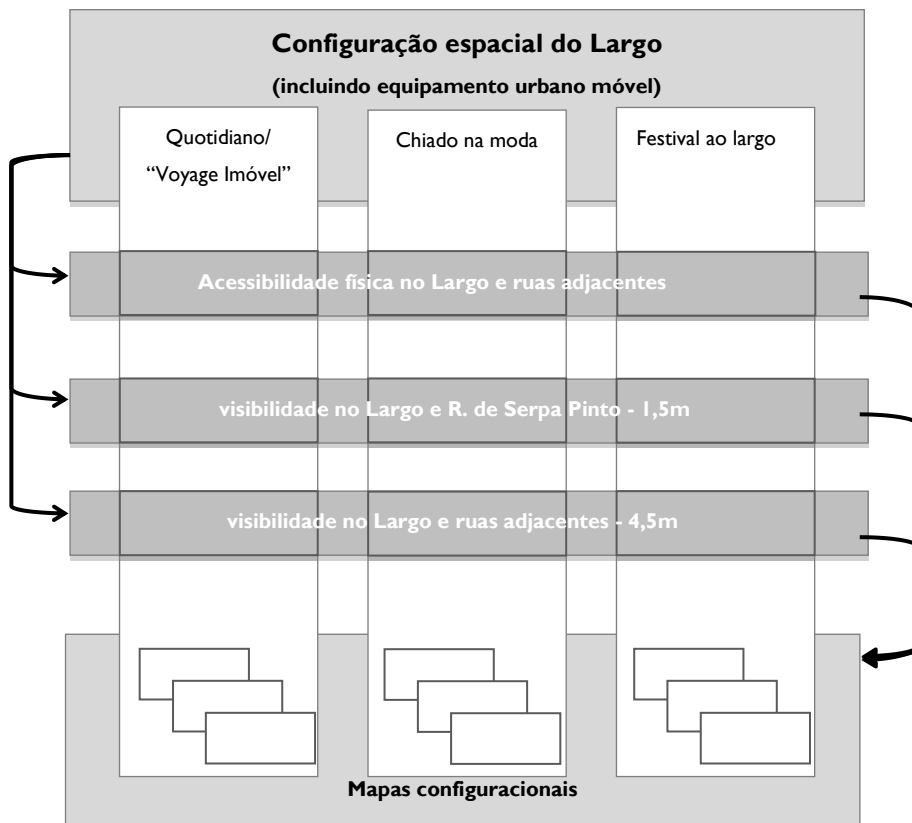
A partir de cada configuração foram gerados dois tipos de mapas correspondentes a duas propriedades básicas: conectividade e integração. Os mapas gerados referem-se às condições de: acessibilidade física no Largo e ruas adjacentes, visibilidade no Largo e Rua de Serpa Pinto a uma altura de 1,5m³⁶, ignorando o seu declive, e visibilidade no Largo, Rua Paiva de Andrade e Rua de Serpa Pinto a uma altura de 1,5m da cota da Rua Paiva de Andrade (aproximadamente a 4,5m de altura da cota média do Largo de S. Carlos). Para gerar todos estes mapas foi utilizado o programa “Depth Map”.

No programa “Depth map”, a partir do ficheiro importado, foram seleccionadas as *layers* que continham os elementos que se apresentavam como obstáculos em cada configuração descrita e para cada mapa. Foi estabelecida uma grelha de 0,3 unidades e gerado cada mapa. Posteriormente foram ligadas as *layers* com os elementos que caracterizaram o Largo nas distintas situações, mas que não interferiram com as suas condições gerais de acessibilidade e visibilidade segundo os parâmetros descritos (como a linha do eléctrico, os lancis dos passeios). Os mapas foram exportados do programa em formato *eps* (Encapsulated Postscript) e transferidos para o programa Photoshop para conversão em formato *jpg*.

Os grafos de visibilidade relativo à propriedade espacial da conectividade obtêm-se pela verificação das condições de conectividade de cada ponto da grelha anteriormente gerada. Os resultados obtidos assumem duas expressões complementares: 1) uma visual, traduzida na obtenção de mapas definidos por manchas, ou zonas, segundo uma escala cromática que evoluiu do azul ao vermelho e que representa a variação no espaço da propriedade em causa (azul corresponde ao valor mínimo e o vermelho ao valor máximo); 2) outra matemática, traduzida em tabelas (ou gráficos) que associam a cada valor cromático um valor quantificado.

³⁵ Um grafo é o objecto básico de estudo da teoria dos grafos (matemática e ciência da computação). A sua representação gráfica constituída por um conjunto de pontos (vértices) e pelos segmentos (arestas) que os unem, permite a descrição de realidades matemáticas e aplicações no âmbito dos sistemas informáticos e das linguagens de programação.

³⁶ Um campo de visão a 1,5 m do solo corresponde a uma altura possível de um adulto da população portuguesa de baixa estatura.



esquema 6 Produção de Mapas configuracionais – grafos de visibilidade

Ainda através da utilização do programa "Depth Map", foi possível, uma vez gerados os grafos de conectividade para um dado espaço, gerar, com base no primeiro, os grafos de integração. A geração do mapa de integração exigiu um maior volume de processamento de dados e por isso torna-se mais demorada. Para gerar os mapas de integração recorreu-se à utilização de uma grelha de 0,6 unidades. Esta grelha reduziu o detalhe na análise e permitiu diminuir o tempo despendido na geração dos mapas sem prejuízos significativos na qualidade da informação obtida.

À semelhança do que acontece para a apresentação dos mapas de conectividade, também os mapas de integração apresentam, complementarmente à expressão visual, outra matemática (tabelas de valores) segundo os seus diferentes graus de integração espacial.

2.4.5 Isovistas

Uma “isovista” é definida pelo conjunto de todos os pontos num determinado universo que são visíveis a partir de um determinado ponto de origem x , de observação, inserido nesse universo. Esta abordagem permite descrever um espaço a partir do conjunto de superfícies que são visíveis a partir deste ponto x nele contido.

Com base na constatação dos percursos dominantes e padrões de uso verificados durante os períodos de observação do Largo foram produzidas isovistas, com recurso ao programa “Depth map”. Para cada situação analisada produziram-se entre três a seis isovistas, tendo o número variado em função das características de movimentação, uso e apropriação espacial. A análise das isovistas baseia-se na interpretação dos índices que quantificam algumas das propriedades suas propriedades e na apreciação do contorno que as define. Os índices tomados em consideração foram área, compacidade, perímetro e oclusão. A área de uma isovista quantifica o espaço que é visível a partir do seu ponto de origem. O perímetro quantifica a fronteira que limita a isovista. A compacidade de uma isovista corresponde à sua densidade, ou seja, à continuidade do seu campo visual. A oclusão quantifica o comprimento da fronteira (R_x) resultante das linhas radiais (com centro no seu ponto de origem - x) que separam a área visível da não visível (figura 84).

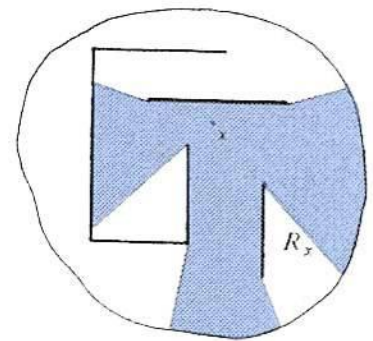


figura 84 Oclusão, R_x – Benedikt (1979)

2.5 Levantamento das Redes de Mobilidade e dos Usos

2.5.1 Mapa das Redes de Mobilidade

O Mapa das Redes de Mobilidade foi produzido com o objectivo de transmitir as características de acessibilidade à zona envolvente ao Largo de S. Carlos, nomeadamente nas áreas da Baixa, Chiado e Bairro Alto. O mapa foi produzido através da informação contida nos mapas das redes de autocarros e ascensores da “Carris”, rede de “Metro”, mapa do estacionamento da Baixa e Chiado (CM-Lisboa) documentadas no anexo D. e com recurso à ferramenta “Street View” da versão 5.0 da aplicação informática “Google Earth”³⁷.



figura 85 Representação do Mapa das Redes de Mobilidade, apresentado com mais detalhe no capítulo 3

Com base nas plantas da cidade de Lisboa obtidas na fase de reconhecimento da área em estudo foram, com recurso ao programa de edição de imagem Photoshop, representadas as redes de mobilidade presentes, os parques de estacionamento disponíveis e as áreas de circulação pedonal existentes. Desta forma, ficaram condensadas no mesmo registo gráfico vários dados sobre as condições de acessibilidade à zona envolvente ao Largo de S. Carlos e ao próprio Largo.



figura 86 Largo do Chiado – “Google Earth – Street View”

2.5.2 Mapa dos Usos

O Mapa de Usos foi produzido com o objectivo de apresentar os usos observados na zona do Chiado próxima do Largo de S. Carlos. Para a sua produção foram efectuadas duas visitas ao local, a primeira a 27 de Março de 2009 e a segunda a 18 de Setembro de 2009 e registados os usos presentes nos pisos térreos e primeiros pisos, excluindo a habitação (anexo E). Neste dia foi utilizado um mapa da zona sobre o qual foram anotados os usos observados. A informação obtida por esta via foi complementada com a utilização da ferramenta “Street View” de aplicação informática “Google Earth”.



figura 87 Representação do Mapa de Usos, apresentado com mais detalhe no capítulo 3

Com base nas plantas da cidade de Lisboa obtidas na fase de reconhecimento da área em estudo, e novamente com recurso ao programa de edição de imagem Photoshop, foi produzido um mapa com a representação dos usos dados aos edifícios de parte das áreas do Chiado e Bairro Alto. O mapa permitiu, através da distinção cromática das várias actividades económicas presentes, sintetizar a informação relativa a este sector.

³⁷ Google Earth é uma aplicação informática desenvolvida pela Google e que permite ter acesso a imagens de satélite e recolhidas nas ruas de algumas cidades, nomeadamente de Lisboa.

2.6 Análise dos grafos de visibilidade e usos observados

Os dados seleccionados e tratados segundo as anteriores fases da metodologia, já descritas, foram agrupados para análise em dois grupos que correspondem: a) às vivências quotidianas e b) às vivências verificadas a quando da realização de eventos culturais.

Os procedimentos adoptados para a análise de cada período de registo contemplam três fases distintas. São estas: 1) a apresentação das características configuracionais observadas e dos respectivos grafos de acessibilidade física e visual 2) a apreciação dos dados recolhidos durante o período de observação e 3) por via do cruzamento da informação obtida nas fases anteriores, a identificação de relações de causalidade entre as propriedades configuracionais do Largo de S. Carlos e os usos e apropriações verificados.

III. Análise espaço-funcional do Largo de S. Carlos

3.1 Localização do Largo de São Carlos no contexto da cidade de Lisboa

A análise do espaço do Largo de S. Carlos, e de todas as actividades que em torno dele se geram, apoiou-se no estudo das características configuracionais do sistema espacial. O trabalho recorreu à aplicação de modelos sintácticos e à identificação dos padrões de uso do largo. Foram recolhidos, conforme a metodologia anteriormente descrita, dados referentes à utilização do espaço em diversas situações das suas vivências, usos, actividades económicas e culturais, contexto urbano e acessibilidades decorrentes dos sistemas de mobilidade da cidade.

A análise dos mapas configuracionais e dos usos observados centrou-se na avaliação da correspondência entre as grandezas reveladas pela análise segundo a sintaxe espacial e os usos e apropriações verificados durante os períodos de observação.

Foram observados os conteúdos das anotações recolhidas durante os períodos de registo e os vídeos que daí resultaram antes e depois de serem alvo de tratamento. Foi possível observar os padrões de movimentação e as áreas em que com mais frequência foram observadas situações de permanência em diferentes situações. A comparação das características espaciais com os usos observados permitiu identificar comportamentos espaciais induzidos ou condicionados pela configuração espacial do Largo de S. Carlos.

O Largo de São Carlos localiza-se no Chiado, uma zona da cidade de Lisboa vizinha da Baixa Pombalina - um dos núcleos mais integrados da cidade de Lisboa – e relativamente próxima de eixos que apresentam valores máximos de integração (situados na zona vermelha da escala cromática) como a Av. da Liberdade. O posicionamento sintáctico do Largo de São Carlos pode ser observado no mapa axial de Lisboa (figura 88), onde o sistema de eixos se caracteriza segundo uma escala cromática que evolui do azul – eixos menos integrados ou mais segregados - para o vermelho – eixos mais integrados ou menos segregados.

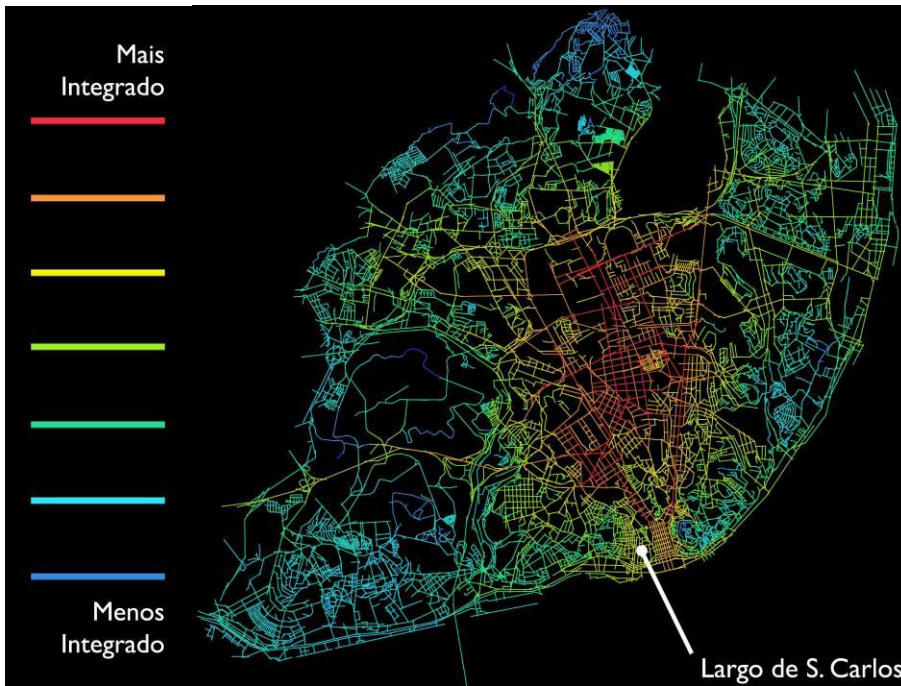


figura 88 Mapa axial da cidade de Lisboa - Heitor e Pinelo, 2005.

A tabela II quantifica os valores de integração máxima, mínimo e médio, relativos à globalidade da estrutura axial da cidade. Os valores relativos às ruas próximas (Rua Garret) ou contíguas do Largo (Rua Serpa Pinto, Rua Paiva de Andrade e Rua Capelo) e algumas vias de referência vizinhas (Av. da Liberdade e Rua do Ouro) são, também, referenciados. Analisando o mapa axial segundo uma escala de menor redução (figura 89), e em contraponto com a tabela II, é possível constatar que as ruas directamente contíguas ao Largo apresentam valores de integração tabela II superiores à média (0.620638) do mapa axial da cidade: a Rua Serpa Pinto regista o valor 0.780954; a Rua Paiva de Andrade regista o valor 0.778278; e a Rua do Capelo regista o valor mais baixo – 0.723966 – mas, ainda assim, superior à média. Sublinhe-se que os eixos correspondentes à Rua Serpa Pinto e à Rua Paiva de Andrade “descarregam”, a norte, no eixo da Rua Garret – um dos mais integrados (0.841522) do Chiado e que permite a articulação, a nascente, com algumas das vias mais integradas da cidade tais como a Rua do Ouro (0.899581) e Av. Liberdade (0.997176).

Eixo	Integração		
	mínima	média	máxima
	0,276721	0,620638	1,04439
1	Av. Almirante Reis	1.00639	
2	Av. da Liberdade	0.997176	
3	Rua do Ouro	0.899581	
4	Rua Garrett	0.841522	
5	Rua Serpa Pinto	0.780954	
6	Rua Paiva de Andrade	0.778278	
7	Rua Capelo	0.726229	
8	Largo do Picadeiro	0.723966	

tabela 11 valores de integração máximo, mínimo e médio, relativos à globalidade da estrutura axial da cidade e à zona em estudo

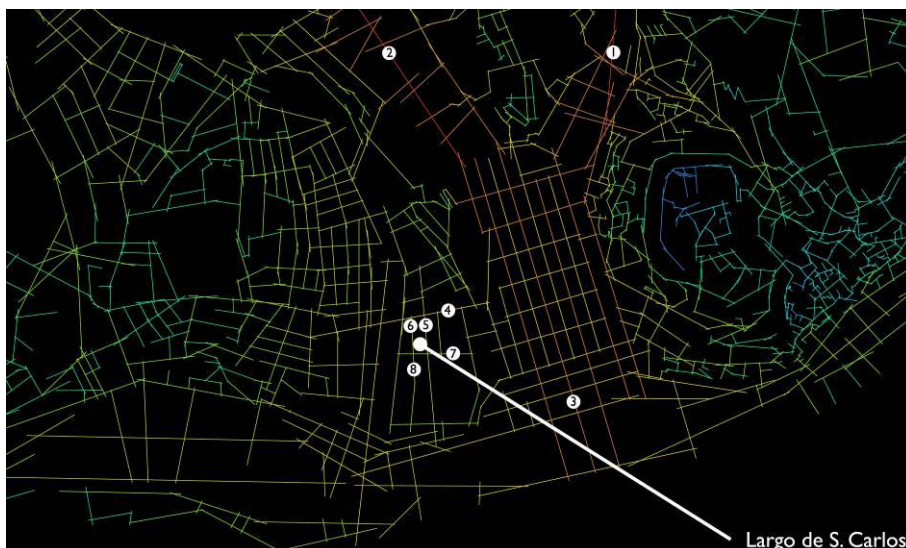


figura 89 Mapa axial da cidade de Lisboa - Heitor e Pinelo, 2005 – zona em estudo.

A observação do mesmo mapa a uma escala mais próxima permite confirmar que duas das ruas que dão acesso ao Largo de S. Carlos são de cor amarela. Isto significa que apresenta nível de integração significativamente elevado.

Os elevados níveis de integração que caracterizam a sub-estrutura axial correspondente à zona de inserção urbana do Largo de São Carlos são coerentes com a profusão de redes de transportes públicos disponíveis e com a concentração de usos, nomeadamente do terciário, instalados na zona em estudo. Ambos os factores exploram a elevada acessibilidade física e centralidade que caracteriza o Chiado. Esta zona encontra-se servida por uma rede de transportes públicos diversificados (autocarro, metropolitano, eléctrico, ascensores, táxis). Foram, ainda, construídos parques de estacionamento subterrâneos para satisfazer as necessidades de estacionamento automóvel que as ruas não conseguem comportar.

Têm maior relevância para esta análise, pela sua proximidade ao Largo de S. Carlos, a linha de eléctrico da Rua Paiva de Andrade, o acesso do metropolitano e a praça de táxis no Largo do Chiado e o Parque de estacionamento com acesso pedonal a partir da Rua Garrett. Contudo, a presença de outros meios de acesso e estacionamento presentes a distâncias rapidamente percorráveis pedonalmente aumentou a possibilidade e capacidade de ligação desta zona da cidade a diversas outras. A existência de diversos espaços como praças e ruas de circulação pedonal constituem factores de atractividade para a eleição desta zona para actividades de lazer, convívio e permanência em espaço urbano público.

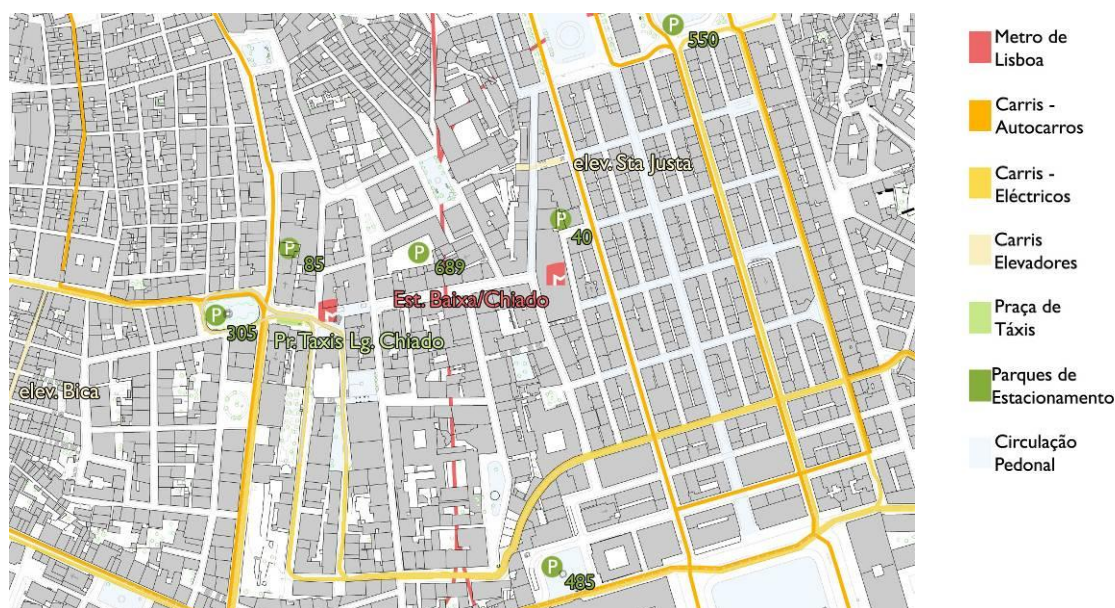


figura 90 Mapa das Redes de Mobilidade nas zonas Baixa, Chiado e Bairro Alto, Lisboa

O Chiado caracteriza-se, também, por uma forte presença de actividades económicas do sector terciário. Na área analisada, na proximidade do Largo de S. Carlos, é possível aceder a diversos estabelecimentos de comércio e restauração, equipamentos culturais, igrejas, hospitais e farmácias, entre diversos outros serviços. O Largo de S. Carlos congrega na sua proximidade estabelecimentos de restauração e comércio, o Teatro de S. Carlos (um equipamento cultural) e o Governo Civil de Lisboa. A diversidade de serviços oferecidos, é um factor de atracção de utilizadores ao Largo e um indutor de movimentos de atravessamento e permanência no espaço público. Estas actividades atraem ao Chiado públicos muito diversificados e justificam a afluência em larga escala dos mesmos. Assim se compreende o elevado número de utilizadores que foram observados no Largo e nas suas ruas adjacentes servindo-se destes como espaços de passagem e, em alguns casos, para permanência.

A partir do Mapa Convexo, Foram elaborados três grafos que contemplam três situações distintas de acesso ao largo. O primeiro diz respeito ao acesso feito a partir da Rua Paiva de Andrade (raiz do grafo 1 - figura 95), o segundo a partir da arcada do Teatro de S. Carlos (raiz do grafo 2 - figura 93) e o terceiro a partir da Rua Serpa Pinto (raiz do grafo 3 - figura 92). Aos nós foram atribuídas as cores correspondentes aos espaços que representam, em concordância com a descrição anterior. Nestas representações, os valores cromáticos dos nós são meramente indicativos: visam apenas uma mais fácil referência aos espaços convexos identificados no mapa convexo (figura 94).

A análise comparativa dos três grafos produzidos permite detectar, como traço configuracional comum, a existência de uma elevada ciclicidade na estrutura espacial do largo. Com efeito, exceptuando o braço constituído pelos nós E-R1-R2 (correspondentes às zonas elevadas do sub-sistema: escadas e Rua Paiva de Andrade) identificam-se vários anéis que ligam os restantes nós segundo circuitos de diversa amplitude. Estes anéis permitem a evolução diferenciada e diversificada no sub-sistema (por exemplo, será possível percorrer o circuito mais amplo A1-A2-A3-R3-L3-L4-A1 mas também o circuito A2-A3-R3-L4-A2 ou, ainda, o circuito A2-A3-L4-A2 – grafo 1). Nesta sequência, sumariamente, a descrição sintáctica do largo emerge como um sub-sistema de ciclos entrelaçados entre si. Assim, é possível concluir sobre a apetência da estrutura espacial do largo para promover a mobilidade e os fluxos internos, e nesse sentido, induzir atitudes mais exploratórias do espaço por parte dos utilizadores manifestando, inclusivamente, uma certa capacidade de retenção “natural” dos mesmos, pelo sub-sistema, em consequência da mobilidade por círculos ao invés de uma mobilidade direccionada (como acontece em sistemas muito marcados axialmente). A ciclicidade inerente à estrutura espacial do largo é, ainda, secundada pela baixa profundidade do mesmo. De facto, se for excluído o braço E-R1-R2, o sub-sistema de ciclos estende-se por quatro níveis de profundidade (grafos 1 e 2) ou, na sua forma mais concentrada, por apenas três níveis (grafo 3). O carácter raso da estrutura espacial cíclica do largo pode constituir um factor indutor de uma certa facilidade de apropriação do sistema por parte dos utilizadores.

É, ainda, possível observar que o grafo 2 apresenta um grau de profundidade menor, o que indicia a posição mais integrada do nó A2 neste sistema espacial relativamente aos nós R1 e R3.

Para a análise interna do sistema espacial aqui sintetizado verifica-se que a alteração do ponto de origem não introduz variações na estrutura dos grafos. Na análise seguinte será, por isso, utilizado para o efeito apenas o primeiro dos grafos apresentados. A preferência por este resultou da observação dum elevado número de utilizadores que acederam ao Largo a Partir da Rua Paiva de Andrade.

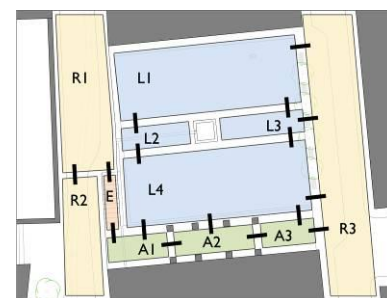


figura 94 Mapa convexo – Largo de S. Carlos

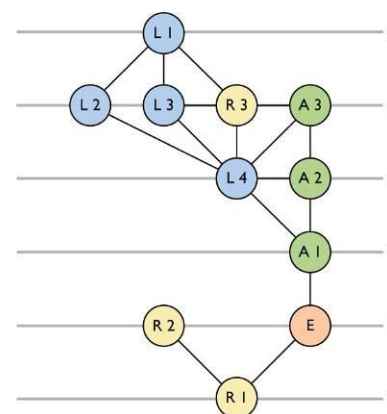


figura 95 grafo 1 – raiz a partir da Rua Paiva de Andrade

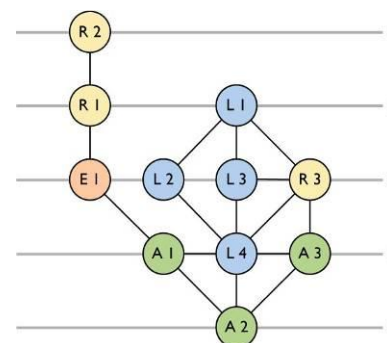


figura 93 grafo 2 – raiz a partir da arcada do Teatro de S. Carlos

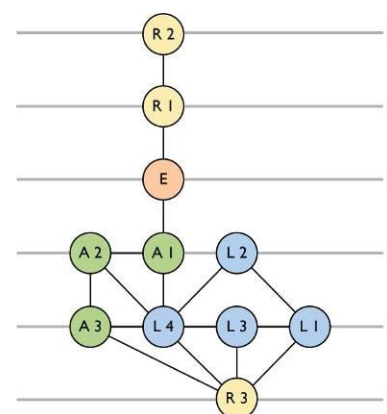


figura 92 grafo 3 – raiz a partir da Rua Serpa Pinto

Com recurso ao programa Agraph³⁸ foram obtidas as matrizes de adjacência e conectividade com a indicação dos valores de controlo e integração de cada espaço acompanhados dos respectivos grafos coloridos de acordo com esses mesmos valores.

Matriz de Adjacência											NCn	CVe	CV	
	R1	R2	E	A1	A2	L4	A3	R3	L3	L2	L1			
R1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2,00	0,50	1,50
R2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1,00	1,00	0,50
E	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2,00	0,50	0,83
A1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	3,00	0,33	1,00
A2	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	3,00	0,33	0,83
L4	0	0	0	1	1	0	1	1	1	1	0	6,00	0,16	2,08
A3	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	3,00	0,33	0,75
R3	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	4,00	0,25	1,16
L3	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	3,00	0,33	0,75
L2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2,00	0,50	0,50
L1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	3,00	0,33	1,08

tabela 12 Matriz de Adjacência

NCn : Σ número de conexões em cada nó
 CVe: $1/(\Sigma$ número de conexões em cada nó)

O Valor de Controlo é uma grandeza da Sintaxe Espacial que traduz a capacidade de controlo de um espaço sobre os seus adjacentes e avalia a sua constituição como ponto de passagem obrigatório dentro de um sistema espacial. Para o calcular atribui-se a cada nó o valor 1 e seguidamente distribui-se esse valor equitativamente pelos nós a que está ligado. O somatório de todos os valores recebidos por um nó, depois desta operação, determina o seu Valor de Controlo. Deste modo, quanto maior for o resultado, maior será o Valor de Controlo do nó. Os nós que correspondem aos espaços com maior controlo são L4 e R1. Este valores verificam-se devido a L4 ser o espaço que dá acesso a um maior número de outros espaços e R1 ser o único espaço que permite aceder a R2.

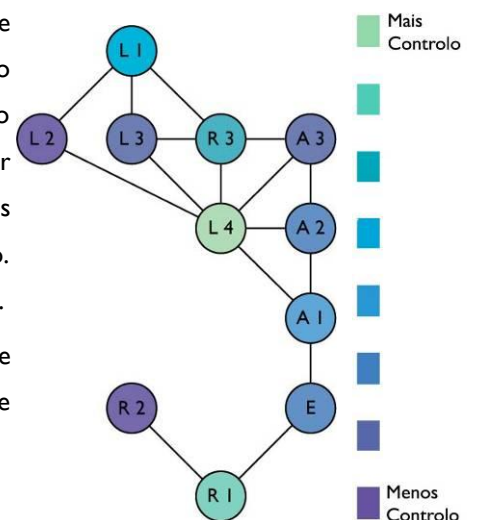


figura 96 grafo justificado - Controlo

³⁸ Aplicação informática desenvolvida por Bendik Manum para desenho de grafos e elaboração de cálculos relativos à Sintaxe Espacial

Matriz de conectividade												TDn	MDn	RA	i
	RI	R2	E	AI	A2	L4	A3	R3	L3	L2	L1				
RI	0	1	1	2	3	3	4	4	4	4	5	31	3,10	0,46	2,14
R2	1	0	2	3	4	4	5	5	5	5	6	40	4,00	0,66	1,50
E	1	2	0	1	2	2	3	3	3	3	4	24	2,40	0,31	3,21
AI	2	3	1	0	1	1	2	2	2	2	3	19	1,90	0,20	5,00
A2	3	4	2	1	0	1	1	2	2	2	3	21	2,10	0,24	4,09
L4	3	4	2	1	1	0	1	1	1	1	2	17	1,70	0,15	6,42
A3	4	5	3	2	1	1	0	1	2	2	2	23	2,30	0,28	3,46
R3	4	5	3	2	2	1	1	0	1	2	1	22	2,20	0,26	3,75
L3	4	5	3	2	2	1	2	1	0	2	1	23	2,30	0,28	3,46
L2	4	5	3	2	2	1	2	2	2	0	1	24	2,40	0,31	3,21
L1	5	6	4	3	3	2	2	1	1	1	0	28	2,80	0,40	2,50
Mean												24,72	2,47	0,32	3,52

tabela 13 Matriz de conectividade

A Integração é uma grandeza da Sintaxe Espacial que expressa a centralidade de cada nó relativamente à globalidade do sistema e avalia-se em função do número médio de espaços que é necessário atravessar para lhe aceder a partir de cada outro espaço do sistema. Para calcular o grau de integração de um nó é necessário somar todas as transições necessárias para, a partir deste, aceder a cada um de todos os outros nós do sistema. Este valor divide-se pelo total de nós do sistema menos um, e ao resultado subtrai-se um, seguidamente multiplica-se por dois. O valor que resulta desta operação divide-se pelo número total de nós menos dois. A razão inversa do valor obtido determina a integração do nó. Um espaço será tanto mais integrado quanto menor for a sua distância³⁹ relativamente a todos os outros espaços do sistema.

O nó mais integrado neste sistema é o que corresponde ao espaço L4. Este é por isso o nó a partir do qual se percorrem menores distâncias para aceder a todos os outros. O espaço R2 é o mais segregado e, por isso, porventura, o menos atractivo para os utilizadores.

TD: \sum da profundidade de um nó cada outro
 MD: $TD / [(n^\circ \text{ total de nós}) - 1]$
 RA: $2 * (MD - 1) / [(n^\circ \text{ total de nós}) - 2]$
 i: $1 / RA$

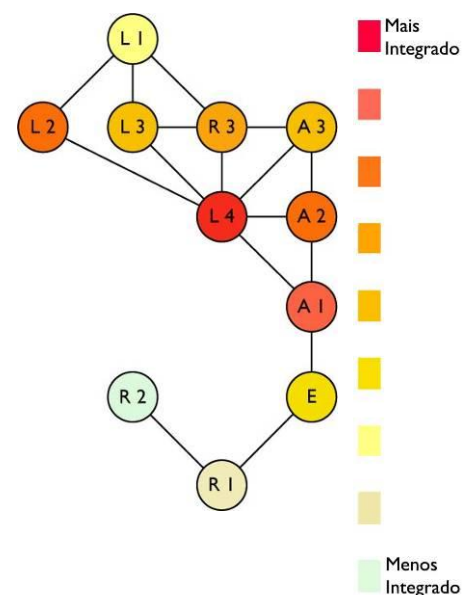


figura 97 grafo justificado – Integração

³⁹ Por distância sintáctica entende-se o número de transições efectuadas entre espaços e não a distância física.

O sistema espacial do Largo de S. Carlos é constituído por um conjunto de espaços que, embora constituam distintos espaços convexos, apresentam quase total continuidade física e visual entre si. São exemplo disso os espaços L1, L2, L3 e L4, conforme assinalado na figura 98.

Mostrou-se então necessária a adopção de métodos de análise espacial que pudessem incluir a análise das relações de visibilidade inerentes à configuração do espaço observado. Utilizou-se para o efeito o programa “Depth Map”. Entre as diversas possibilidades de análise que o programa oferece, foram utilizadas as funções de produção de mapas de conectividade e integração visual. Para cada situação de vivência urbana analisada foram produzidos os referidos mapas para a visibilidade às cotas 0m, 1,5m e 4,5 m relativamente à cota do largo. O primeiro, à cota 0, traduz as relações de acessibilidade física. Os dois últimos ilustram as condições de visibilidade no Largo de S. Carlos e na Rua Paiva de Andrade (incluindo a visibilidade permitida sobre o Largo de S. Carlos), respectivamente. Posteriormente, os grafos de visibilidade foram cruzados com os dados recolhidos *in loco* com o objectivo de analisar as relações entre o espaço do largo e os usos manifestados em cada evento observado.



figura 98 Largo de S. Carlos –
contiguidade física e visual

3.2 Análise das relações espaço-funcionais no Largo de S.

Carlos

A descrição dos comportamentos espaciais observados baseou-se na análise dos registos vídeo e dos registos gráficos apoiados por anotações, feitos *in loco*, segundo a metodologia descrita anteriormente. Estas diferentes técnicas de observação complementam-se, permitindo documentar e analisar de forma mais precisa as várias vivências do Largo de S. Carlos. Os dois modos de registo visaram experimentar duas abordagens de observação e registo com graus de complexidade técnica e metodológica diferente (mais básica a abordagem gráfica; mais sofisticada a abordagem vídeo), verificar quais as vantagens e desvantagens que caracterizam cada uma e avaliar a sua eficácia quanto à descrição das situações observadas.

O estudo debruçou-se sobre situações de vivência quotidiana e situações relativas à ocorrência de eventos culturais, como já foi referido. Através da análise dos modelos sintácticos, produzidos para o Largo de S. Carlos, foram identificadas as propriedades configuracionais do Largo. Os mapeamentos, obtidos a partir dos registos vídeo e dos registos gráficos, permitiram sistematizar a análise dos vários modos de apropriação observados. O cruzamento destas informações permitiu identificar relações espaço-funcionais subjacentes aos eventos estudados.

3.2.1 Situação de vivência quotidiana

A situação de vivência quotidiana do Largo de S. Carlos caracteriza-se pela disposição da esplanada do restaurante do Teatro de S. Carlos no seu quadrante sudoeste. A esplanada é constituída por chapéus-de-sol, elementos arbóreos decorativos, mesas e cadeiras, não tendo as últimas sido representadas.

Com recurso ao programa “Depth Map” foram produzidos seis tipos de mapas para analisar a configuração espacial do Largo de S. Carlos na situação de vivência quotidiana. Os grafos apresentados na tabela 14 referem-se às condições de conectividade e integração relativas à acessibilidade física e visual do Largo de S. Carlos e são definidos por manchas de cor que variam do azul (menor conectividade/integração) para o vermelho (maior conectividade/integração). Deste modo, é possível compreender, apenas por meios gráficos, como, no Largo, se apresenta a distribuição espacial das propriedades configuracionais em estudo.

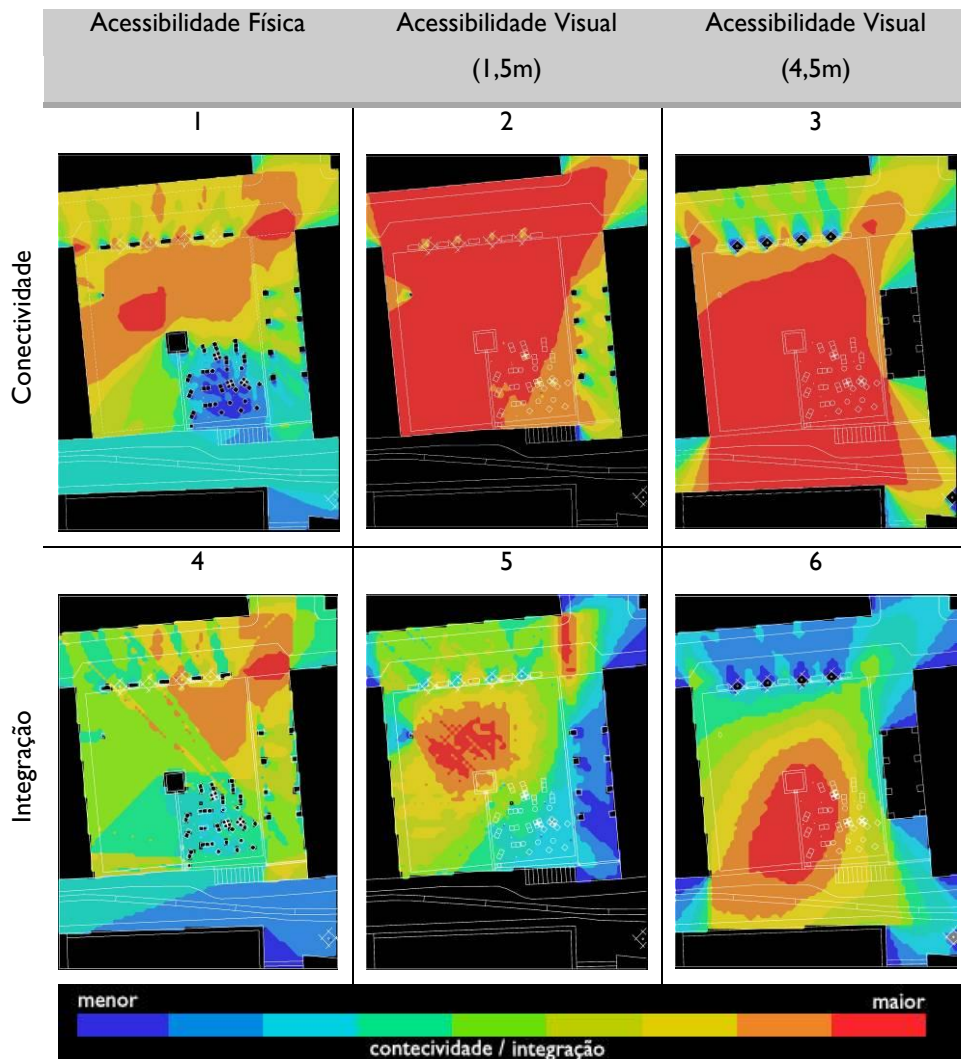


tabela 14 grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), situação cotidiana

Acessibilidade Física	Conectividade	1	490	7208	9518	10980	11760
	Integração	4	3,5	7,4	11,2	13,8	16,3
Acessibilidade Visual (1,5m)	Conectividade	2	387	6027	9297	12650	16529
	Integração	5	18,0	50,5	92,7	128,4	155,5
Acessibilidade Visual (4,5m)	Conectividade	3	978	5023	10514	14730	19267
	Integração	6	10,0	26,2	48,1	64,3	82,8

tabela 15 valores de Conectividade e Integração, situação cotidiana

A tabela 15 complementa a informação de natureza gráfica pois apresenta a quantificação dos valores que caracterizam as manchas de cor nela representadas. Os valores apresentados foram obtidos com recurso ao programa “Depth Map”, com o qual foram produzidos os grafos, através da selecção individualizada de pontos contidos nas mesmas manchas.

A imagem 1 da tabela 14, que retrata as condições de conectividade relativas à acessibilidade física (0m), demonstra que a zona da esplanada é a menos acessível (conectividade aproximadamente 490) por ser constituída por vários elementos que obrigam a mudanças de direcção durante a progressão no espaço. A imagem 4 da mesma tabela mostra como a descontinuidade causada pelo muro que separa a o Largo S. Carlos da Rua Paiva de Andrade leva a que esta zona se caracterize por valores de reduzida integração (aproximadamente 3,5). A mesma imagem mostra também que a zona mais integrada é a do quadrante sudeste do Largo (integração aproximadamente entre 13,8 e 16,3). A acessibilidade visual no largo (1,5m), representada no grafo de conectividade (imagem 2 da tabela 14), caracteriza-se pela incidência de valores mais elevados (cerca de 16529) na zona central do Largo e no troço da Rua Serpa Pinto que lhe é fronteiro. O grafo relativo à integração da acessibilidade visual no Largo (1,5m), na imagem 5 (tabela 14), evidencia, também, a concentração dos seus valores mais elevados (aproximadamente 155,5) na zona central do Largo. A esplanada do restaurante do teatro, pela obstrução que constitui, faz com que a mancha que representa a concentração de valores mais elevados de conectividade e integração esteja mais próxima do quadrante nordeste do Largo. Nestes dois mapas fica evidente que a zona sob a arcada do teatro se caracteriza por valores de conectividade e integração pouco elevados (conectividade aproximadamente 9300; integração aproximadamente 18,0), facto que se deve à obstrução visual provocada pelas suas colunas de suporte. Os grafos que se referem às características de conectividade e integração na Rua Paiva de Andrade (4,5m), imagens 3 e 6 da tabela 14, indiciam como principais obstáculos visuais a varanda do Teatro de S. Carlos e as copas das árvores do Largo. Assim, a visibilidade na zona próxima do varandim da Rua Paiva de Andrade e a área sobre o Largo apresentam valores elevados de conectividade (aproximadamente 19267), assinalados na imagem 2 da tabela 14. A zona sobre o centro do Largo é a que apresenta valores mais elevados de integração visual (aproximadamente 82,8).

Para descrever a utilização do Largo em situação quotidiana foram utilizados registos obtidos no dia 27 de Março de 2009 recolhidos em três períodos distintos do dia: manhã (pelas 10 horas), hora de almoço (pelas 13 horas) e noite (pelas 20

horas). Trata-se de um dia em que se registaram temperaturas elevadas, relativamente ao habitual neste mês do ano: entre 14°C e 25°C. As temperaturas amenas podem ter causado um aumento do uso do espaço exterior relativamente ao esperado nesta época. A presença de um maior número de utilizadores, pelo aumento da amostra observada, foi vista como um contributo favorável ao processo de observação.

No período da manhã (10h) observou-se que o Largo foi principalmente utilizado para atravessamento e acesso às ruas que lhe são adjacentes. Os registos vídeo permitem observar esta tendência, mas foi através da observação directa que essa tendência (baseada no registos gráficos e anotações) mais se evidenciou. Devido a um problema de manuseamento da câmara, no início do registo vídeo, algumas informações recolhidas através do registo gráfico e escrito na ficha de observação não estão documentadas em vídeo. Apesar dessa dessincronia, a informação gráfica foi utilizada dada a sua relevância para o estudo das dinâmicas de interacção utilizadores-Largo.

Foram identificados através da observação do registo de vídeo efectuado (com a duração de 10 minutos) cerca de 75 utilizadores do largo. Os utilizadores deslocaram-se, em muitos casos, isoladamente ou em grupos de duas pessoas. O principal eixo de movimentação dos utilizadores pedonais desenvolveu-se a partir da zona da Rua Paiva de Andrade mais próxima do Largo do Chiado e atravessou o largo sob a arcada do Teatro em direcção à Rua Capelo. A área de origem do movimento observado caracteriza-se por ter maior oferta de acesso aos sistemas de mobilidade da cidade do que a área de destino.

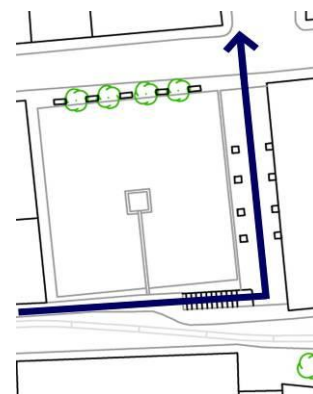


figura 99 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 10h

00:00:00	00:05:00	00:09:51

tabela 16 Largo de S. Carlos Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 10h

Ficha de recolha de dados
27 Março - 10h



Notas

10.00 * (início previsto)

10.07 (início)

polícia e senhor ficam à con-versa

muita gente a ir para a rua capelo

casal sentado num banco levanta-se

menina com material de de-senho a ir para a rua capelo

vê-se gente de todas as idades a utilizar o largo

a maior parte do movimento de gente com mochila é do largo do Chiado para a rua capelo

-

senhores permanecem 5 min junto ao varandim da rua Paiva de andrade e seguem

turista pára para tirar fo-tografias (Rua Paiva de An-drade)

10.13



	figura 100	figura 101	figura 102	figura 103
Área	1721 m ²	1168 m ²	1030 m ²	1454 m ²
Perímetro	312 m	1033m	661 m	588 m
Compacidade	0,223	0,014	0,030	0,053
Oclusão	137 m	901 m	547 m	424 m

tabela 17 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana

As isovistas foram produzidas a partir de quatro pontos inscritos no eixo de movimentação dominante identificado neste período. A tabela 17 sintetiza os valores relativos à suas propriedades, nomeadamente, área, perímetro, compacidade e oclusão. A isovista da figura 103, por exemplo, (com centro localizado na zona do largo próxima da Rua Capelo) apresenta maior compacidade (0,05) do que a isovista da figura 101 (com centro localizado próximo do vértice sudoeste do largo) cujo campo visual se apresenta mais fragmentado (0,014). Correlativamente, verifica-se que a isovista da figura 101 é aquela que regista o maior perímetro (901 m) e a área intermédia (1168 m²) do conjunto das isovistas com centro à cota do Largo. Também à cota do Largo, A isovista da figura 103 é a que apresenta a área mais elevada (1454 m²), a menor oclusão (424 m) e também perímetro mais pequeno (588 m).

De qualquer modo, no conjunto, as isovistas à cota do Largo caracterizam-se por uma acentuada abrangência visual apesar dos constrangimentos motivados pela presença de obstáculos pontuais (colunas da arcada do Teatro e outros). No entanto, a isovista da figura 100 apresenta a compacidade mais elevada do conjunto (0,223) – o seu centro localiza-se a uma cota mais elevada do que as outras, notificando maior extensão do campo visual. Refere-se que apresenta a área mais elevada e o menor perímetro. A isovista da figura 100 é aquela que apresenta a menor oclusão do conjunto (137 m). No sentido oposto, as isovistas da figura 101 e da figura 102 são aquelas que registam a maior das linhas radiais de oclusão (901 e 547 m, respectivamente). As isovistas obtidas (variando entre 1030 e 1721m²) apresentam áreas elevadas relativamente à área total do Largo.

As colunas da arcada do Teatro introduzem uma fragmentação no campo visual mais acentuada e podem ter conduzido os utilizadores a não transporem a linha definida pelos três arcos que sustentam a parte frontal da varanda, uma vez que se observou que a sua trajectória de movimentação foi predominantemente paralela à fachada do teatro.

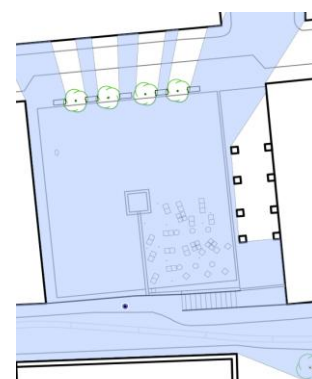


figura 100 isovista – Rua Paiva de Andrade

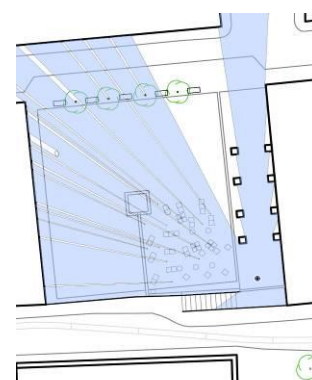


figura 101 isovista – Largo de S. - vértice sudoeste

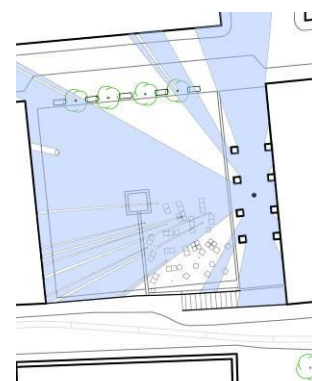


figura 102 isovista – Arcada do Teatro de S. Carlos

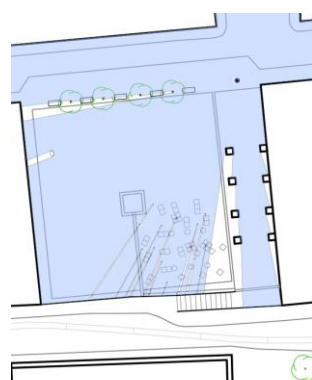


figura 103 isovista – Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo

A esplanada do restaurante do Teatro Nacional de S. Carlos esteve encerrada e o período observado (10h) não coincidiu com pausas de trabalho. A conjugação de ambos os factos contribuiu para justificar a reduzida utilização da mesma, bem como do largo para permanência. Contudo registaram-se algumas situações de permanência: um polícia e um indivíduo em conversa na zona do largo próxima do entroncamento da Rua Capelo na Rua Serpa Pinto; um casal num dos bancos do largo; e, ainda, um outro indivíduo noutro banco, num momento distinto dos anteriores. Alguns indivíduos detiveram-se durante um pequeno período de tempo junto ao varandim da Rua Paiva de Andrade sobre o Largo para contemplar este espaço urbano e o edifício do Teatro. Verificou-se a permanência e circulação de alguns veículos automóveis na zona do Largo próxima do Teatro. A actividade dos seus utilizadores esteve relacionada com o Teatro. Verificou-se ainda que a zona central e zona do topo superior do Largo (parte norte) foram as menos utilizadas e percorridas.

A comparação das propriedades sintácticas do Largo com os padrões de uso observados neste período contribuiu para identificar as relações de interdependência estabelecidas entre ambos. As condições de elevada conectividade e integração visual (grafos de acessibilidade visual às cotas 1,5m e 4,5m) da zona central do Largo, não foram potenciadas por funções ou actividades polarizadoras de fluxos relativos ao movimento pedonal urbano. No entanto, a grande visibilidade sobre o Largo permitida a partir da Rua Paiva de Andrade, pode ter favorecido a eleição do Largo para o atravessamento, em detrimento doutros eixos presentes na malha urbana envolvente.

Na figura 104 estão assinaladas todas as posições ocupadas pelos utilizadores observados nos fotogramas extraídos dos vídeos a cada 30 segundos, conforme estabelecido na metodologia anteriormente descrita. Apesar de não ser possível com o equipamento utilizado registar, em simultâneo, toda a área do Largo, nesta figura é possível confirmar a tendência de utilização mais acentuada da figura 99.

As situações de permanência observadas (indivíduos em conversa, indivíduos sentados nos bancos e indivíduos junto ao varandim da Rua Paiva de Andrade) ocorreram em áreas de elevada conectividade e integração nos mapas de acessibilidade física e visual no primeiro caso referido. O segundo caso ocorre numa zona com características semelhantes. A terceira situação ocorre numa zona que se destaca por uma elevada conectividade e integração visual à cota de 4,5m do Largo.

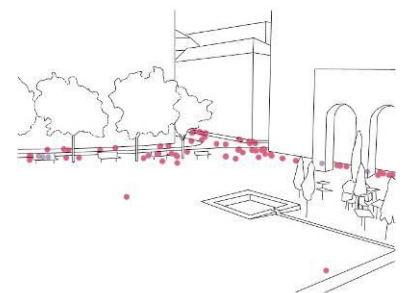


figura 104 Ocupação – síntese, 2009, 27 de Março, 10h

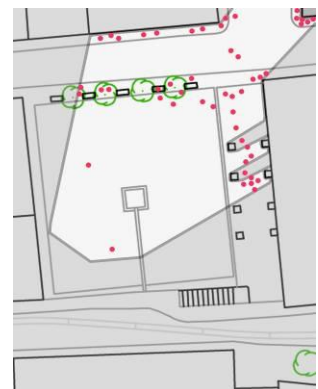


figura 105 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 10h

No período relativo ao horário de almoço (13h) do dia 27 de Março registou-se um número maior de indivíduos estacionados no Largo. Durante os 10 minutos que durou o período de filmagem foi possível contabilizar a presença de cerca de 130 utilizadores na área captada pela câmara.

Verificou-se uma elevada utilização do largo como zona de atravessamento e, tal como no período da manhã deste dia, a área na proximidade da arcada do Teatro, e sob esta, revelou uma grande utilização para este fim. Os passeios das ruas Capelo, Paiva de Andrade e Serpa Pinto foram igualmente marcados por uma utilização elevada para circulação pedonal. Foi também observado algum movimento na Travessa dos Teatros. Neste período do dia não foi identificado um sentido dominante do movimento. Foram frequentes os utilizadores que percorreram o largo sozinhos ou em grupos de duas ou três pessoas. Registou-se a saída de alguns indivíduos de um escritório de advogados, localizado num dos edifícios confinantes do largo, possivelmente para usufruírem do intervalo para almoço.

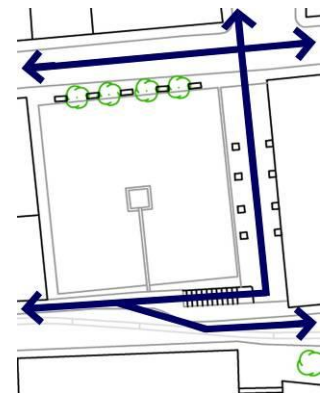


figura 106 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 13h

00:00:00	00:05:00	00:10:19

tabela 18 Largo de S. Carlos Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 13h

Ficha de recolha de dados
27 Março - 13h



Notas

depois de a senhora de cor-de-rosa descansar ela e o acompanhante foram os dois para a Rua Serpa Pinto

Uma senhora do teatro vem para fora e senta-se num banco

advogados dão uma volta e sobem as escadas para o Chiado

senhora de vermelho veio para a Paiva Andrade pelas escadas

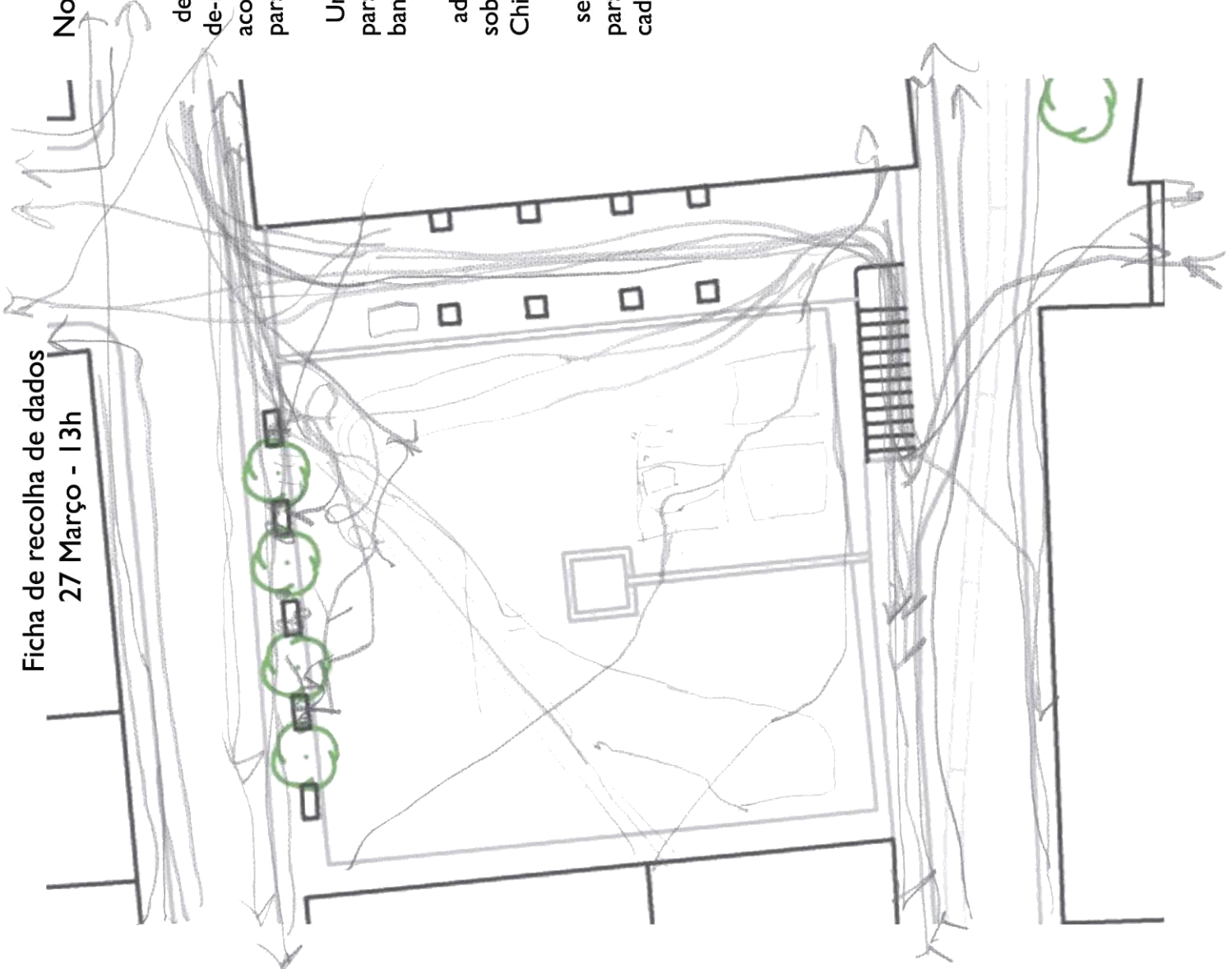


	figura 107	figura 108	figura 109
Área	1434 m ²	1459 m ²	1454 m ²
Perímetro	759 m	612 m	588 m
Compacticidade	0,031	0,049	0,053
Oclusão	592 m	446 m	424 m

tabela 19 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana

O critério de eleição dos pontos de origem das isovistas manteve-se orientado pela incidência dos percursos dominantes. Durante este período de observação a diversidade de percursos aumentou. A par das isovistas do percurso analisado no período da manhã do dia 27 de Março de 2008, analisaram-se isovistas com centros inscritos no percurso de atravessamento da Rua Paiva de Andrade. Neste percurso, as três isovistas apresentadas caracterizam-se pela semelhança dos valores relativos à área (entre 1434 e 1459 m²), oclusão (entre 424 e 592m) e perímetro (entre 588 e 759 m) e, ainda, por permitem total visibilidade sobre o troço da rua em análise. Como já tinha sido concluído anteriormente a configuração do Largo de S. Carlos caracteriza-se por uma elevada abrangência do campo visual permitido a partir dos pontos de origem das isovistas analisadas.

A constância visual sobre a totalidade de um troço de caminho parece influenciar os utilizadores deste sistema espacial a manterem a sua rota unidireccional. Este facto já era evidente no comportamento dos utilizadores que atravessaram a arcada do teatro no período da manhã deste dia e confirma-se na observação do marcado eixo de movimentação ao longo da Rua Serpa Pinto durante o período do horário de almoço. Por outro lado, a percepção visual do Largo também é constante ao longo desse percurso. Para além dessa abrangência dos campos visuais, os utilizadores que navegam nesta margem podem dominar visualmente eventuais acontecimentos aí em curso (à semelhança do verificado para a margem superior do Largo – Rua Paiva de Andrade), o que constitui um factor potencialmente relevante para captar e fixar utilizadores.

Verificaram-se algumas situações de paragem, por breves instantes, de indivíduos na zona do Largo de S. Carlos mais próxima do entroncamento da Rua Capelo com a Rua Paiva de Andrade. O topo de cota mais elevada do Largo (parte norte) foi o que apresentou menor utilização. O facto de esta zona não dar acesso a outros espaços urbanos contribui para que o seu uso não seja muito frequente.

Os lugares eleitos para permanência foram os que se apresentaram protegidos da exposição solar pelas árvores do Largo ou pelos chapéus da esplanada do restaurante do teatro. Foi observada uma elevada utilização dos bancos do Largo.

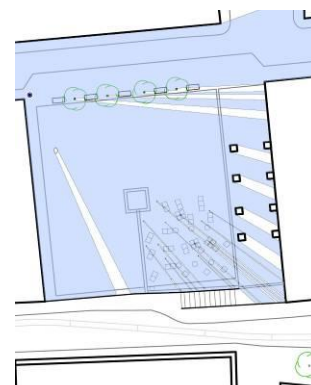


figura 107 Rua Serpa Pinto – parte Norte

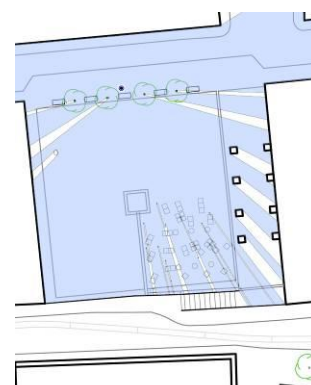


figura 108 isovista - Rua Serpa Pinto – centro

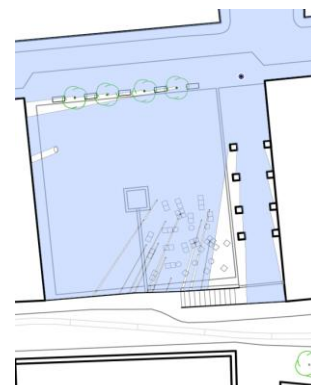


figura 109 isovista - Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo

Os quatro bancos estiveram ocupados durante parte do período de observação. Três deles encontraram-se ocupados durante todo este período.

As figuras de síntese das posições ocupadas pelos utilizadores nos momentos dos vídeos utilizados para a análise demonstram a anterior tendência para a utilização de zonas marginais do Largo.

A fragmentação do campo visual provocada pelas árvores do Largo e a obstrução ao movimento pedonal causada por elas e pelos bancos poderá ter conduzido os utilizadores a não transporem a linha que definem. Dado não existir nenhum factor motivador da ocupação do núcleo central do Largo.

A zona do Largo próxima do entroncamento da Rua Capelo com a Rua Serpa Pinto é a que verifica maior concentração de posições ocupadas. As imagens 1 e 2 da tabela 14 demonstram que esta é uma área de elevada conectividade ao nível da acessibilidade física (0m) e visual no Largo (1,5m).



figura 110 Ocupação – síntese, 2009, 27 Março, 13h

As principais situações de permanência referidas foram as de indivíduos sentados nos bancos do Largo e as breves paragens de outros indivíduos na área do Largo próxima do entroncamento da Rua Capelo com a Rua Serpa Pinto. A primeira situação de permanência ocorre numa área classificada como de elevada conectividade nos grafos de acessibilidade física e visual, mas de uma integração menos pronunciada, segundo os mesmos grafos. A segunda situação descrita acontece numa área de significativa conectividade e integração no que se refere a de acessibilidade física (0m) e visual (1,5m). Estas características podem ter influenciado a opção dos utilizadores para elegerem esta área para permanência e atravessamento.



figura 111 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 13h

No período de registo da noite (20h) do dia 27 de Março manteve-se a anterior tendência para uma utilização do Largo como espaço de circulação superior à sua utilização como espaço de permanência. Durante o período de registo (de 10 minutos) a câmara captou a presença de cerca de 55 utilizadores no espaço visível.

O movimento pedonal, foi feito principalmente nos passeios das Ruas Capelo, Serpa Pinto e Paiva de Andrade e na área do Largo mais próxima da arcada do teatro. Notou-se neste período de registo, relativamente aos períodos anteriores, maior frequência do atravessamento do largo na sua diagonal que une a parte mais alta da Rua Serpa Pinto às escadas que dão acesso à Rua Paiva de Andrade.

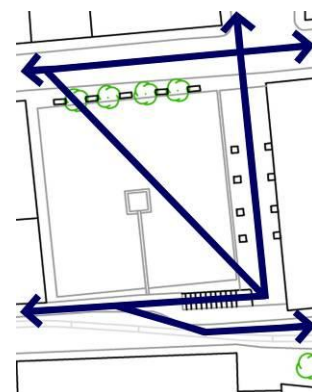


figura I 12 Percursos dominantes, situação quotidiana 2009, 27 de Março, 20h

00:00:00	00:05:00	00:10:30

tabela 20 Largo de S. Carlos, Usos observados, situação quotidiana, 2009, 27 de Março, 20h

Ficha de recolha de dados
27 Março - 20h

Notas

as pessoas tendem a andar separadas quando atravessam o largo

a esplanada do largo do picadeiro tem bastante gente

senhor do restaurante veio cá fora rápido

senhor que vem e volta para trás perto da guarda

pessoas com roupa mais formal



	figura 113	figura 114
Área	1486 m ²	1721 m ²
Perímetro	281 m	312 m
Compacticidade	0.236	0.223
Oclusão	118 m	137 m

tabela 21 quantificação do índices característicos das isovistas, situação quotidiana

Neste período os percursos dominantes identificados anteriormente voltaram verificar-se. Contudo a zona mais movimentada foi a Rua Paiva de Andrade. A esplanada do Teatro São Luiz, no Largo do Picadeiro, apresentou bastante utilização, facto que pode justificar esta movimentação na Rua Paiva de Andrade. As duas isovistas representadas (com centro em pontos inscritos na Rua Paiva de Andrade) apresentam áreas elevadas (1486 e 1721m²) e valores de oclusão (118 e 137 m) perímetro (281 e 312 m) reduzidos. Assume-se aqui como mais relevante a análise do contorno destas duas isovistas. Esta permite constatar que a partir dos seus dois pontos de origem é visível toda a área do troço da Rua Paiva de Andrade em estudo. Além da descontinuidade de cotas entre esta rua e o Largo de S. Carlos, a contiguidade visual da totalidade do percurso foi identificada como um factor indutor da conservação do movimento de deslocação no espaço globalmente visível. Tal como se concluiu na análise dos usos que marcaram os períodos da manhã, e do horário de almoço, a contiguidade visual terá também no período nocturno contribuindo para a definição dos percursos pedonais observados.

Estas isovistas corroboram, mais uma vez, a ideia relativamente à capacidade de fácil penetração visual no Largo de S. Carlos a partir, e ao longo, da extensão das suas margens — facto relevante para a captação de utilizadores.

A esplanada do restaurante do teatro encontrou-se em actividade, mas não atraiu clientes. Verificou-se a presença de indivíduos nos bancos do Largo durante parte do tempo de registo, permanecendo dois deles no mesmo lugar durante todo o esse tempo.

A circulação observada segundo o eixo diagonal, relativamente à configuração do Largo, segue a direcção de uma área alongada com uma integração significativamente elevada observada no mapa que retrata a acessibilidade física. Esta característica poderá ter feito com que os utilizadores tivessem adoptado o percurso referido.

O movimento de circulação registado nas Ruas Serpa Pinto e Paiva Andrade e sob a arcada do teatro, pela sua ocorrência repetida nos diferentes períodos destes dia,

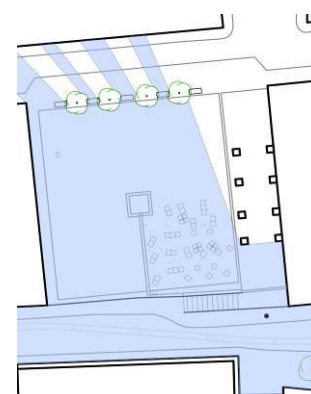


figura 113 isovista – Rua Paiva de Andrade – parte Sul

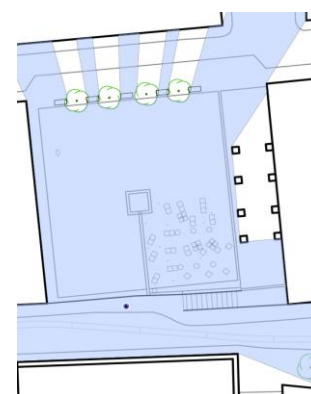


figura 114 isovista – Rua Paiva de Andrade - centro

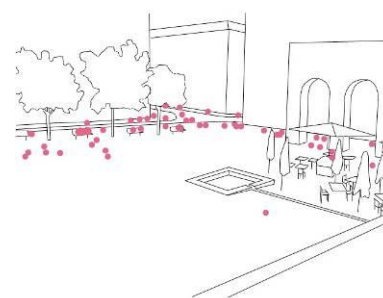


figura 115 Ocupação – síntese, 2009, 27 Março, 20h



figura 116 Ocupação – síntese (plano horizontal), 2009, 27 de Março, 20h

pode ser tomado como o padrão de circulação característico da situação quotidiana de vivência do Largo.

A permanência nos bancos, tal como já foi descrito, acontece numa área de significativa conectividade e integração ao nível das características de conectividade da acessibilidade física (0m) e visual no largo (1,5m) apresentadas nas imagens 1 e 2, respectivamente, da tabela 14. Este facto pode ter contribuído para a verificação da situação de permanência descrita. A ocorrência repetida deste tipo de permanência, a par da anteriormente verificada na zona do Largo próxima do entroncamento da Rua Capelo com a Rua Serpa Pinto, pode ser tomada como padrão característico da situação de vivência quotidiana do Largo

3.2.2 Eventos culturais

Foram analisados três eventos distintos que tiveram lugar no largo: o evento “Voyage Imóvel” protagonizado pela escola do “Chapitô”, o evento “Chiado na Moda” e o evento “Festival ao Largo”. Este último foi analisado em dois dias que se distinguiram pelas diferentes características dos espectáculos que trouxeram a palco, o primeiro de música e o segundo de dança.

3.2.2.1 “Voyage Imóvel”

A realização do evento “Voyage Imóvel” não recorreu à utilização de estruturas adicionais. Os seus dinamizadores optaram por explorar as condições configuracionais quotidianas de acessibilidade física e visual do largo para apresentar o espectáculo produzido. Estas mantiveram-se assim em tudo semelhantes às apresentadas em situação quotidiana (tabela 14). O evento “Voyage Imóvel” foi registado no dia 2 de Abril de 2009 pelas 20 horas. Este evento distinguiu-se dos seguintes pela informalidade: não recorreu a equipamento de apoio nem implicou uma separação rígida entre o espaço reservado aos actores (palco) e o espaço destinado ao público (plateia). Explorou apenas as características configuracionais quotidianas do Largo para a realização do espectáculo. A passagem no Largo de S. Carlos constituiu uma parte de um espectáculo itinerante que percorreu vários espaços urbanos entre o Largo do Carmo e o Teatro S. Luiz angariando espectadores pelo caminho. O acesso da comitiva ao Largo de S. Carlos foi feito a partir da Rua Capelo.

Durante o período de 15 minutos de observação, a movimentação mais significativa foi a do público e actores participantes neste espectáculo. É possível através da observação do vídeo identificar neste período aproximadamente 250 utilizadores do Largo. Cerca de 20 utilizadores estiveram relacionados directamente com a

produção do espectáculo (actores ou apoio ao espectáculo), 150 atravessaram o largo sem terem sido directamente atraídos pelo evento e 80 constituem o grupo que assistiu ao espectáculo e se movimentou em sintonia com este. A baixa definição do equipamento utilizado dificultou a contagem de indivíduos quando estes se juntaram em grupo. Os valores referidos não podem ser assumidos com precisão, mas como indicadores aproximados.

O atravessamento do Largo, e das suas ruas adjacentes, manteve-se durante todo o período de registo semelhante aos padrões observados em situação de vivência quotidiana destes espaços. A única alteração a este padrão de circulação foi a paragem temporária de alguns indivíduos surpreendidos pelo espectáculo.

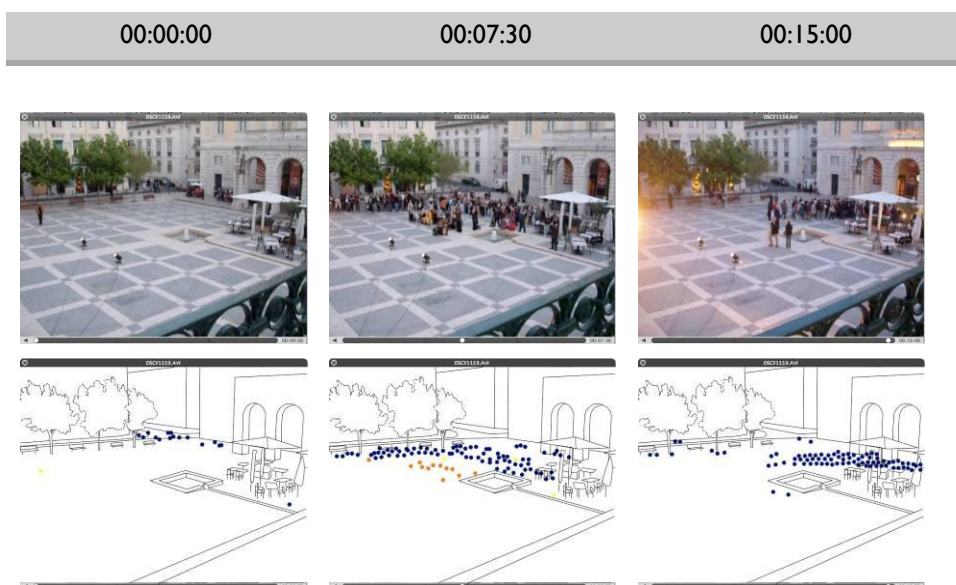


tabela 22 Largo de S. Carlos, Usos observados, "Voyage Imóvel", 2009, 2 de Abril, 20h

Antes da chegada dos intervenientes no espectáculo, foi observada a presença de outros indivíduos cuja actividade esteve relacionada com o evento. Entre estes contam-se os que estiveram a testar a visibilidade de alguns pontos do sistema espacial conformado pelo Largo de S. Carlos e fotógrafos. A sua presença durante o espectáculo foi mais discreta e foi fácil confundi-los com o público.

Durante o decorrer do espectáculo, o público e os actores adoptaram padrões de movimento e distribuição semelhantes, mas separados espacialmente tanto nos momentos de movimento como de paragem. A concentração dos actores durante o momento de paragem aconteceu numa zona aproximadamente central do Largo, próxima da fonte. O público distribuiu-se em semi-círculo em volta do grupo de actores, orientado para visualizar a parede do edifício onde nasceu Fernando Pessoa e ao longo da qual dois actores realizaram um *rappel* australiano. Após a sua chegada ao solo, no Largo, estes dois actores juntaram-se aos restantes que ali permaneciam e foi iniciada a deslocação até ao Teatro S. Luiz, onde o espectáculo terminou.

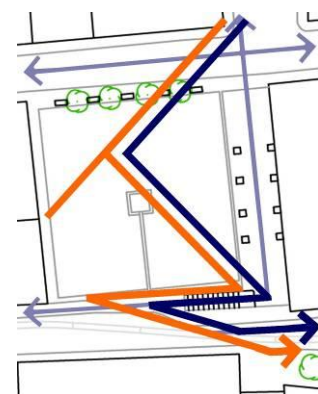


figura 117 Percurso característico, "Voyage Imóvel", 2009, 2 de Abril, 20h

Ficha de recolha de dados
2 Abril - 20h



Notas

Chegada ao local 19.30

antes do espectáculo, há pessoas que permanecem na praça, ligadas ao Chapitô

Ouve-se musica vinda do largo do Chiado ou do largo de Camões, não tenho a certeza

O presidente da Câmara passa no Largo. A sua comitiva para à frente do teatro e egue para a esplanada do largo do picadeiro

[20.05]
o público chega e começa a formar um semi-circulo quase até à extremidade do largo

quem passa pára para olhar. as pessoas andam mais devagar em toda a envolvente do largo

De modo geral o público mexe-se pouco

No final da descida há palmas

Todos saem passando no meio do largo

	figura 121	figura 118	figura 119	figura 120	figura 122
Área	1483 m ²	1454 m ²	1480 m ²	1303 m ²	1168 m ²
Perímetro	637 m	588 m	553 m	735 m	1033 m
Compacidade	0,046	0,053	0,061	0,030	0,014
Oclusão	474 m	424 m	395 m	606 m	901 m

tabela 23 quantificação do índices característicos das isovistas, "Voyage Imóvel"

Os conjuntos de isovistas que assinalam o percurso efectuado caracterizam-se por terem uma área elevada relativamente à totalidade da área do Largo (entre 1168 e 1483 m²). A primeira isovista apresentada (figura 121) corresponde a um ponto próximo do local por onde foi feito o acesso a este sistema espacial. A segunda isovista (figura 118) corresponde a um ponto na zona de acesso ao espaço do Largo. A terceira isovista apresentada (figura 119) corresponde a um ponto na zona onde o público permaneceu. A quarta e a quinta isovistas (figura 120 e figura 122) correspondem a pontos inscritos no percurso de saída do Largo, orientados para as escadas que dão acesso à Rua Paiva de Andrade, logo após a actuação. Pode constatar-se que o ponto onde a paragem do grupo (evidenciado pelo ponto de origem da isovista da figura 119) aconteceu se caracteriza por uma visibilidade privilegiada sobre a parede onde aconteceu a actuação e uma grande área de visibilidade sobre a quase totalidade do Largo. Esta isovista caracteriza-se também pelo mais reduzido valor de oclusão (395) e o segundo valor mais reduzido de perímetro (553) registados na figura 122, dados que evidenciam um campo visual pouco fragmentado e indicam que esta será uma zona privilegiada de acessibilidade visual do Largo. Pode assim concluir-se que a visibilidade associada ao ponto de concentração do público e dos actores intervenientes no espectáculo (ver e ser visto) se revela um critério determinante na eleição desse ponto.

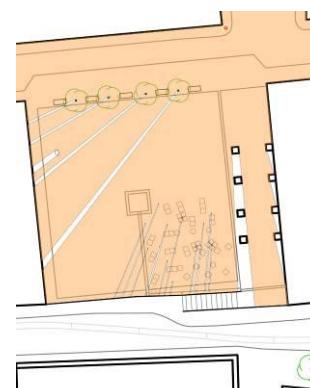


figura 121 isovista – Rua Capelo

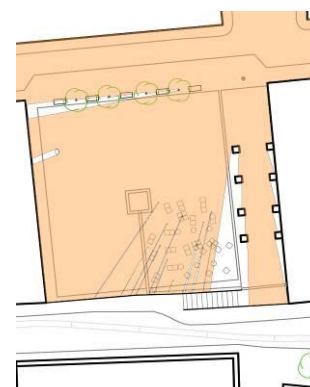


figura 118 isovista Largo de S. Carlos- Proximidade à Rua Capelo

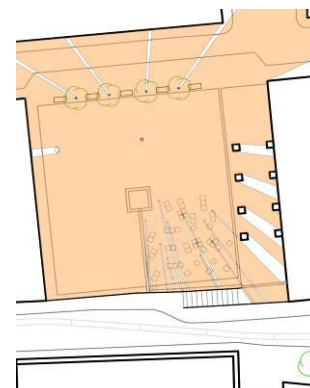


figura 119 isovista – Largo e S. Carlos – local de paragem do publico e dos actores

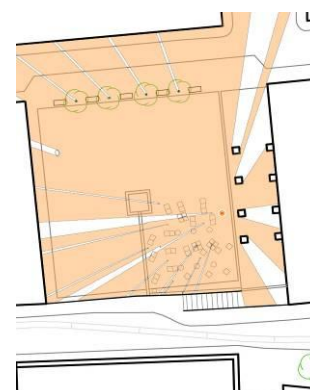


figura 120 isovista – Largo de S. Carlos – entre a esplanada e a arcada

As imagens de síntese das posições ocupadas pelos utilizadores permitem observar uma maior concentração no quadrante sudeste do largo. Esta pode justificar-se por esta ser a zona mais próxima do acesso ao Largo pela rua Capelo, como se verificou neste caso.

No entanto, as características de conectividade e integração parecem ter uma influência directa nas escolhas que actores e público fazem para a apropriação de espaços de permanência, uma vez que os seus percursos se orientam pela adopção de posições privilegiadas segundo estas propriedades. De todos os posicionamentos assumidos e registados, nota-se que a área onde o conjunto de indivíduos relacionados com o espectáculo se deteve mais tempo foi precisamente a zona mais integrada e com maior conectividade ao nível da acessibilidade física e visual (imagens 1,2,4 e 5 da tabela 14).

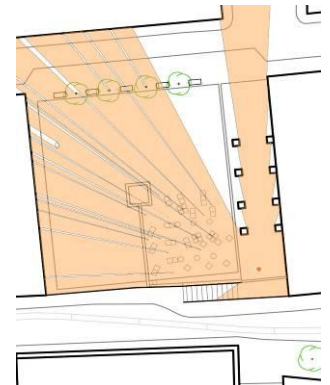


figura 122 isovista - Largo de S. - vértice sudoeste



figura 123 Ocupação – síntese, "Voyage Imóvel" 2009, 2 de Abril, 20h



figura 124 Ocupação – síntese (plano horizontal), "Voyage Imóvel", 2009, 2 de Abril, 20h

3.2.2.2 Chiado na Moda

O evento decorreu no Chiado no mês de Maio de 2009 e, entre outras actividades, trouxe, no dia 15, ao Largo de São Carlos uma passagem de modelos que deu a conhecer as colecções de algumas das marcas com loja no Chiado. Para a sua realização foi montada uma passarela na zona central do Largo, junto à arcada do Teatro. A arcada foi vedada e serviu de acesso aos modelos, que usaram as instalações do Teatro como camarim. Este evento introduziu grandes transformações naquele que se observou como o uso quotidiano do Largo. Houve uma alteração na disposição da esplanada do Teatro, que passou a estar arranjada de forma longitudinal ao longo da parede do varandim da Rua Paiva de Andrade. Para a assistência foram dispostas em volta da passarela cadeiras de plástico. Os elementos introduzidos provocaram algumas alterações nas condições de acessibilidade física e visual do Largo. Como é possível concluir através da observação dos mapas de conectividade e integração, as alterações mais significativas referem-se à acessibilidade física.

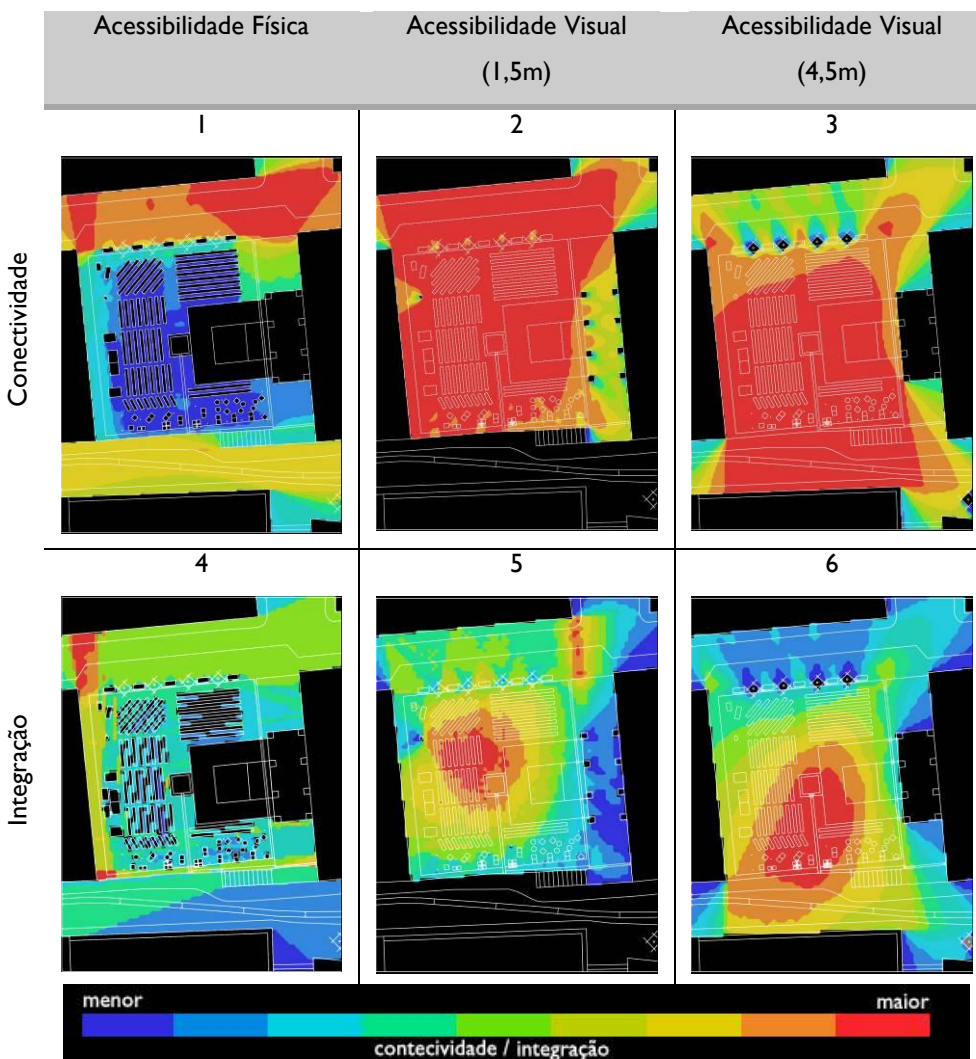


tabela 24 grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), “Chiado na Moda”



Acessibilidade Física	Conectividade	1	71	1782	3435	4896	6395
	Integração	4	2,8	4,0	5,5	6,3	7,3
Acessibilidade Visual (1,5m)	Conectividade	2	387	5533	9522	12851	16664
	Integração	5	10,4	54,1	106,6	142,4	182,7
Acessibilidade Visual (4,5m)	Conectividade	3	978	5023	10514	14730	19267
	Integração	6	10,0	26,2	48,1	64,3	82,8

tabela 25 valores de Conectividade e Integração, “Chiado na Moda”

Nas condições de acessibilidade física notam-se grandes diferenças relativamente às situações analisadas anteriormente devido à introdução de várias cadeiras que demarcaram a zona de permanência do público e de um palco para a realização do evento. Estes elementos condicionaram a liberdade de movimento no espaço e, por isso, tornaram-no menos atravessável, como se confirma no grafo de conectividade da acessibilidade física (0 m) representado na imagem 1 (tabela 24). A mancha azul apresenta uma área superior à observada anteriormente e atinge valores inferiores de conectividade (71). As zonas no limiar do espaço definido pelo Largo caracterizaram-se, assim, por uma conectividade e integração mais elevadas no presente quadro de referência, 6395 e 7,3, respectivamente (imagens 1 e 4 da tabela 24). Contudo, estes são valores inferiores aos máximos registados na situação quotidiana correspondente. Ao nível da permeabilidade visual as diferenças relativamente à situação quotidiana assumem pouca expressão. As diferenças mais relevantes ocorreram nas condições de visibilidade no Largo (1,5m) e correspondem à alteração da disposição da esplanada do restaurante do Teatro, que se apresentou junto ao muro que separa o Largo de S. Carlos da Rua Paiva de Andrade. A mancha de valores de conectividade mais elevados pôde assim estender-se por uma área superior à observada na situação quotidiana, na direcção do quadrante sudoeste do Largo. Os valores máximos apresentaram um ligeiro aumento (para conectividade de aproximadamente 16664 e integração aproximadamente de 182,7) relativamente à situação observada anteriormente. As condições de visibilidade a partir da Rua Paiva de Andrade (4,5m) não foram alteradas.

Devido ao atraso no início do desfile, quando este começou as cadeiras estavam ocupadas quase na sua totalidade. O evento não gerou movimentação do público no seu decurso. É possível vislumbrar através dos elementos vídeo cerca de 500 lugares sentados, não todos ocupados. Igualmente no vídeo, detecta-se uma aglomeração de pessoas na área sob as árvores do Largo, contudo as condições de reduzida iluminação não permitem contabilizá-las. Além das pessoas que o vídeo

pôde captar, foram observadas pessoas em varandas de edifícios com vista para o Largo e uma concentração elevada de indivíduos junto ao varandim da Rua Paiva de Andrade próximo do Largo de S. Carlos. O evento trouxe ao local um número de pessoas muito superior ao que foi verificado no período de noite do dia 27 de Março.

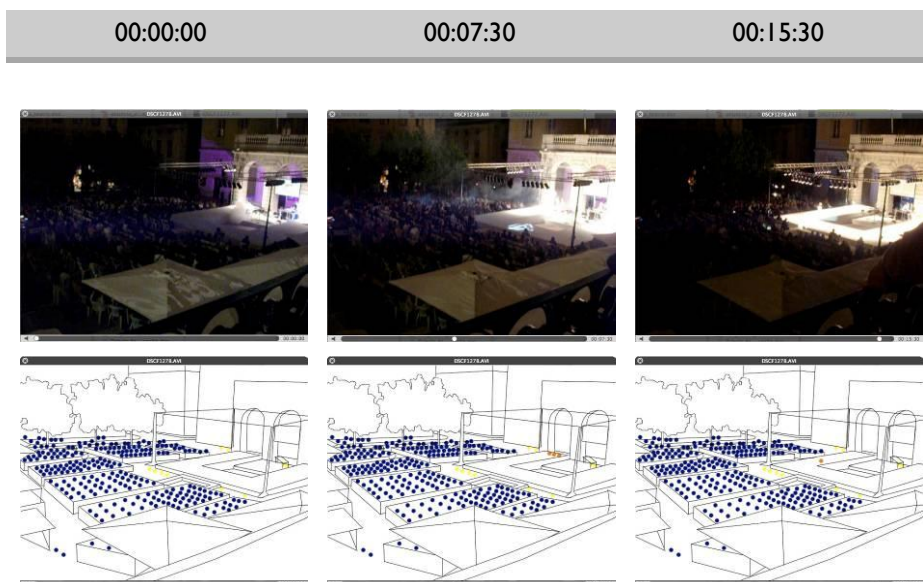


tabela 26 Largo de S. Carlos, Usos observados, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h

Os modelos usaram a passarela, materializada num estrado em forma de “U”, para exibirem a roupa das marcas que representaram. Os modelos movimentaram-se ao longo desta como meio de aumentarem as possibilidades de serem vistos por todo o público e de diferentes perspectivas e pontos de vista. A circulação sob a arcada foi interdita ao público, mas manteve-se a circulação pedonal nas ruas Paiva de Andrade e Serpa Pinto. Para atrair a atenção do público foram usados efeitos luminosos e música e foi reduzida a iluminação habitual no Largo e nas suas ruas adjacentes.

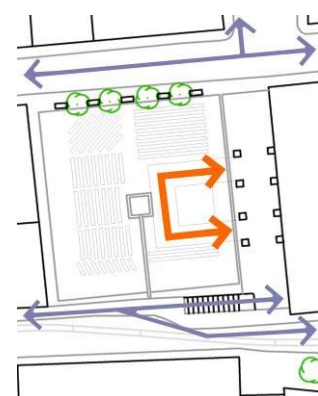
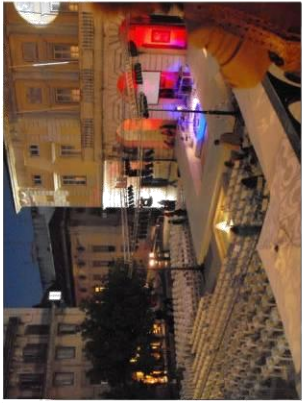


figura 125 Percursos característico, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h

Ficha de recolha de dados
15 Maio - 23h00m



Notas

Antes, algumas pessoas estão sentadas nas cadeiras. Outras esperam na varanda.

Muito trânsito. Carros ficam parados em fila.

Mesas da esplanada desviadas para junto da parede com a rua Paiva de Andrade

Algum movimento no corredor junto ao edifício onde nasceu Fernando Pessoa.

23.00

Muda a luz e a música. Começa o desfile.

Presença da polícia

Gardénia – 1ª marca

Pessoas em grupos

Fotógrafos na primeira fila

Pessoas jovens. +- até aos 30 anos.

Já não há jovens à porta do restaurante /bar da Rua Paiva de Andrade

Palmas para as crianças

Arcada do teatro vedada

	figura 126	figura 127	figura 128
Área	1721 m ²	1493 m ²	1491 m ²
Compacticidade	0,223	0,094	0,109
Oclusão	137 m	290 m	256 m
Perímetro	312 m	446 m	415 m

tabela 27 quantificação do índices característicos das isovistas, “Chiado na Moda”

A primeira e segunda isovistas representadas retratam respectivamente os campos visuais a partir de um ponto da Rua Paiva de Andrade junto ao varandim próximo do Largo (figura 126), e um lugar no público, correspondente à plateia sentada (figura 127). A terceira isovistas define o campo visual a partir de um ponto na passarela (figura 128). Todas as isovistas apresentam áreas elevadas (entre 1491 e 1721 m²) relativamente à área total do Largo e reduzidos valores de oclusão (entre 137 e 290 m) e perímetro (entre 312 e 446 m) relativamente aos que caracterizam as isovistas associadas à situação de uso quotidiano. Conclui-se que a realização deste evento, para aumentar a intervisibilidade do público-desfile, operou transformações no espaço que conseguiram diminuir a fragmentação dos campos visuais permitidos a partir da passarela e lugares do público e, assim, favorecer a condições de visibilidade oferecidas.

Foram observados utilizadores que se deslocaram ao local propositadamente para assistir a esta passagem de modelos, outros que foram surpreendidos pelo desfile e optaram por permanecer a observá-lo e outros ainda que apenas permaneceram a observá-lo por breves instantes. Houve, alguns utilizadores que se movimentaram nas ruas adjacentes ao Largo e cuja circulação não aparentou ter sido condicionada por este acontecimento. Foram também observadas pessoas relacionadas com o evento que se dirigiram ao público que se foi acumulando junto ao varandim da Rua Paiva de Andrade para as convidar a sentarem-se nas cadeiras dispostas no Largo.

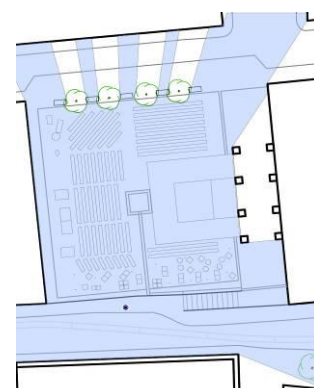


figura 126 isovista Rua Serpa Pinto – público

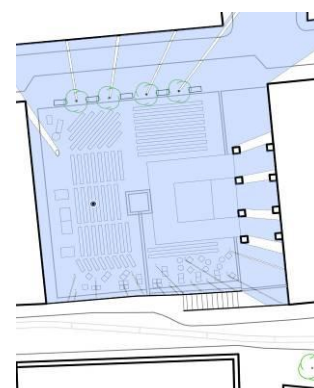


figura 127 isovista – Largo de S. Carlos – público

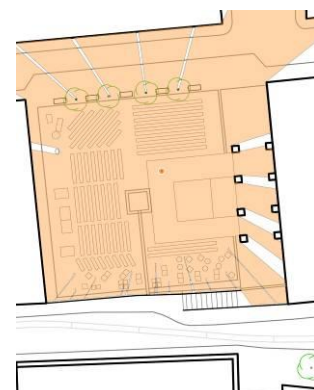


figura 128 isovista Largo de S. Carlos - passarela

Como se pode observar, este caracterizou-se por ser um evento estático, em que muitos dos utilizadores permaneceram no mesmo local durante todo o período de registo.

A presença dos elementos de apoio ao espectáculo tornou a área central do Largo menos conectada e integrada nos mapas de acessibilidade física (imagens 1 e 4 da tabela 24). Estas características favoreceram, como é possível comprovar através da observação dos registos recolhidos, a fixação de indivíduos que pouco se movimentaram durante o período observado. As condições de visibilidade, tanto no Largo de S. Carlos como na Rua Paiva de Andrade, não sofreram alterações. As ruas adjacentes ao Largo assumiram-se assim, relativamente a este, como zonas de maior conectividade e integração, factos que favoreceram a movimentação pedonal, tal como foi observado.

As duas primeiras isovistas (figura 126 e figura 127) apresentam áreas bastante elevadas e permitem total visibilidade para a passarela. A terceira (figura 128) demonstra que os modelos por terem visibilidade para uma área alargada do Largo estão, reciprocamente, visíveis de toda a área que esta isovista abarca. Esta possibilidade permite a exposição dos modelos de forma eficaz e terá sido determinante na eleição da área de colocação e da forma da passarela.

A organização do evento optou assim por tirar partido da zona central do largo como zona de maior conectividade e integração visual como forma de maximizar a área de intervisibilidade possível relativamente à passarela.

3.2.2.3 Festival ao Largo

O Evento “Festival ao Largo” decorreu entre os dias 26 de Junho e 20 de Julho e trouxe ao Largo de S. Carlos diversos espectáculos de música, dança e teatro. Foram registados para análise os espectáculos dos dias 27 de Junho e 9 de Julho, de música e dança respectivamente. Os registos destes dois espectáculos do “Festival ao Largo” apresentaram grandes semelhanças, foram por isso analisados em conjunto, sendo referidas as distinções relevantes.

Estes espectáculos tiveram a afluência de público mais elevada de todos os que foram analisados. Para o sucesso na atracção de público terão provavelmente contribuído o grande esforço de divulgação por parte da organização, o facto de o evento se ter realizado no verão, com algumas pessoas de férias e com temperaturas mais convidativas à vida no exterior, e a grande extensão no tempo do evento, que permitiu o poderoso fenómeno “passa-palavra” entre habitantes e visitantes da cidade. A organização do evento previu antecipadamente a presença de aproximadamente 1000 pessoas por noite. A grande afluência de público ao

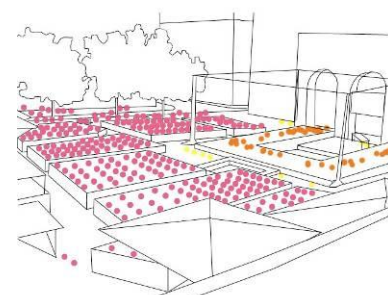


figura 129 Ocupação – síntese, “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23 h



figura 130 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Chiado na Moda”, 2009, 15 de Maio, 23h

evento e a reduzida definição da câmara utilizada dificultaram a contagem dos indivíduos no espaço captado pela câmara. Contudo é possível, olhando comparativamente os registos obtidos durante a realização deste evento e aqueles que foram obtidos durante o evento “Chiado na Moda”, sugerir que este número avançado pela organização tenha sido largamente ultrapassado.

À semelhança do que aconteceu para a realização do evento “Chiado na Moda”, o evento “Festival ao Largo” exigiu a instalação de estruturas adicionais. Este evento obrigou à instalação de um palco (aproximadamente na mesma zona onde esteve situada a passarela para o desfile de moda em Maio) e cadeiras para acomodar os espectadores, que foram posicionadas no Largo segundo um padrão semelhante ao do evento anterior.

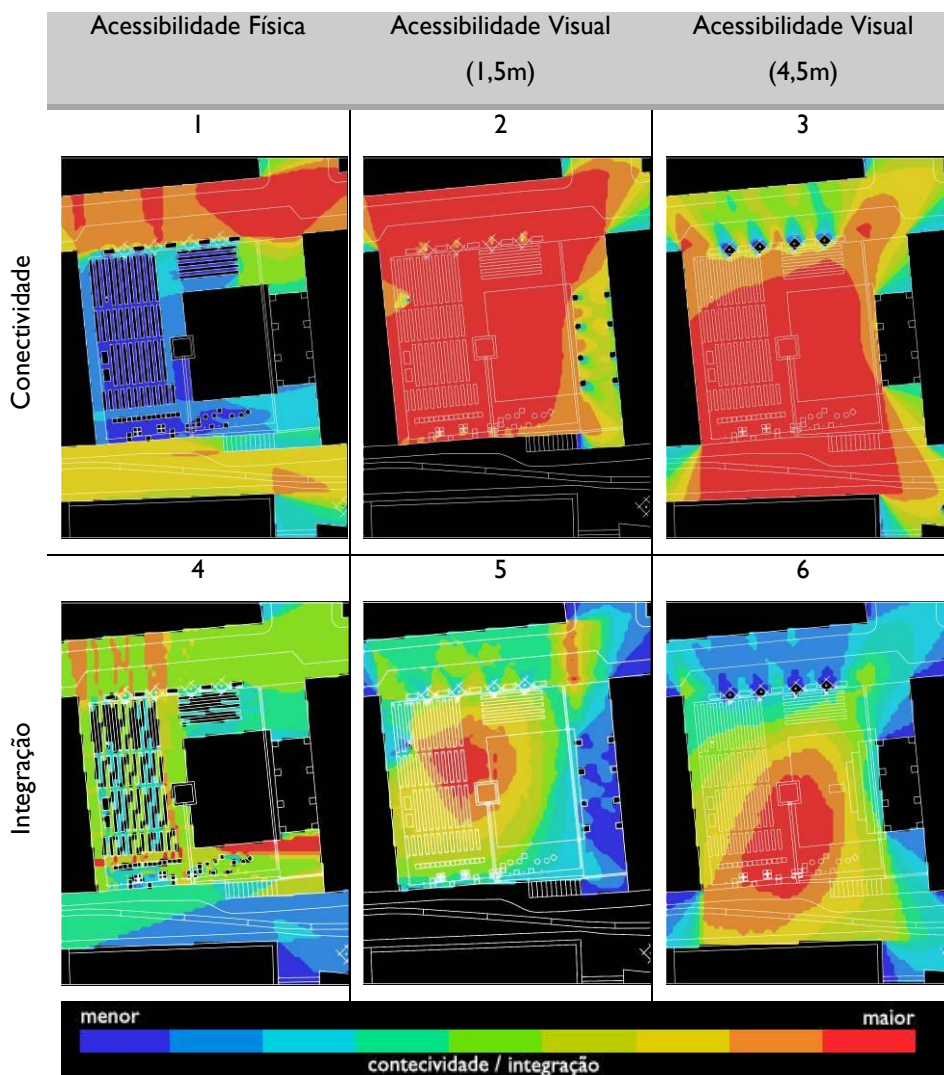


tabela 28 grafos de acessibilidade física e visual (Conectividade e Integração), “Festival ao Largo”



Acessibilidade Física	Conectividade	1	50	1485	3493	4675	6264
	Integração	4	2,5	3,5	4,6	5,4	6,5
Acessibilidade Visual (1,5m)	Conectividade	2	387	5262	9355	12507	16721
	Integração	5	9,1	52,3	112,6	146,4	190,1
Acessibilidade Visual (4,5m)	Conectividade	3	978	5023	10514	14730	19267
	Integração	6	10,1	26,3	48,1	64,3	82,8

tabela 29 valores de Conectividade e Integração, “Festival ao Largo”

Verificaram-se transformações nas condições de acessibilidade física e visual do Largo semelhantes às provocadas pelo evento anterior. Ao nível da acessibilidade física a principal diferença resultou do aumento do número de cadeiras, responsável pelo maior constrangimento à acessibilidade e consequente aumento da área azul na imagem 1 da tabela 28. O corredor de circulação gerado junto ao limite norte do Largo viu a sua área diminuída e consequentemente, tornou-se uma zona menos integrada (imagem 4 da tabela 28) relativamente às suas características no evento anterior. Esta alteração nas condições de acessibilidade física ficou também expressa nos valores apresentados para esta categoria na tabela 29, inferiores aos correspondentes na tabela 25, representativa do evento anterior. Na mesma imagem 4 da tabela 28, quando comparada com a imagem 4 da tabela 24, é possível verificar que a área da parte norte do troço da Rua Serpa Pinto que faz fronteira com o Largo de S. Carlos aumentou a sua integração em termos relativos. Contudo, este aumento não teve uma correspondência análoga em termos absolutos mantendo-se os valores da referida área (integração de aproximadamente 5,5). A acessibilidade visual no Largo manteve-se quase inalterada, sendo apenas observável na imagem 2 da tabela x uma ligeira expansão da mancha de valores de conectividade mais elevados na direcção sudoeste. No correspondente grafo de integração (imagem 5 da tabela 28) as alterações detectadas relativamente às verificadas na análise do evento Chiado na Moda são quase inexistentes (como se pode comprovar na visualização conjunta das imagens 5 da tabela 24 e da tabela 28). As duas configurações são muito semelhantes e a repetição do uso deste modelo permite confirmar a satisfação das necessidades de visibilidade aqui patentes. As condições de visibilidade ao nível da Rua Paiva de Andrade mantiveram-se inalteradas relativamente à situação quotidiana e aos eventos anteriores.

Em ambas as visitas realizadas no decorrer deste evento, o Largo apresentou todos os seus lugares sentados ocupados antes do início do espectáculo. Além das pessoas que ocuparam as cadeiras dispostas no largo, notou-se uma grande concentração de público em pé ou sentado no chão sob as árvores que separam o Largo de S. Carlos da Rua Serpa Pinto, junto às escadas do largo e junto ao varandim da Rua Paiva de Andrade sobre o Largo.

Verificou-se um aumento gradual do público e pouca movimentação do mesmo durante o espectáculo. A circulação pedonal manteve-se nas Ruas Serpa Pinto e Paiva de Andrade e a circulação automóvel foi apenas interrompida num troço da primeira.

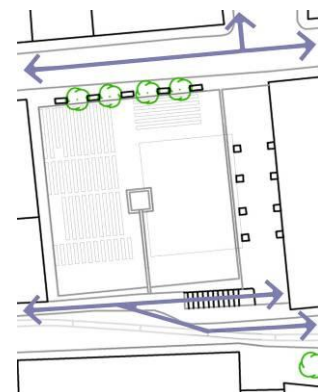


figura 131 Percursos característico, “Festival ao Largo”, 2009, Junho/Julho, 22h

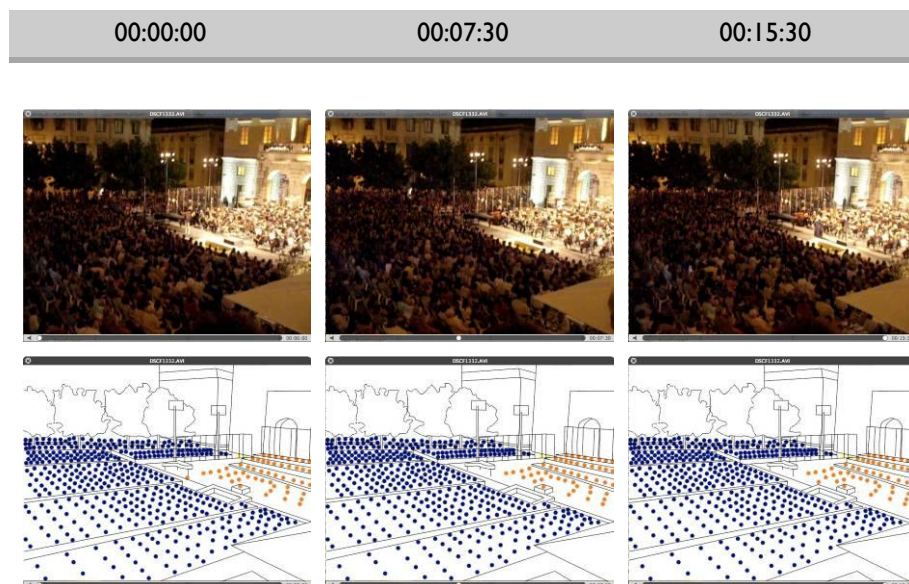


tabela 30 Largo de S. Carlos, Usos observados, “Festival ao Largo” – Noite Branca, 2009, 27 de Junho, 22h

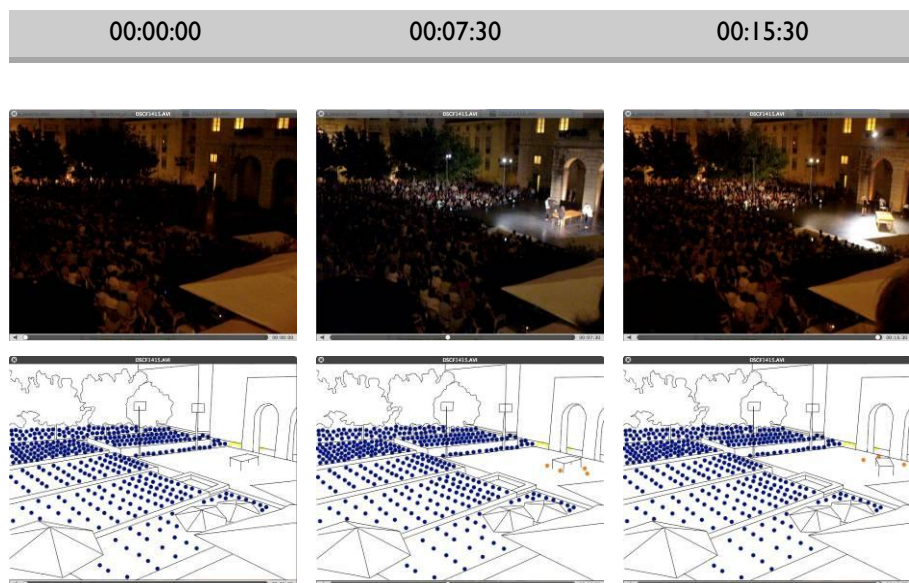


tabela 31 Largo de S. Carlos, Usos observados, “Festival ao Largo” – Noite de Bailado, 2009, 9 de Julho, 22h

Ficha de recolha de dados

27 Junho - 22h



Notas os músicos já tocavam antes da hora.

Muita gente já sentada antes Senhor diz estar à espera há duas horas

Muitas pessoas a chegar do largo do chiado.

Pessoas concentram-se mais na parte superior do largo (música russa) pessoas nas varandas do escritório de advogados

pessoas que vêm propositadamente e outras que não sabiam o que estava a acontecer.

Algumas pessoas dirigem-se à esplanada do S. Luiz

Ocupam o passeio da Paiva de Andrade.

Outras pessoas movimentam-se na rua fora do passeio. Cantora lírica

Pessoas invadem a rua de Serpa Pinto

Pessoas jantam nas mesas da esplanada durante o espetáculo

Ficha de recolha de dados
9 Julho - 22h



Notas
22.05

Muitas pessoas esperam o espectáculo antes do início

Não há nenhuma protecção entre o público e o palco
Pessoas na varanda do escritório de advogados

11º Espectáculo

Pessoas jantam na esplanada do S. Luiz

Muitas pessoas a deslocam-se na estrada
Muita gente vem do largo do Chiado

Pessoas jantam no largo de S. Carlos durante o espectáculo
Pessoas vão-se acumulando na rua de Serpa Pinto e na varanda da Rua Paiva de Andrade.

A maior parte das pessoas que chegam ao largo permanecem a ver o espectáculo
Pessoas comentam o sucesso da iniciativa

Acumula-se uma bolsa maior de gente junto às árvores que ficam mais perto do palco
Algumas pessoas nos bares da Rua Paiva de Andrade

	figura 132	figura 133	figura 134
Área	1721 m ²	1498 m ²	1461 m ²
Perímetro	312 m	378 m	374 m
Compacticidade	0,223	0,132	0,131
Oclusão	137 m	218 m	224 m

A primeira e a segunda isovistas (figura 132 e figura 133) representam, respectivamente, pontos de vista a partir da Rua Paiva de Andrade e de lugares do público no Largo. A figura 134 representa uma isovista com o seu ponto de origem no centro do palco. Os resultados e demais propriedades são semelhantes aos obtidos para o evento Chiado na Moda ao nível da área das isovistas e campos visuais. As isovistas apresentam áreas ente 1461 e 1721 m² com valores de oclusão entre 137 e 224 m e perímetro entre 312 e 378 m. As conclusões coincidem com as conclusões relativas à análise das isovistas do anterior evento e são válidas para os dois espectáculos analisados (música e dança). Essencialmente, a redução do valor máximo de oclusão relativamente ao evento “Chiado na Moda” confirma a intenção, já verificada nesse evento e mais expressiva no “Festival ao Largo”, de minorar a fragmentação do campo visual alcançado a partir do palco e do público.

Durante o concerto do dia 27 de Junho os músicos permaneceram no mesmo lugar durante todo o concerto. O espectáculo de dança, pela sua própria natureza, caracterizou-se pela movimentação dos seus intervenientes. Relativamente ao público, as principais diferenças encontradas foram a maior proximidade ao palco na noite de dança proporcionada pela ausência da superfície de protecção sonora, montada no limiar do palco durante o espectáculo de música, e a interrupção da circulação pedonal sob a arcada no teatro no dia do espectáculo de dança, o que não aconteceu do dia do concerto de música.

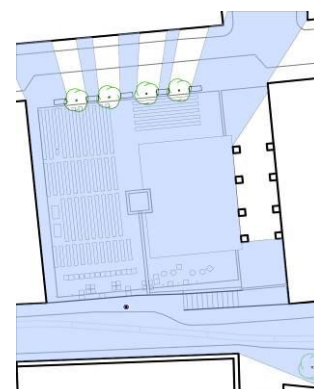


figura 132 isovista – Rua Serpa Pinto – público

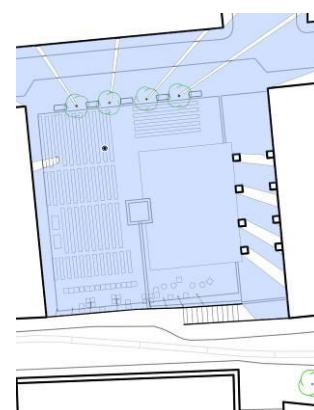


figura 133 isovista – Largo de S. Carlos – público



figura 134 isovista – Largo de S. Carlos - palco

As transformações espaciais ocorridas no Largo para a realização deste evento foram semelhantes às que se verificaram para a realização do evento “Chiado na Moda”, anteriormente analisado. As isovistas analisadas apresentaram, conseqüentemente, características semelhantes. Da mesma forma, as condições de conectividade e integração visual também se apresentaram semelhantes. O palco implantou-se numa zona privilegiada segundo estes critérios. A zona do Largo preenchida por cadeiras e destinada ao público revelou pouca conectividade ao nível da acessibilidade física, passando, assim, as zonas das ruas adjacentes a serem as mais favoráveis à circulação pedonal, conforme ficou comprovado durante as observações em campo.

A adoção para este evento de uma configuração espacial semelhante à do evento Chiado na Moda confirma a satisfação com o modelo anteriormente usado e a sua eficácia na apresentação do espectáculo programado.

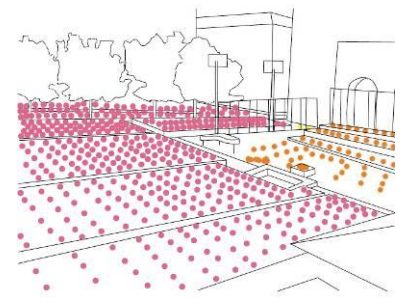


figura 135 Ocupação – síntese, “Festival ao Largo” – Noite Branca 2009, 27 de Junho, 22h



figura 136 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Festival ao Largo” – Noite Branca, 2009, 27 de Junho, 22h

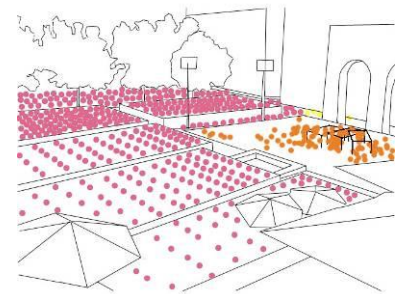


figura 138 Ocupação – síntese, “Festival ao Largo” - Noite de Bailado, 2009, 9 de Julho, 22h

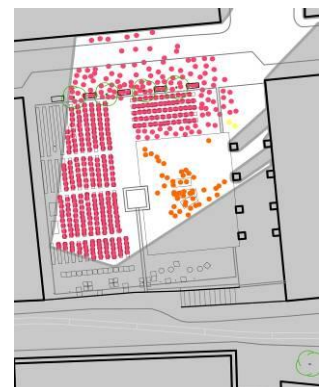


figura 137 Ocupação – síntese (plano horizontal), “Festival ao Largo” – Noite de Bailado, 2009, 27 de Junho, 22h

3.3 Síntese: padrões de usos, apropriações, ocupação e circulação no Largo de S. Carlos

A análise desenvolvida permite concluir que o espaço do Largo de S. Carlos é, no seu quotidiano, predominantemente usado como espaço de atravessamento. Identificaram-se como percursos dominantes característicos desta situação a circulação nas Ruas Paiva de Andrade e Serpa Pinto e o acesso entre estas recorrendo ao atravessamento do Largo utilizando as suas escadas e a zona sob a arcada do Teatro Nacional de S. Carlos.

Por oposição, a utilização para permanência marcou as situações em que o Largo de S. Carlos foi usado para a realização de eventos culturais. Com excepção do evento “*Voyage Imóvel*”, todos os eventos observados recorreram ao uso de estruturas adicionais para a sua realização. O recurso a estruturas de apoio foi verificado nos eventos analisados, mas também nos outros eventos observados — Ópera ao Largo, Postal de Natal Cantado e Festival dos Oceanos — embora, estes não tenham sido alvo dos procedimentos metodológicos desenvolvidos. A metodologia de análise espaço-funcional aplicada permitiu concluir que as transformações que decorrem da introdução de estruturas adicionais influenciam sobretudo as condições de acessibilidade física e pouca expressão têm no condicionamento da acessibilidade visual a 1,5m e 4,5m. Nos eventos analisados verifica-se, também, que a área destinada à colocação de estruturas para a actuação dos intervenientes no espectáculo foi sempre a área próxima da fachada do Teatro e que ao público esteve reservada a área do Largo que apresenta valores de cota superiores (parte norte). A observação dos grafos de acessibilidade visual (a 1,5m e 4,5m) revela que estas duas áreas apresentam características idênticas relativamente às condições de conectividade e integração (valores elevados). A tendência aqui descrita para a preferência pela área mais próxima da fachada do Teatro deverá estar associada às suas características de elevado controlo e integração expressas nos grafos justificados representados na figura 96 e na figura 97 e ao declive que caracteriza o Largo e que gera uma estrutura semelhante à de anfiteatro.

Em todas as situações observadas, e ainda que tenham sido identificados padrões de uso dominantes, ficou evidente uma grande diversidade de usos. O uso quotidiano registou a ocorrência de diversas situações de permanência, tais como a utilização dos bancos do Largo e da esplanada do teatro. Reciprocamente, a realização dos eventos observados permitiu a circulação nas Ruas Paiva de Andrade e Serpa Pinto e condicionou, frequentemente sem inviabilizar, a utilização do espaço do Largo de S. Carlos para atravessamento e acesso entre as duas Ruas.

A coexistência de diversos usos e apropriações permite concluir que o Largo de S. Carlos se caracteriza por uma grande flexibilidade neste domínio. A configuração espacial do Largo encontra reunidas condições extrínsecas e intrínsecas, que viabilizam as iniciativas promotoras de eventos culturais. As condições extrínsecas referem-se à articulação do Largo com a malha urbana do Chiado — a verificação repetida de alguns trajectos evidencia a capacidade polarizadora do Largo sobre os fluxos pedonais e, nesse sentido, traduz a facilidade de catalisar grupos de potenciais utilizadores-espectadores. No que concerne às condições intrínsecas, destaca-se elevada acessibilidade visual que caracteriza o Largo — campos visuais extensos e contínuos que asseguram relações de intervisibilidade entre vários pontos espaciais do Largo — essencial à realização de eventos culturais. Estas condições de acessibilidade visual privilegiadas são potenciadas pela existência de desníveis internos — subtil inclinação do Largo (sem comprometer a acessibilidade física do espaço relativamente ao lado Sul) e externos — o varandim da Rua Paiva de Andrade (que amplia os campos visuais sobre o Largo). Assim, as condições visuais, extremamente favoráveis, verificam-se dentro do Largo, mas, também, dos espaços limítrofes no sentido do Largo, factor relevante para a captação e fixação de utilizadores durante a realização de eventos culturais.

IV. Conclusões

O processo metodológico desenvolvido permitiu analisar a capacidade do sistema espacial conformado pelo Largo de S. Carlos, em Lisboa, para acolher a realização de eventos culturais. A diversidade de iniciativas de âmbito cultural registadas demonstra a sua aptidão para este uso.

A história do Teatro de S. Carlos está tradicionalmente associada à dinamização da vida cultural de Lisboa. Os desafios colocados actualmente às economias das cidades e o crescimento do sector turismo a par dos problemas levantados pelo aumento das áreas urbanas e desertificação dos seus centros, motivam e sustentam a criação de estratégias para a sua revitalização. As intervenções urbanas realizadas na zona do Chiado em Lisboa, como a que ocorreu no ano 2000, têm-na dotado progressivamente de condições que favorecem o surgimento de iniciativas capazes de responder às expectativas dos seus visitantes.

No Largo de S. Carlos ocorreram, durante o período de elaboração desta dissertação, eventos culturais diversos. Entre estes contam-se espectáculos circenses, de música, dança, ópera, teatro e desfiles de moda que ofereceram ao público experiências inovadoras de contacto com a cultura e se caracterizaram por diversos modos de apropriação espacial.

Verificou-se que a realização dos eventos observados esteve frequentemente associada à introdução de estruturas de apoio. O parâmetro de análise que apresenta menores alterações em todas as situações observadas é a visibilidade. Pode, por isso, concluir-se que as condições de visibilidade próprias do Largo de S. Carlos, pela sua elevada conectividade e integração, na sua situação quotidiana viabilizam por si só a realização deste tipo de eventos. Constituem, assim, um factor determinante na eleição deste espaço para estes fins, uma vez que permitem reduzir a quantidade de elementos adicionais de apoio à realização de eventos culturais em que a relação de visibilidade entre o público e os agentes dinamizadores do evento seja necessária para o seu sucesso.

A metodologia desenvolvida permitiu registar usos e apropriações que caracterizam a vivência urbana do Largo de S. Carlos e estabelecer relações de causalidade entre estas e as características espaço-funcionais do Largo. A informação analisada foi conseguida com recurso a diversas técnicas que se revelaram necessárias e complementares para que fosse alcançada uma maior abrangência no estudo dos factores influentes nas condições de utilização do largo.

A metodologia aplicada ao caso de estudo desta dissertação ficou marcada pelo registo dos usos do Largo nos formatos vídeo e gráfico (com anotações complementares) de várias situações de vivência em diferentes períodos do ano e horas do dia. Esta abordagem mostrou-se assim eficaz na identificação de padrões comportamentais decorrentes das características espaciais do sistema em análise e aplicável ao estudo de outros espaços públicos com valências equivalentes ao Largo de S. Carlos.

No entanto, a metodologia, embora apresente vantagens notórias, particularmente no que concerne à economia de meios e à facilidade de tratamento dos dados, é pautada por limitações de vária natureza que condicionam a sua aplicabilidade a outros contextos urbanos.

O Largo de S. Carlos apresenta condições muito favoráveis à observação — o varandim da Rua Paiva de Andrade revelou-se uma plataforma privilegiada, e disponível, para a captação de imagens. Caso contrário, teria sido necessário procurar nos edifícios contíguos ao Largo um ponto de observação alternativo. A captação de imagens vídeo tendo como objectivo a produção de esquemas-síntese passíveis de traduzir as trajectórias espaciais dos utilizadores exige que a aquisição dos dados se processe a partir de um ponto de vista superior à cota do espaço de observação. No caso da sua inexistência, a procura desse ponto de captação nas coberturas dos edifícios ou nas janelas e varandas das habitações criará dificuldades de vária ordem à aquisição de imagens: a) legais — obtenção das autorizações necessárias; b) temporais — condicionamentos da acessibilidade segundo horários nem sempre adequados à observação dos eventos; e c) de segurança — sobretudo no caso de acesso a coberturas. Este pode ser um constrangimento impeditivo, em casos extremos, à aplicação da metodologia. No entanto, sublinhe-se que um ponto de cota mais elevada, assegurando em permanência, ou quase, garantia que a aquisição de imagens não seria perturbada por espectadores que tapam a câmara na expectativa de conseguir um melhor ponto de vista ou que ocupam o melhor lugar para a captação das imagens — problemas que ocorreram durante o desenvolvimento do trabalho.

Outro tipo de constrangimentos, de natureza técnica, respeita ao armazenamento dos dados e ao tipo de baterias utilizadas. O recurso a cartões SD (ou equivalentes) para gravação dos registos vídeo, de acordo com a duração do evento e qualidade de imagem pretendida, pode influenciar a necessidade de mudança do cartão durante a fase de aquisição de dados. Essas interrupções cortam, necessariamente, a continuidade do registo, podendo comprometer, ou não, a sua leitura posterior. Baixar a qualidade de gravação das imagens pode, na fase de tratamento de dados, dificultar a interpretação dos registos. A utilização de

baterias pode também acarretar problemas idênticos — apesar da facilidade em proceder à sua substituição, é inevitável a interrupção da gravação dos registos.

Em aplicações futuras dos métodos e técnicas aqui explorados será necessário considerar as possibilidades de majorar a amplitude do campo visual alcançado nos registos vídeo, utilizando lentes apropriadas (grande angular, por exemplo), e aumentar significativamente o número períodos de registo a efectuar. O recurso a lentes grande angular corresponderia a um aumento dos custos associados à metodologias, mas tal seria compensado pelo facto do enquadramento do espaço a observar ser muito mais abrangente (mais informação recolhida). O aumento do número de registos permitira documentar mais pormenorizadamente no tempo a evolução das dinâmicas de uso sob observação. Outra possibilidade de expansão da metodologia seria decorrente da simultaneidade de vários pontos de captação de imagens, justificável para o caso da observação e registo de eventos mais complexos (maior número de utilizadores e maior diversidade das dinâmicas de interacção associadas ao evento) com os consequentes aumentos de custo (mais operadores em campo, mais máquinas, maior complexidade no planeamento do trabalho de campo).

Esta dissertação desenvolveu uma abordagem metodológica para o estudo e análise dos usos e apropriações de espaços públicos em meio urbano para a realização de eventos culturais. Pode, por isso, ser aplicado ao estudo de outros espaços com características semelhantes e contribuir para a melhoria e redefinição das suas propriedades configuracionais com vista a uma melhor adequação às exigências deste tipo de eventos. Pode, ainda, constituir um contributo para o planeamento urbano no que concerne ao projecto de espaços exteriores de permanência, em particular, e melhoria da qualidade de vida das cidades, em geral.

Bibliografia

Lamas, A.; Heitor, T.; Brito Henriques, E. (2004) *Requalificação e Revitalização de Centros Históricos*, Lisboa: ICIST

Brito Henriques, E. (2006) “O Centro Histórico de Dublin (Irlanda) e a Experiência de Reabilitação de Temple Bar”, *Finisterra*, L, 80, 2006 pp. 47-62

Lima dos Santos, M. L. (2005) *As Políticas Culturais Urbanas*, Lisboa, disponível em: http://www.alcultur.org/imagens/anos_anteriores/2005_pdf/Maria%20de%20Lourdes%20Lima%20dos%20Santos.pdf [16-02-2009]

Pereiro, X. (2007) *Tema 10: Turismo Cultural em Espaço Urbano*, disponível em: <http://www.miranda.utad.pt/~xerardo/TURISMO%20CULTURAL/> [27-07-2009]

Chou, J. W. T. e Andrade, J. R. L. (s.d.) *Intervenção Urbana e Património cultural*, disponível em: <http://www.obsturpr.ufpr.br/artigos/planurb12.pdf> [05-09-2009]

Ferreira, Claudino (2004) *Grandes eventos e revitalização cultural das cidades, territórios do turismo*, Porto, 2004, 2

Boswijk, A., Thijssen, J.P.T. and Peelen, E. (2005) *A New Perspective on the Experience Economy: Meaningful Experiences*. Amsterdam: Pearson Education

Romero Magalhães, J. , Garcia, J., Flores J. (1997) *Cartografia de Lisboa. Séculos XVII a XX*, Lisboa: CNCDP

Moreau, M. (1999) *O Teatro de S. Carlos: dois séculos de história*, Lisboa: Hugin Editores

Cruz, M. I. (1992) *O Teatro Nacional de S. Carlos*, Porto: Lello & irmãos – Editores

Carvalho, Ayres (1979) *Os três arquitectos da Ajuda. Do «Rocaille» ao Neoclássico*. Lisboa: Silvas – C. T. G.

Santana, Francisco, dir; Sucena, Eduardo, dir (1994) *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados,

Moita, Irisalva (1994) *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte

Moita, Irisalva (1990) *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa

Fonseca Benevides, Francisco (1883) *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*. Lisboa: typographia Castro Irmão

Henriques da Silva, Raquel (2004) “A Arquitectura da Baixa Pombalina: Cem anos de História” in: Mascarenhas Mateus, João, *A Baixa Pombalina e a sua importância para o património mundial : jornadas*, Lisboa: Câmara Municipal, Licenciamento Urbanístico e Reabilitação Urbana, p.52

Pessoa, F. (2007) *Lisboa: O que o turista deve ver*, Lisboa: Livros Horizonte p.67

Brandão, P.; Carrelo, M.; Águas, S. (2002) *O Chão da Cidade, Guia de Avaliação do Espaço Público*, Lisboa: Centro Português de Design

CM-LISBOA — Toponímia de Lisboa, disponível em: http://toponimia.cm-lisboa.pt/pls/htmldb/f?p=106:1:4273832420444316::NO::PI_TOP_ID:544:#ancora [15-05-2009]

TNSC – Teatro Nacional de São Carlos, disponível em: <http://www.saocarlos.pt/> [15-01-2009]

CM-LISBOA – Município de Lisboa, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=41145> [18-12-2008]

CM-LISBOA – Município de Lisboa, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=41145> [18-12-2008]

JN – Jornal de notícias, disponível em: http://jn.sapo.pt/multimedia/video.aspx?content_id=1060579 [28-04-2009]

RTP – Ideias Amigas de Natal, disponível em: <http://www.rtp.pt/wportal/sites/tv/ideiasamigasnatal/ideia5.php> [28-04-2009]

AGENDA CULTURAL – Ar Livre/ Animação de Rua, disponível em: http://www.agendalx.pt/cgi-bin/iportal_agendalx/A0001568.html?area=Ar%20Livre&tabela=arlivre&genero=&datas=&dia=&mes=&ano=&numero_resultados= [28-04-2009]

CHAPITÔ – Voyage Imóvel - Exercício-Espectáculo 2º ano Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo do Chapiro, disponível em: <http://chapito.org/?s=events&v=view&e=15> [20-07-2009]

CHIADO NA MODA – 2ª edição 2009 disponível em: <http://www.chiadonamoda.com/> [14-04-2009]

CM-LISBOA – Município de Lisboa, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=136&idi=42330> [16-05-2009]

AGENDA CULTURAL – Festivais, disponível em: http://www.agendalx.pt/cgi-bin/iportal_agendalx/V0002263.html?area=Festivais&tabela=festivais&genero=&datas=&dia=&mes=&ano=&numero_resultados= [05-05-2009]

FESTIVAL AO LARGO – Largo de S. Carlos, disponível em: <http://www.festivalaolargo.com/> [21-07-2009]

g, disponível em: <http://www.saocarlos.pt/> [18-06-2009]

Brandão Alves, F. (2003) *Avaliação da qualidade do espaço público urbano*. Proposta metodológica, Coimbra: FCG FCT

Whyte, W. (2001) *The Social Life of Small Urban Spaces*, New York: Project for Public Spaces

Benedikt, M. L. (1979) “To take hold of space: isovists and isovist fields” *Environment and Planning B*, volume 6, pp. 47-65

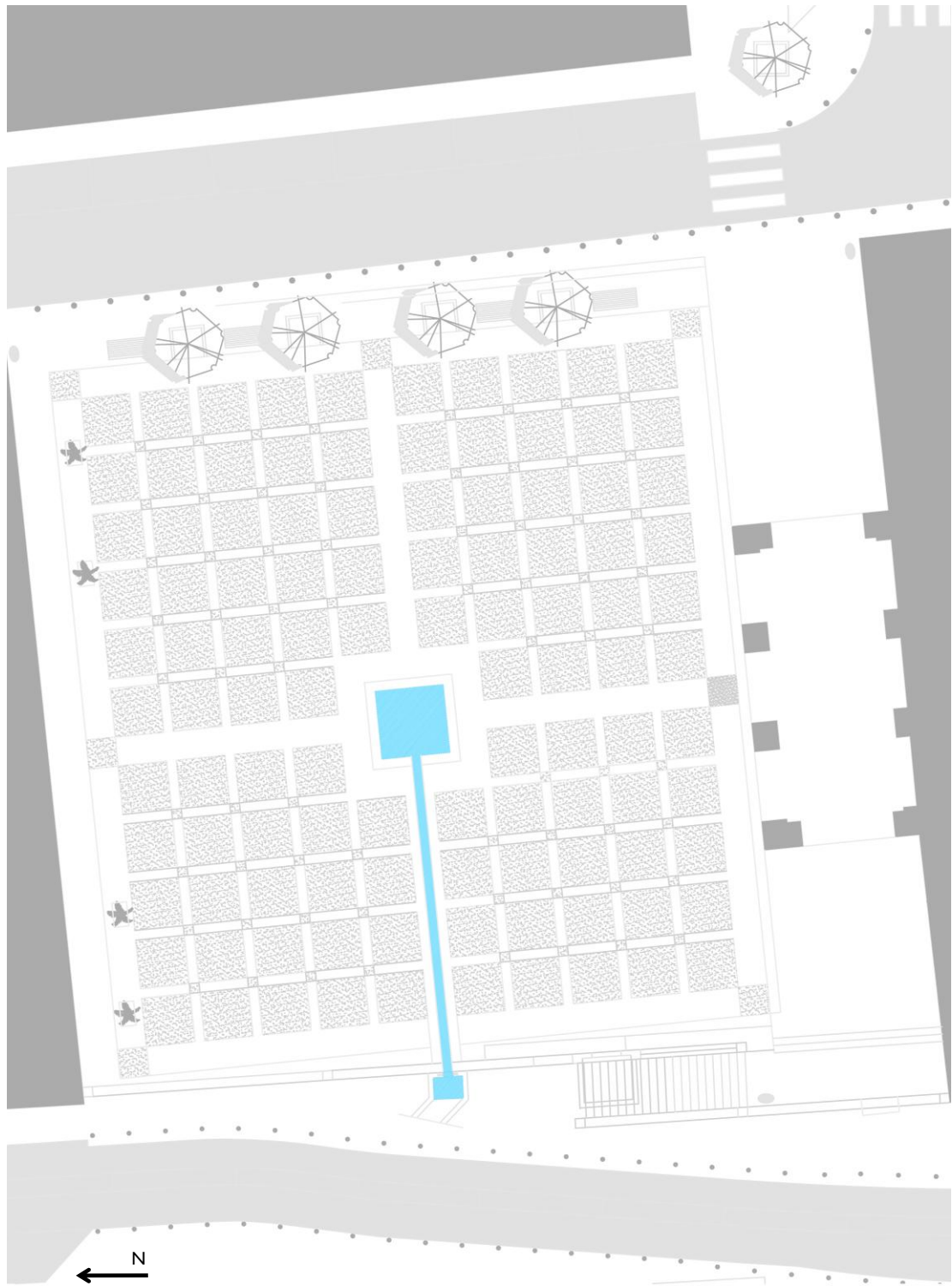
Turner, A.; Doxa, M.; O’Sullivan, D; Penn, A. (2001) “From isovists to visibility graphs: a methodology for the analysis of architectural space”, *Environment and Planning B: Planning and Design*, volume 28, pp. 103-121

Wiener, J. ; Franz, G.(2005) “Isovists as a means to predict spatial experience and behavior”, *Spatial Cognition IV Reasoning, Action, Interaction*, Berlin: Springer

Turner, A. (2001) *Depthmap: A Program to Perform Visibility Graph Analysis*, disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1.1.837&rep=rep1&type=pdf> [18-07-2009]

Anexos

Anexo A – Planta da intervenção urbana no Largo de S. Carlos em 2000 – Miguel Marques dos Santos, Sofia Velez



Anexo B – Registros de vídeo

Anexo C – Fichas de registo gráfico de observações

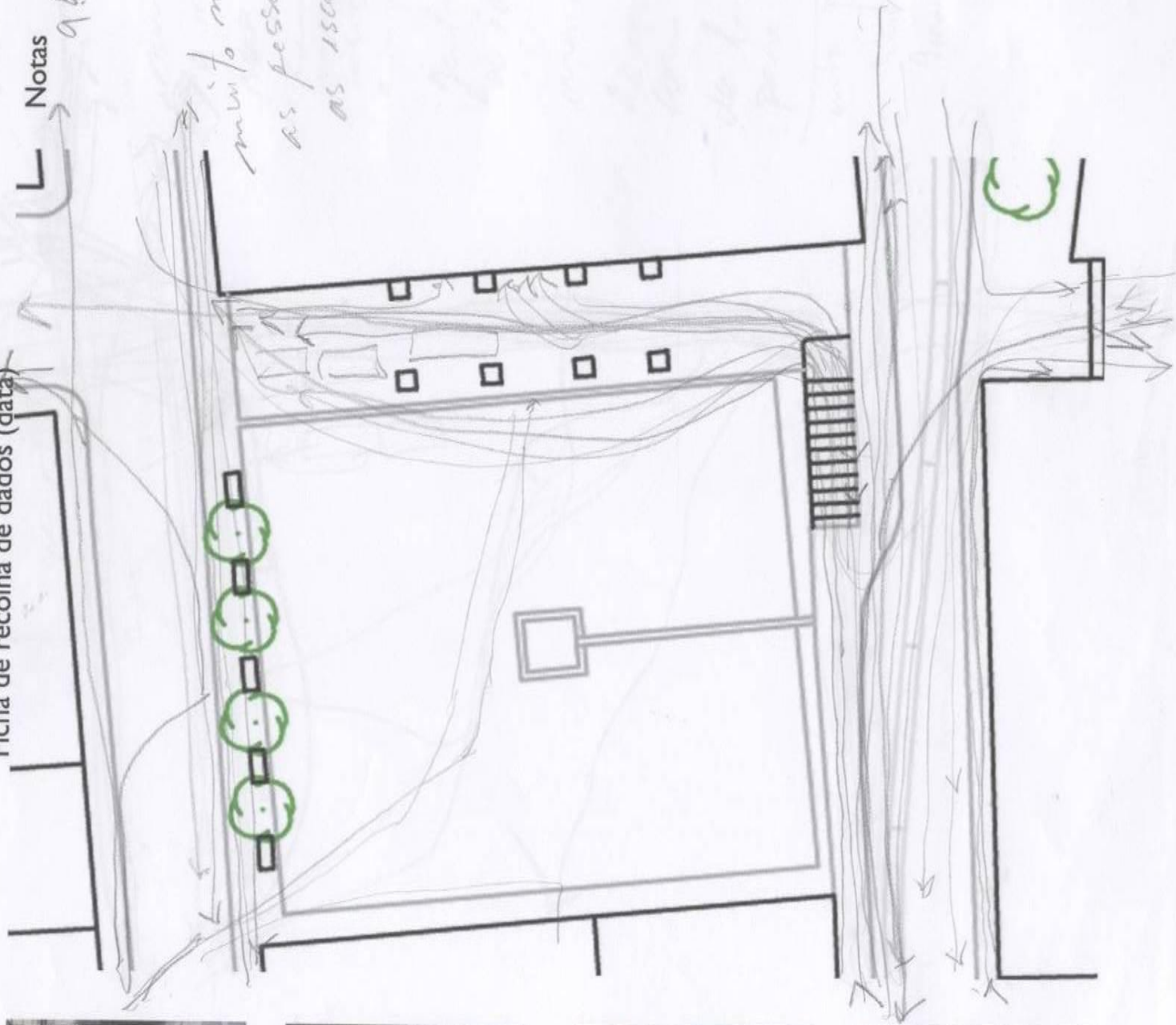
27 MAR

Ficha de recolha de dados (data)

Notas

9AS

maior movimento
as pessoas descem
as escadas sobrinho





Ficha de recolha de dados (data)

Notas

R.45

quando - só sabendo
a distribuição da
travessa dos feuf

pessoas a olho cru
pessoas a apontar
sobre as banc

pessoas FBA todas
trava sua capital

modo de
não registar be
que se deu do lado
é va pa travas do st

Casal de su

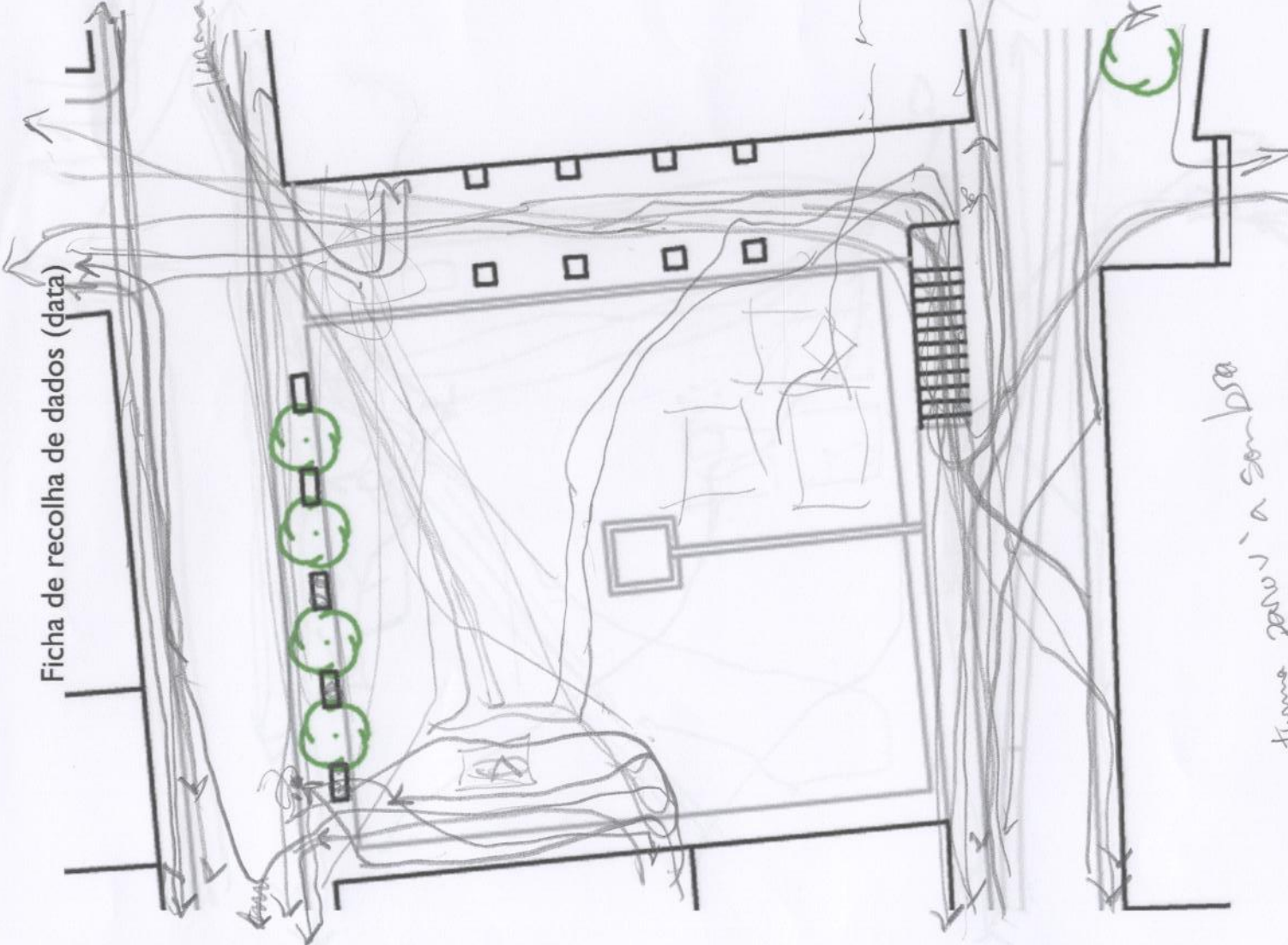
Cor de nos
deu umas voltas
e dps veio de a

Pe de em Tai
de São Cláudio
de São Cláudio

pessoas que vieram
adunçar

os habitantes dos
adver de fizeira fu

turno para a sombra



Ficha de recolha de dados (data)

Notas 18.05

prasa - loba e sombra

~~as coisas~~
Vitrinas vieram
de ~~uma~~ Serpe
Pinto e subitica
todo Escadas
diu lg chiado

suos paredes
ao pe da guarda

repariga que
vem e volta

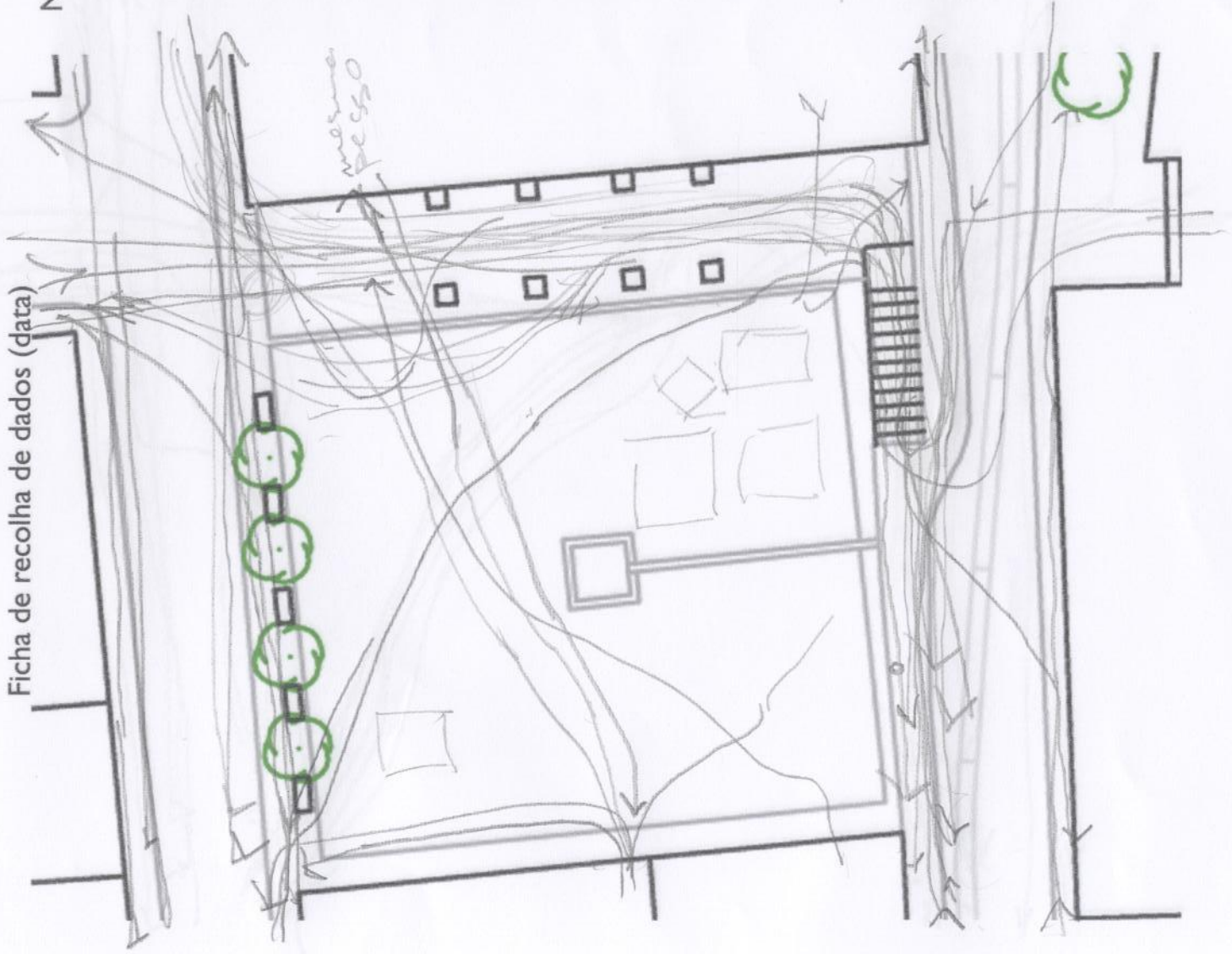
para trás

- Aica no canto
com arborescente

manimo do ano

sobre tudo

Subir Escadas



Ficha de recolha de dados (data)

Notas 18.20

minha bicicleta

minha
somedo
do cão

volta a aparecer
filho e pai
plano e vão

para
a travessa
dos testos

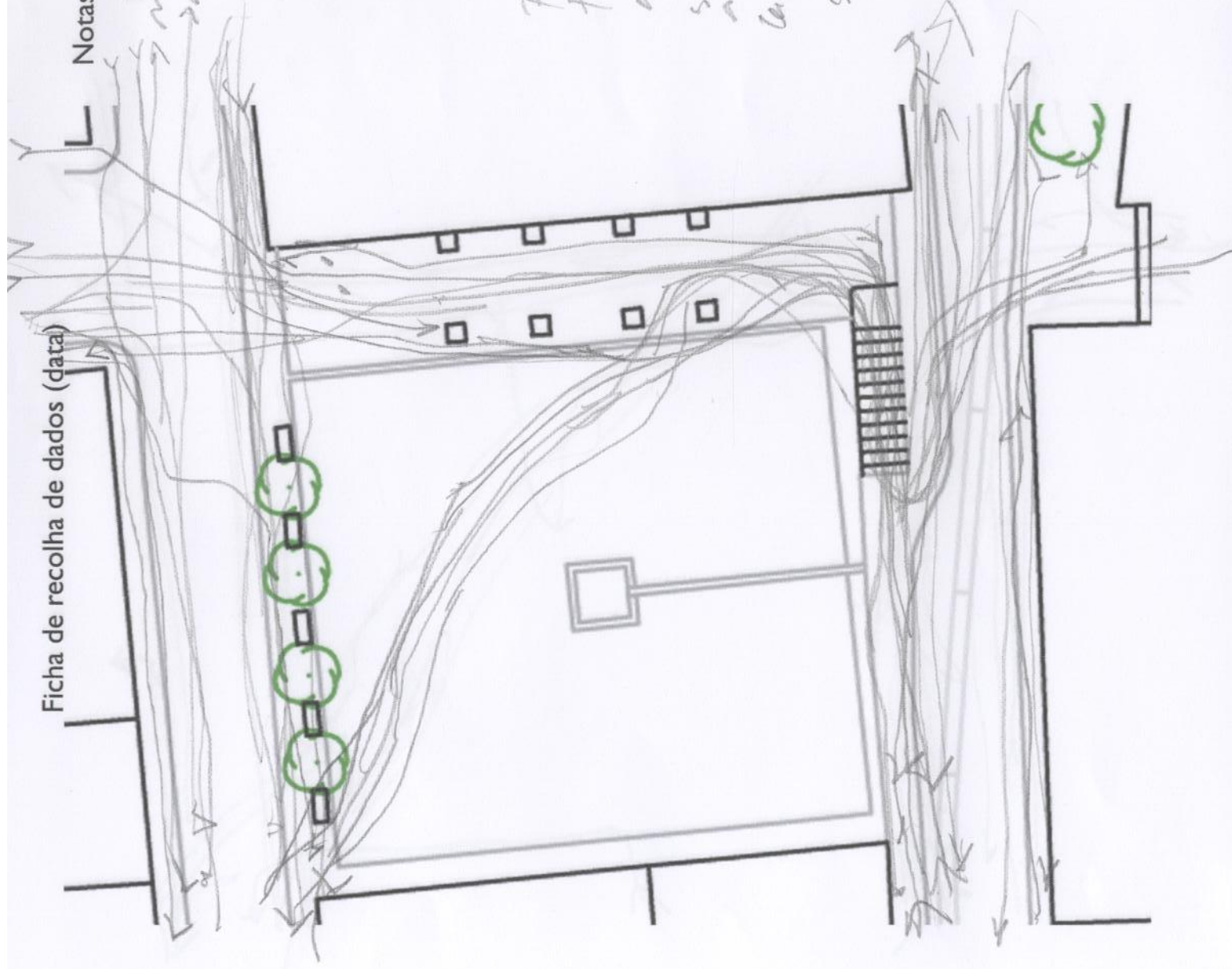
peçoas
para na esquina
em casa

na calções desse a pai
andred

casaco com de rosa

na com cão

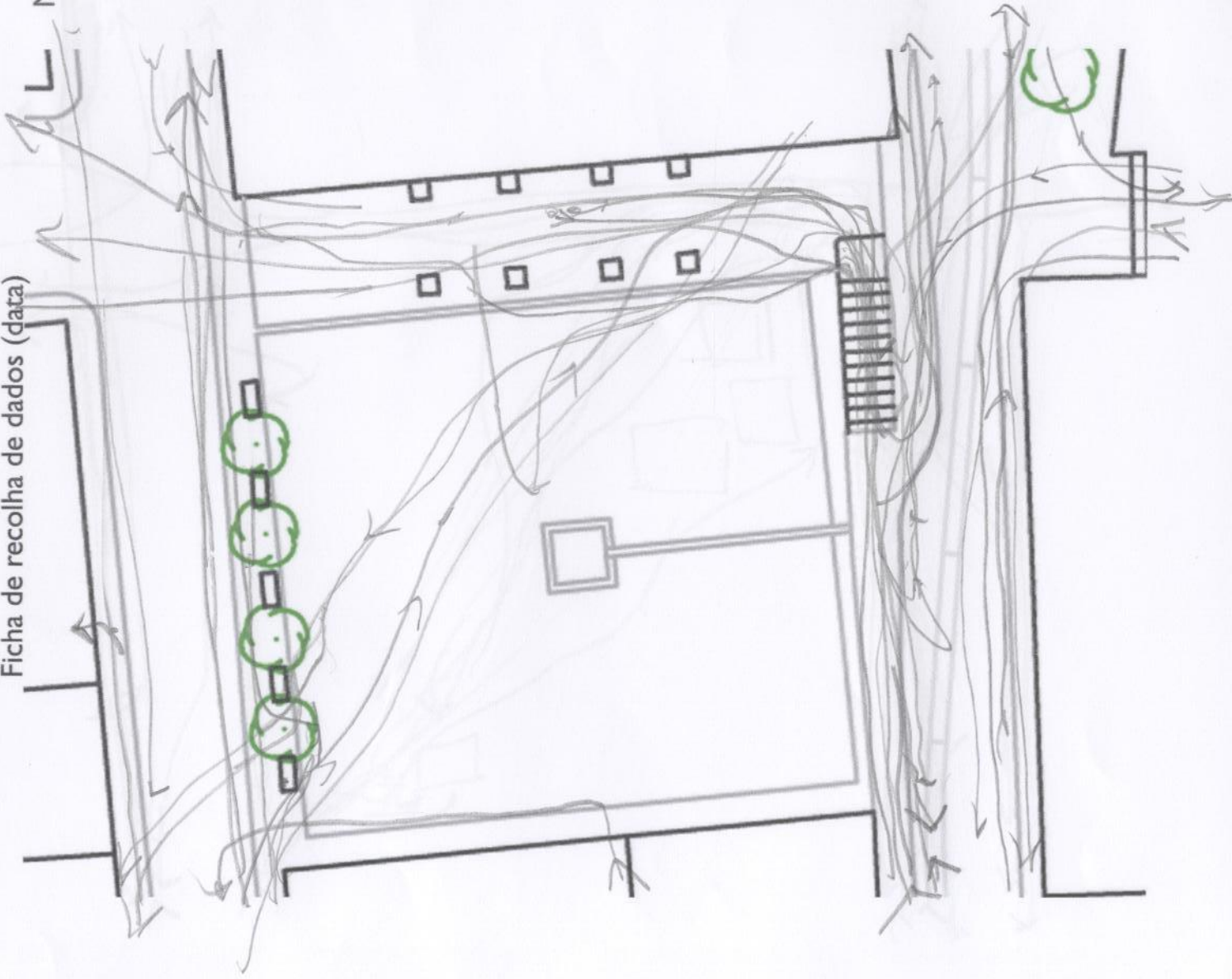
varios verde



Ficha de recolha de dados (data)

Notas 11.45

pouca visibilidade
para a esquina
com a rua Capelo
sobre o telhado do
Barlo
pessoa junto
a grade
sobre para
sobre a grade
que permeabiliza
sobre a grade dos
telhados



31 MAR

Notas 17.42

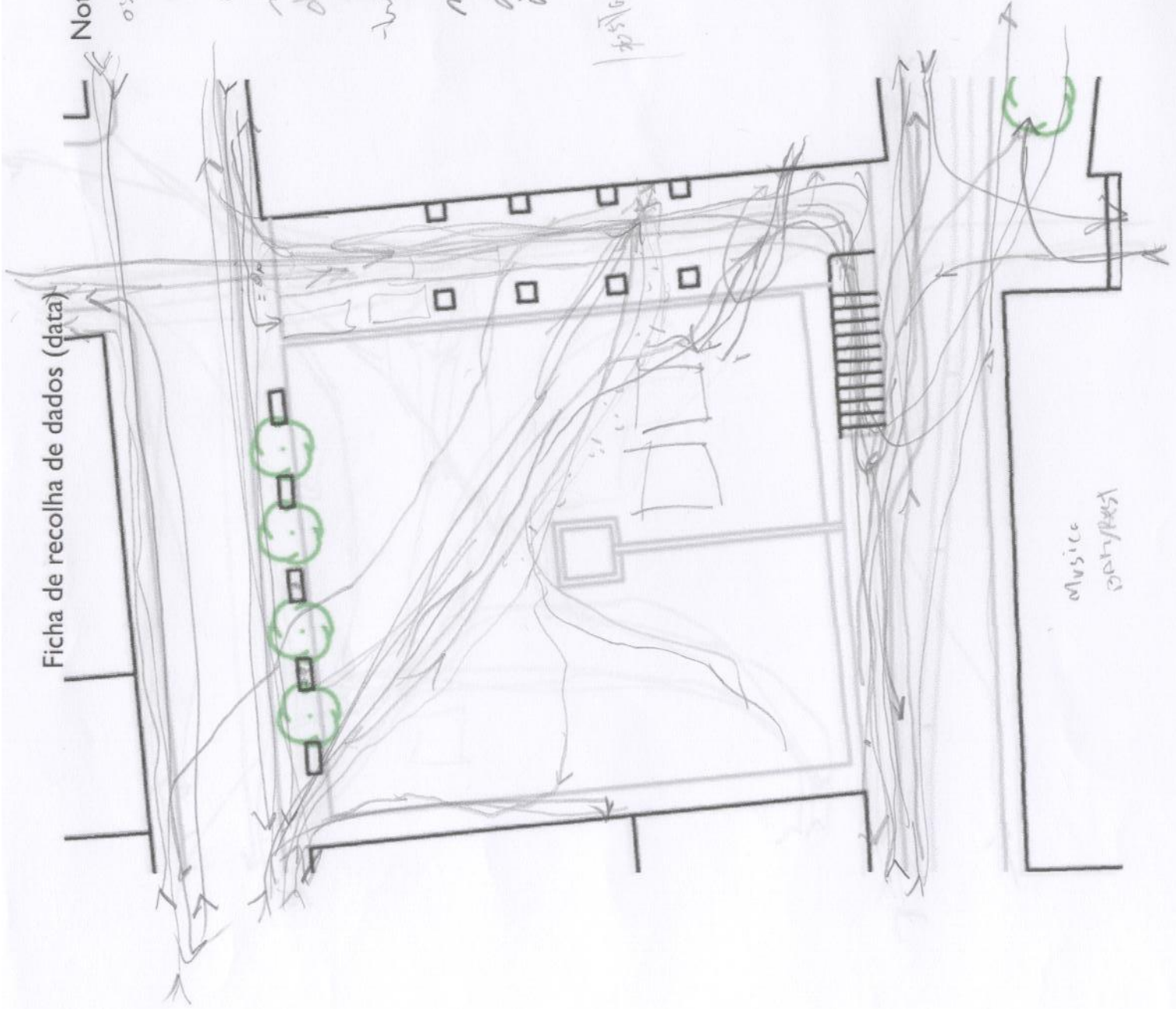
os carros entram

as pessoas andam
mais de vagar ao pé
do foyer

- visitas
muitas pessoas chegaram
da rua de baixo e não
das escadas

17/5/6

Ficha de recolha de dados (data)



MUSIC
CATH/REST

Ficha de recolha de dados (data)

A

Notas 18.00

as pessoas andam + devang
em direção ao pé do foyer

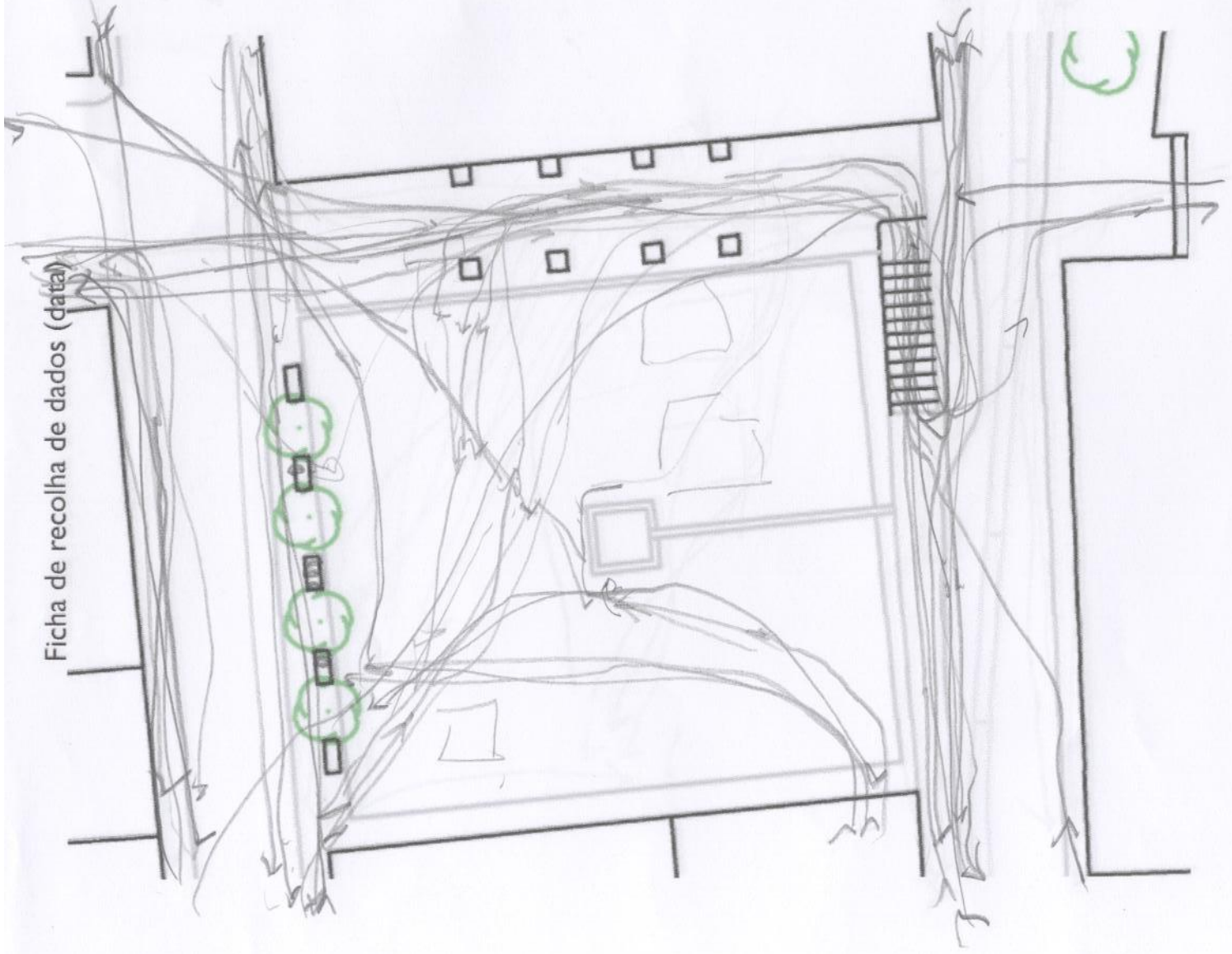
como sai

A Atril estava em
funcionamento

~~pedra~~
vendedores de pneus sapidos

- tanto primeiro como
top em baixo

sem hora Múica
- não do longo de pda do dia



M. 32

Notas

Actores no

largo do picadinho

se visto de

Fern pessoa

atravessa a

esplanada ao

café da manhã

pessoas a sair

de Foyer

Fern pessoa a tra

nos advogados

pessoas para o colar

no

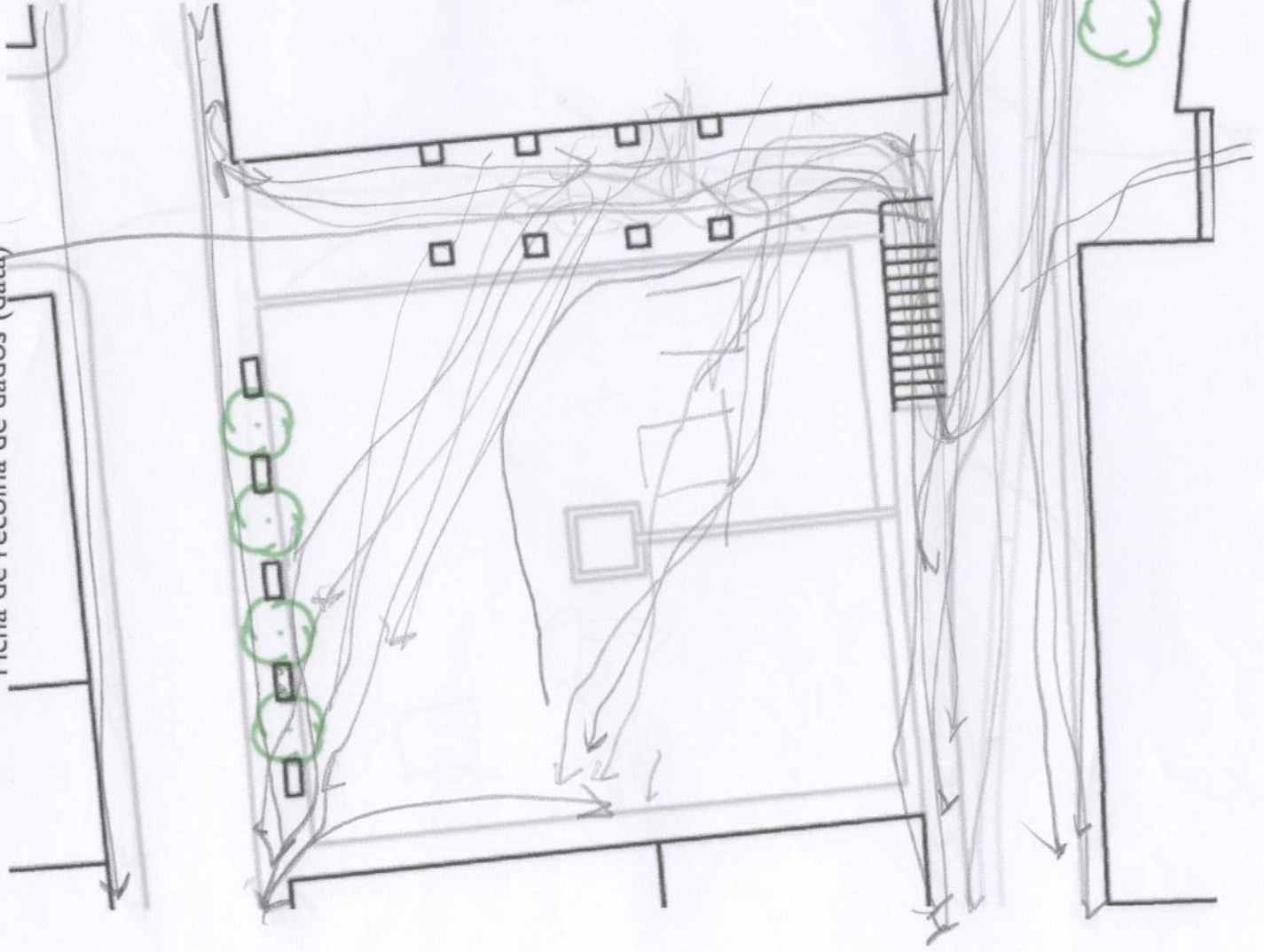
grupos

de 2 ou 3

minutos a ir

ou sair ao metro

Ficha de recolha de dados (data)



Ficha de recolha de dados (data)

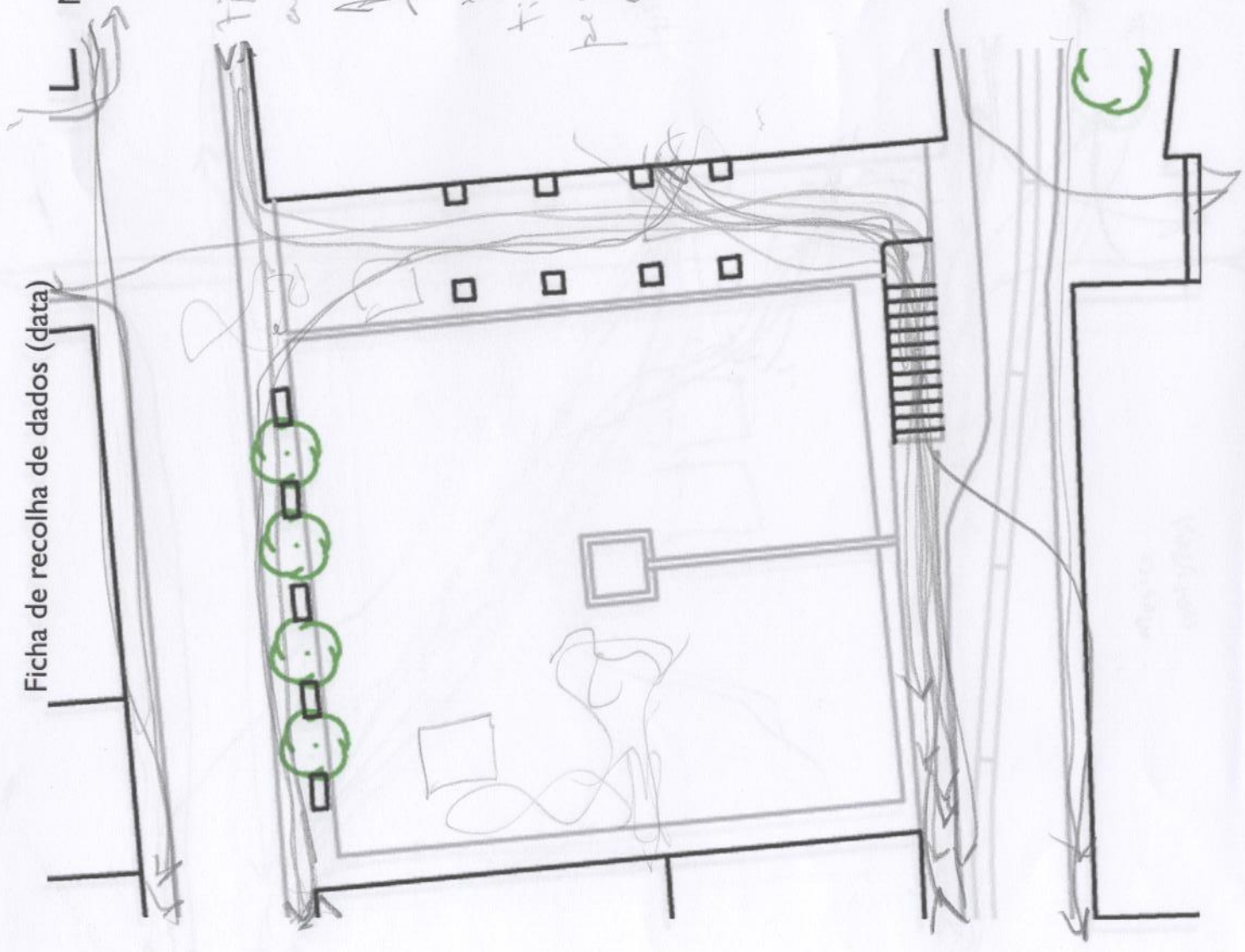
Notas 19.44

Tina fotos no fundo
e no lado

Amando pessoa
manuscrick

pessoas no canto
tinam fotos ao fundo

pessoa
continuu a sair gente do



Ficha de recolha de dados (data)

Notas

14.25 FLAUTA MÁG

VÁRIOS GRUPOS
DIF IDADES

ALICE
Pessoas a along

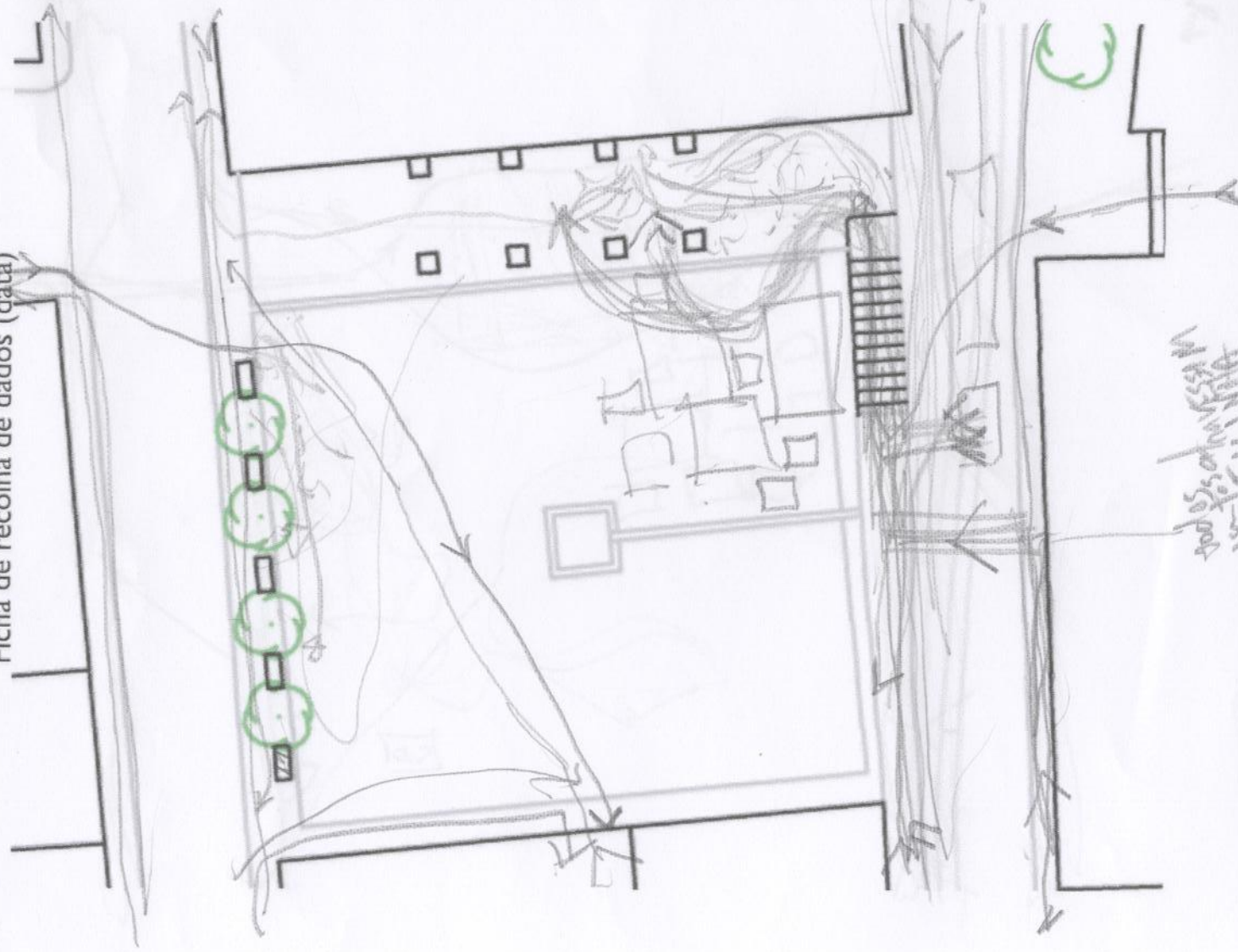
CHAPÉUS AZUIS
CONTORNAM MULT

MENINO CHAPEU
JUNTAM-SE

UNS AOS OUTROS

Pessoas a entrar
no escrit advogados

massa de pessoas
aproximam-se do spa



todos os dados
em
uma
ficha

2 LADK
A (PEQUENA) FLAUTA
MAGICA

A4 AD

Notas

Ficha de recolha de dados (data)

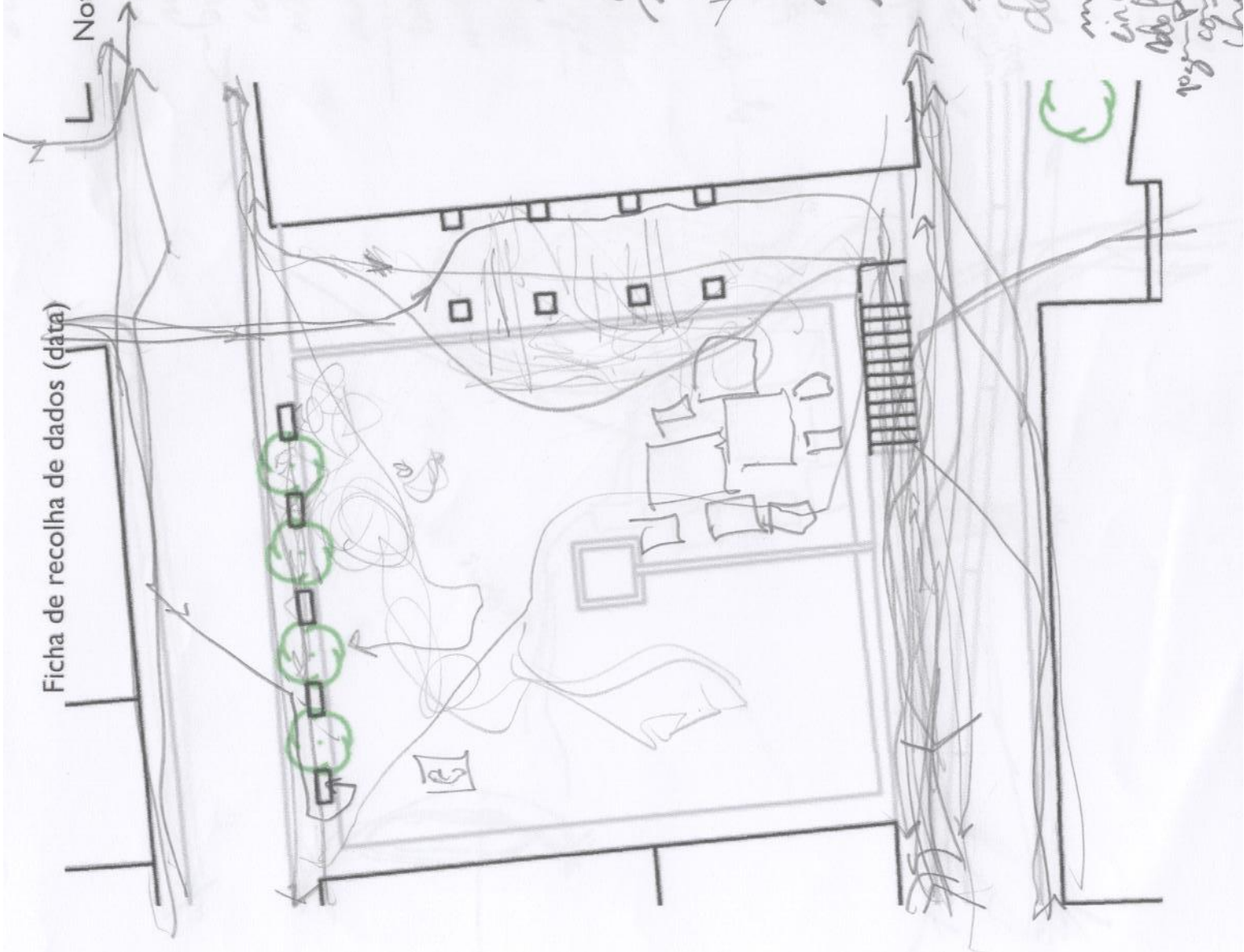
muitos chapéus
de solaberto

pessoas usam as
co-tim a haver
movimento
além de flauta mag

notas a fazer com
mala de reparar
sem P. o canto de

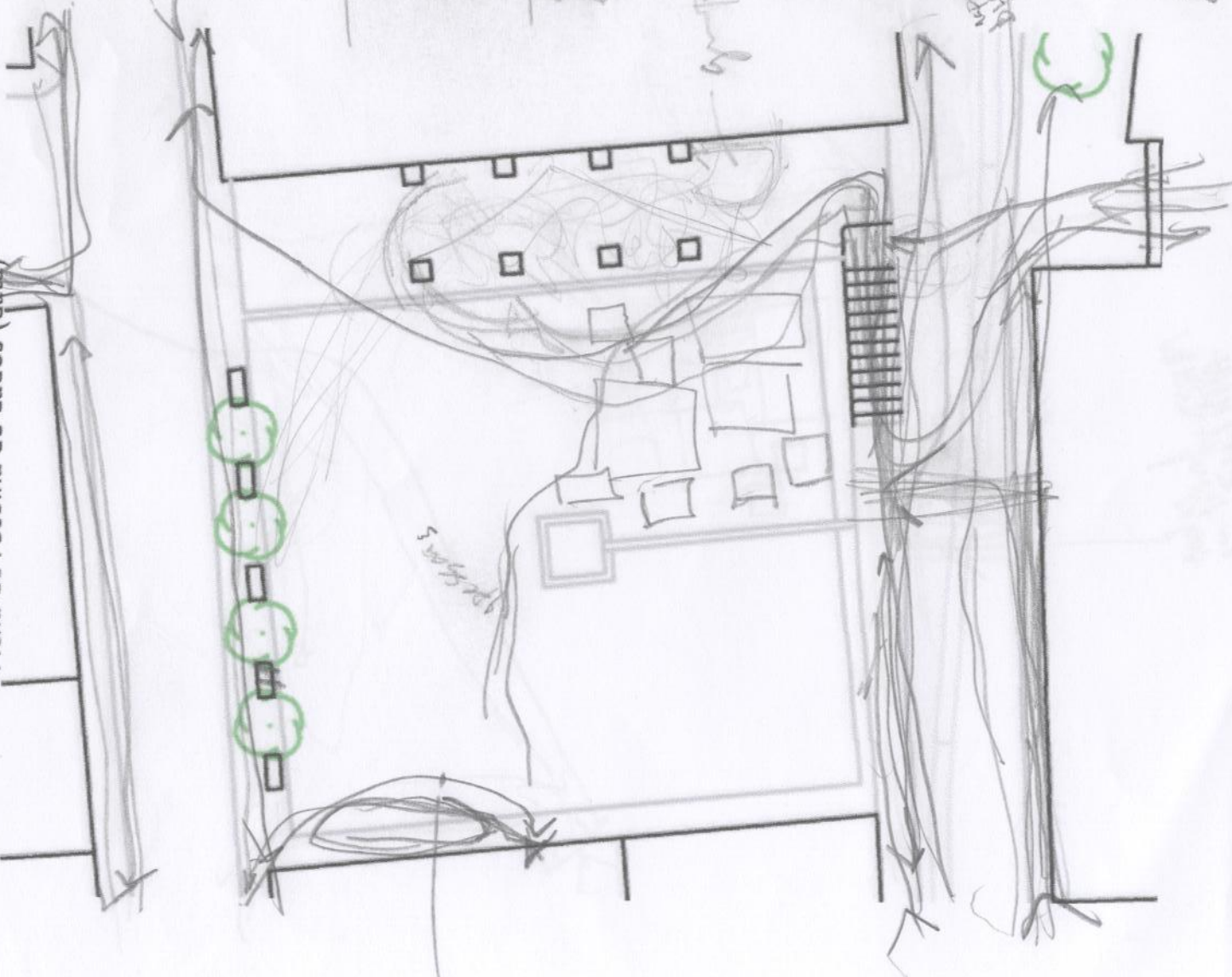
mais grupos de 60
acho que as pessoas
estão a andar
mais com meio

da rua hoje
muito pouco de pessoas
enquanto mais para a direita
de passeio do lado do S. Car
por isso
que começa a gente-se
chegar ao passeio a



22/08 A (PEQUENA) FLAUTA MAG

Ficha de recolha de dados (data)



Notas 14 55
 fora da sala das brochuras
 mais uma escola -
 bibe azul

conformagos
 outros por fora da
 arcada

bon-centro - se
 mais por baixo
 do arcada todos

alguns muros e
 espalhada

bibe azul e choro pelo
 outro lado da arcada

nessas a da
 pelo meio das
 mesas para evitar
 bibe azul e outros

após tanta trepa
 a parede

mais gente a passear
 do lado oposto ao Carlos
 agora pessoas a ver a parede
 azul

19/08/2014
 10h30
 11h30
 12h30
 13h30
 14h30
 15h30
 16h30
 17h30
 18h30
 19h30
 20h30
 21h30
 22h30
 23h30
 24h30

alguns muros e
 espalhada

grupos e roda

grupos

CC

15.05.2009

Ficha de recolha de dados (data)

Notas 21.25

Evento marcado para as 21.30
antes algumas pessoas estão
sentadas nas cadeiras, outras
esperam na varanda
muito trânsito, como ficam
poucos em fila
pessoas das viaductas
para o lado da parede
com a sua par

algumas pessoas
movimentam-se no
meio das cadeiras
pessoas debruçam-se sobre
a varanda
existe uma zona
reservada das
cadeiras ao centro
da montado no auto

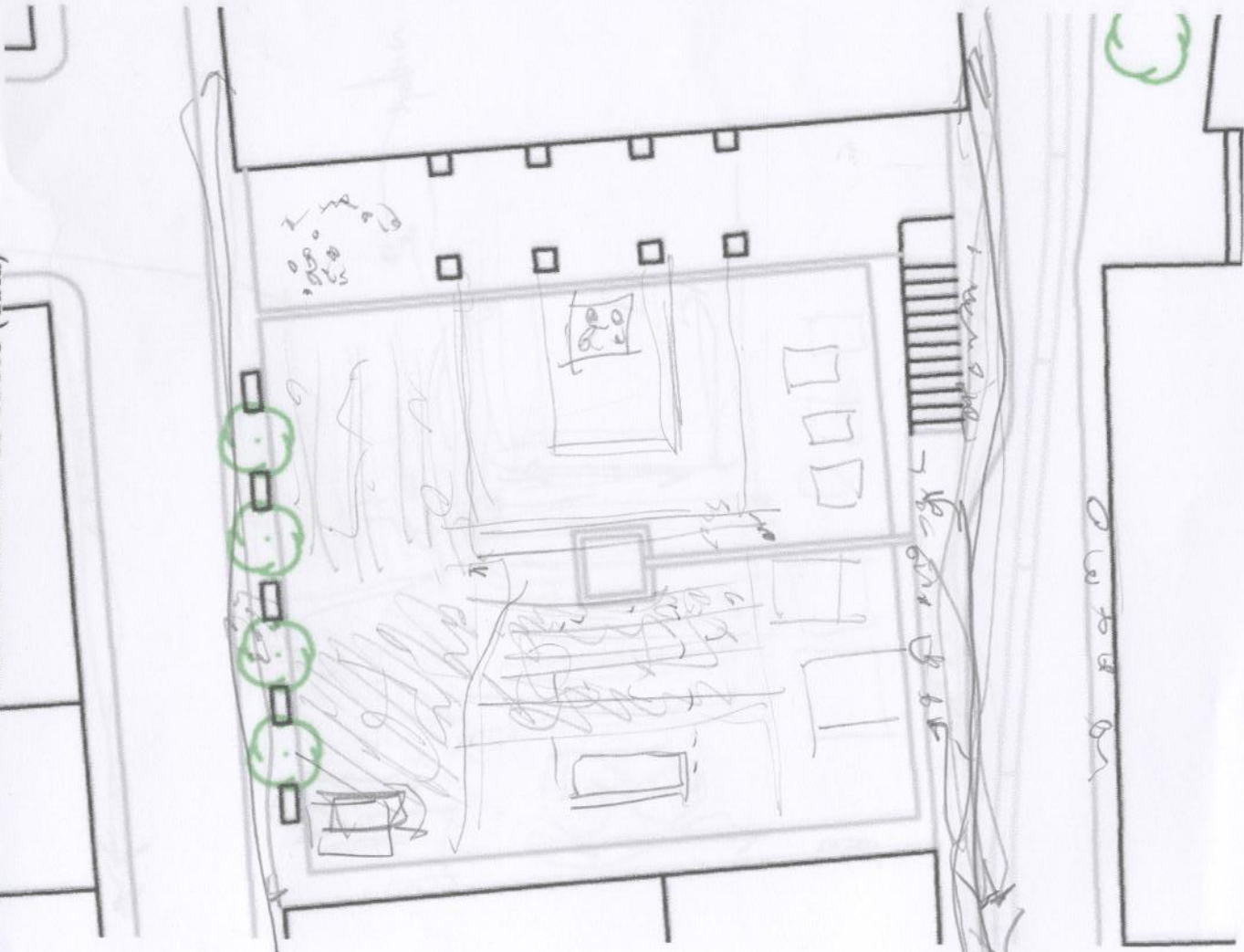
Música sobe o nível
de volume

Muito gente a chegar
pela porta de entrada de

concentramos alguns
pessoas jovens mais para
de André de



Ficha de recolha de dados (data)



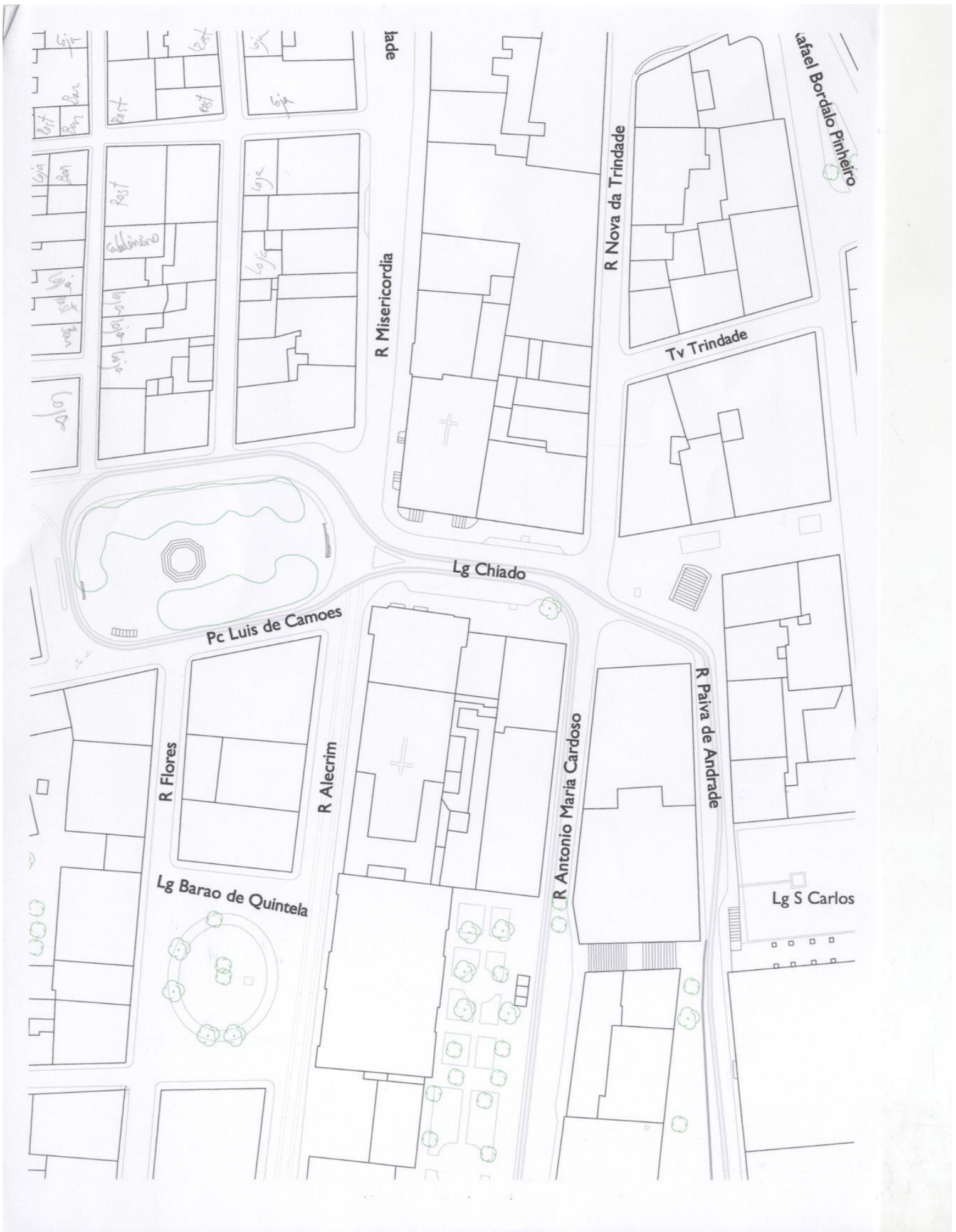
1230

Notas

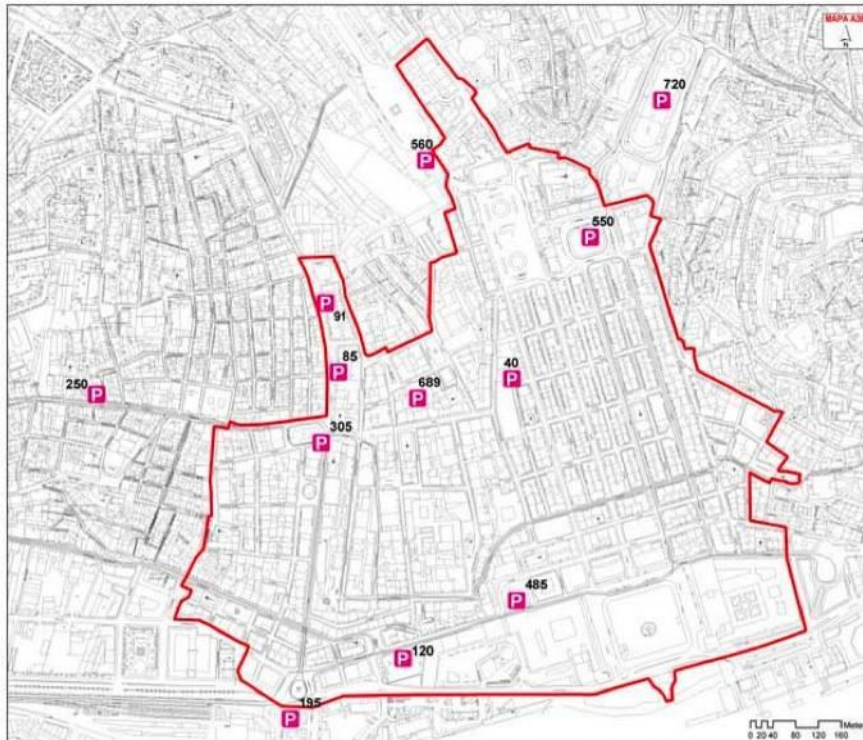
a entrada foi fechada
 a passagem do público
 muitas pessoas passaram e
 ficam surpreendidas
 movimentação e admissão
 de cadáveres
 também há pessoas q
 via propoziadamente
 para o evento
 muito tempo desde a
 hora marcada até ao
 início
 10.25 arquitectura do
 valor do teatro
 modelo de cultura
 entram os músicos
 grupo de teatro
 pelo movimento a zona
 das cadeiras
 movimento me
 Paiva de Andrade
 forma da organização vem
 convidar as pessoas a sentar
 movimento 5 do teatro
 os mais expositivos

Anexo D – Levantamento de usos





Anexo E – Redes de Mobilidade - Mapas auxiliares



CANDIDATURA DA BAIXA POMBALINA A LISTA DO PATRIMÓNIO MUNDIAL

PARQUES DE ESTACIONAMENTO

- ÁREA A CLASSIFICAR
- P PARQUES DE ESTACIONAMENTO E A SUA CAPACIDADE

